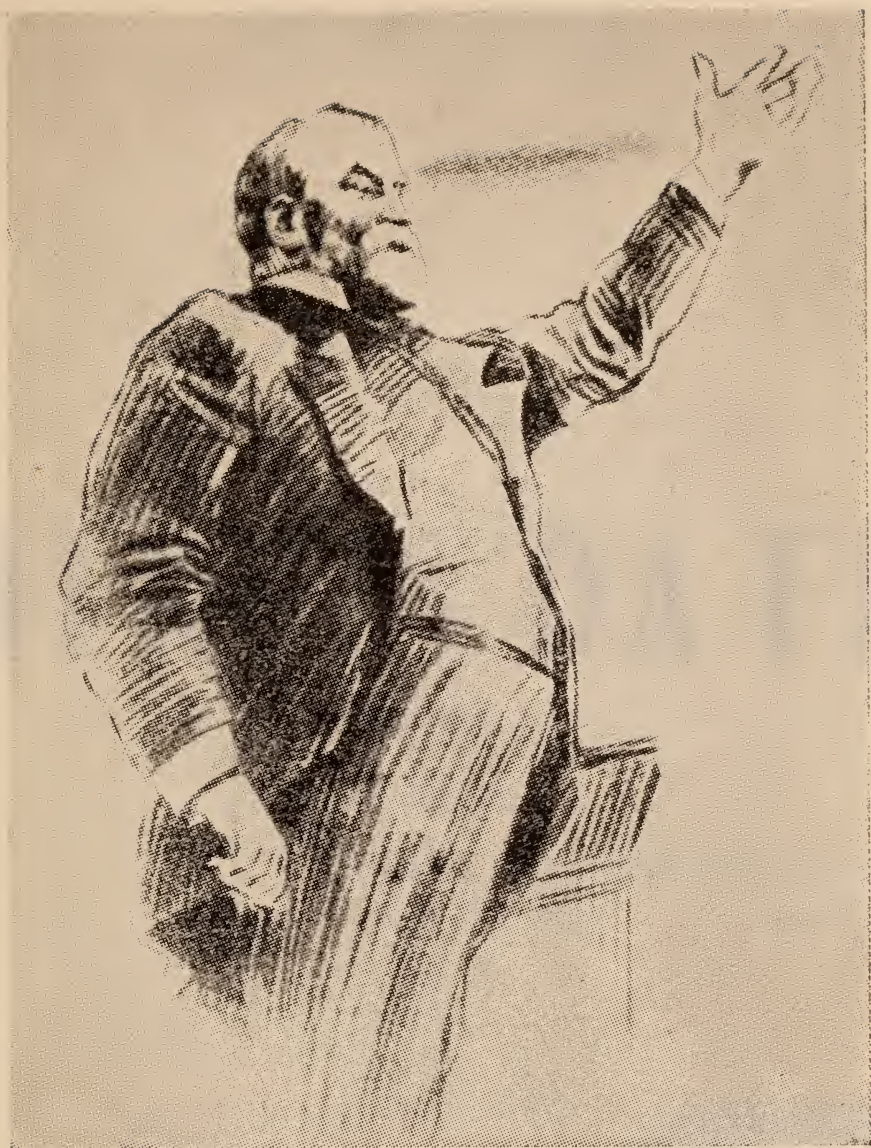
ORLANDO
BOYER
HEROIS
da FÉ
VOLUME II

HERÓIS DA FÉ

Volume II

2.ª Edição

DWIGHT LYMAN MOODY

Por gentileza de The Judson Press

"Cêrca de cinco mil homens, resolvidos a dominar o culto, entraram e ocuparam todos os bancos..."

Página 121

ORLANDO BOYER

HERÓIS DA FÉ

VOLUME II

2.ª Edição

"Falaram de tal modo que creu uma grande multidão". Atos 14.1.

ORLANDO BOYER
Rua Abagerú, 256
Vila Cosmos — Penha
RIO DE JANEIRO

ÍNDICE

O SOLUÇO DE UM BILHÃO DE ALMAS

Diz-se que Martinho Lutero tinha um amigo íntimo, cujo nome era Miconio. Ao ver Lutero sentado dias a fio trabalhando no serviço para o Mestre, Miconio ficou penalizado e disse-lhe: "Posso ajudar mais onde estou; permanecerei aqui orando enquanto tu perseveras incansàvelmente na luta." Miconio orou dias seguidos por Martinho .Mas enquanto perseverava em oração, começou a sentir o pêso da própria culpa. Certa noite sonhou com o Salvador, o Qual lhe mostrou as mãos e os pés. Mostrou-lhe também a fonte na qual o purificara de todo o pecado. "Segue-me", disse-lhe o Salvador, levando-o para um alto monte de onde apontou para o nascente. Miconio viu uma planície que se estendia até ao longínquo horizonte. A vasta planície estava coberta de ovelhas, de muitos milhares de ovelhas brancas. Sòmente havia um homem, Martinho Lutero, que se esforçava para apascentar a tôdas. Então o Salvador disse a Miconio que olhasse para o poente; viu então vastos campos de trigo brancos para a ceifa. O único ceifador, que lidava para segá-los, estava quase exausto, contudo persistia na sua tarefa. Nessa altura Miconio reconheceu o solitário ceifeiro, seu bom amigo, Martinho Lutero! Ao despertar do sono, Miconio tomou esta resolução: "Não posso ficar aqui orando enquanto Martinho se afadiga na obra do Senhor. As ovelhas devem ser pastoreadas; os campos têm de ser ceifados. Eis-me

aqui, Senhor; envia-me a mim!" Foi assim que Miconio saiu para compartilhar do labor de seu fiel amigo.

Jesus nos chama para trabalhar e orar. É de joelhos que a Igreja de Cristo avança. Foi Lionel Fletcher quem escreveu:

"Todos os grandes ganhadores de almas através dos séculos foram homens e mulheres incansáveis na oração. Conheço quase todos os pregadores de êxito da geração atual, tanto como os da geração próxima passada, e sei que todos foram homens de intensa oração.

"Certo evangelista tocou-me profundamente a alma quando eu era ainda jovem reporter dum diário. Êsse evangelista estava hospedado em casa de um pastor presbiteriano. Bati à porta e pedi para falar com o evangelista. O pastor, com voz trêmula e com o rosto iluminado por estranha luz, respondeu: Nunca se hospedou um homem como êle em nossa casa. Não sei quando êle dorme. Se fôr ao seu quarto durante a noite para saber se precisa de alguma coisa, encontro-o orando. Vi-o entrar no templo cedo de manhã e não voltou para as refeições.

"Fui à igreja... Entrei furtivamente para não perturbá-lo. Achei-o sem palitó e sem colarinho. Estava caído de bruços diante do púlpito. Ouvi a sua voz como que agonizante e comovente instando com Deus em favor daquela cidade de garimpeiros, para que dirigisse almas ao Salvador. Tinha orado tôda a noite; tinha orado e jejuado o dia inteiro.

"Aproximei-me furtivamente do lugar onde êle orava prostrado no chão. Ajoelhei-me e puz a mão sôbre seu ombro. O suor caía-lhe pelo corpo. Êle nunca me tinha visto, mas fitou-me por um momento e então rogou: "Ore comigo, irmão. Não posso viver se esta cidade não se chegar a Deus." Pregara ali vinte dias sem haver conversões. Ajoelhei-me ao seu lado e oramos

juntos. Nunca ouvira alguém insistir como êle. Voltei de lá assombrado, humilhado e estremecendo.

"Aquela noite assisti o culto no grande templo onde êle pregou. Ninguém sabia que êle não comera durante o dia inteiro, que não dormira durante a noite anterior. Mas, ao levantar-se para pregar, ouvi diversos ouvintes dizerem: "A luz do seu rosto não é da terra." E não era. Êle era conceituado instrutor bíblico mas não tinha o dom de pregar. Porém, nessa noite, enquanto pregava, o auditório inteiro foi tomado pelo poder de Deus. Foi a primeira grande colheita de almas que presenciei."

Há muitas testemunhas oculares do fato de Deus continuar a responder às orações como no tempo de Lutero, Edwards e Judson. Transcrevemos aqui o seguinte comentário publicado em certo jornal:

"A irmã Dabney é uma crente humilde que se dedica a orar... Seu marido, pastor de uma grande igreja, foi chamado para abrir a obra em um subúrbio habitado pelos pobres. No primeiro culto não veio nenhum ouvinte; sómente êle e ela assistiram. Ficaram desenganados. Era um campo dificílimo; o povo não era sòmente pobre, mas depravado também. A irmã Dabney viu que não havia esperança a não ser clamar a Deus, e resolveu dedicar-se persistentemente à oração. Fêz um voto a Deus que, se Êle atraísse os pecadores aos cultos e os salvasse, ela se entregaria à oração e jejuaria três dias e três noites, no templo, tôdas as semanas, durante um período de três anos."

"Logo, que essa espôsa de um pastor angustiado começou a orar, sózinha no salão de cultos, Deus começou a operar, enviando pecadores, a ponto de o lugar ficar superlotado de ouvintes. Seu marido pediu que orasse ao Senhor e pedisse um salão maior. Deus moveu o coração de um comerciante para desocupar o prédio fronteiro ao salão, cedendo-o para os cultos. Continuou a orar e a jejuar três vêzes por semana, e aconteceu

que o salão maior também não comportava os auditórios. Seu marido pediu novamente que orasse e pedisse um edifício onde todos quantos desejassem assistir aos cultos pudessem entrar. Ela orou e Deus lhes deu um grande templo situado na rua principal dêsse subúrbio. No novo templo, também, a assistência aumentou a ponto de muitos dos ouvintes serem obrigados a assistir as pregações de pé, na rua. Muitos foram libertos do pecado e batizados."

Quando os crentes sentem dores, em oração é que renascem almas. "Aquêles que semeiam em lágrimas, com júbilo ceifarão."

"O soluço de um bilhão de almas na terra me soa aos ouvidos e comove o coração; esforço-me, pelo auxílio de Deus, para avaliar, ao menos em parte, as densas trevas, a extrema miséria e o indescritível desespêro dêsses mil milhões de almas sem Cristo. Medita, irmão, sôbre o amor do Mestre, amor profundo como o mar; contempla o horripilante espetáculo do desespêro dos povos perdidos, até não poderes censurar, até não poderes descansar, até não poderes dormir."

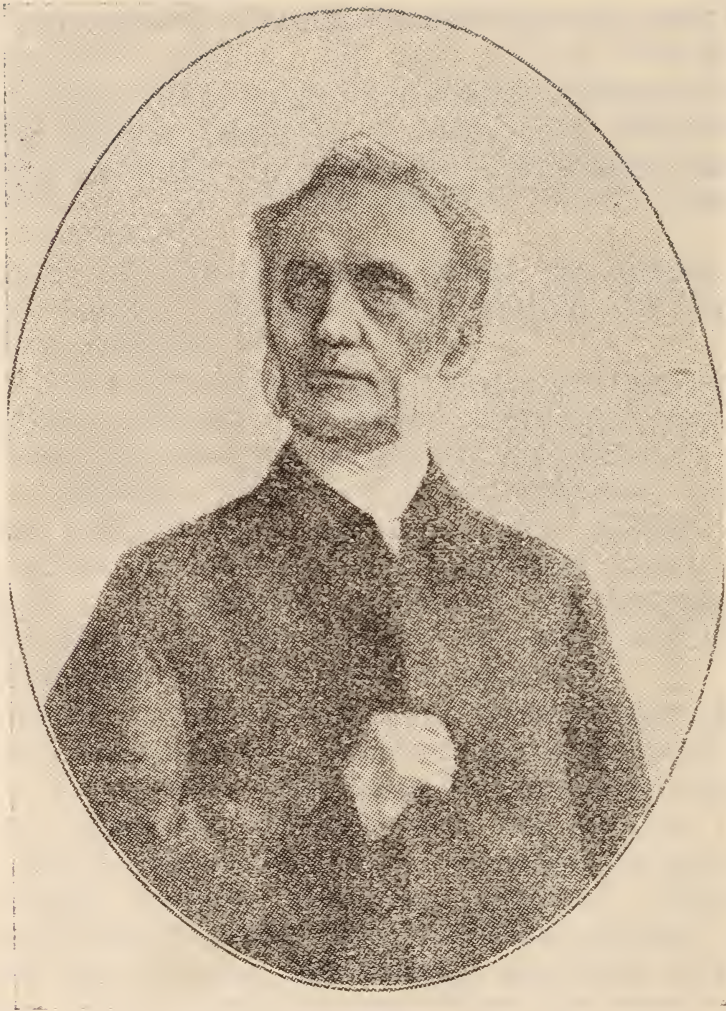
Sentindo as necessidades dos homens que perecem sem Cristo, foi que Carlos Inwood escreveu o que lemos acima, e é por essa razão que se abraza a alma dos heróis da Igreja de Cristo através dos séculos.

Na campanha de Piemonte, Napoleão dirigiu-se aos seus soldados com as seguintes palavras: "Ganhastes sangrentas batalhas sem canhões, atravessastes caudalosos rios sem pontes, marchastes incríveis distâncias descalços, acampastes inúmeras vêzes sem coisa alguma para comer. Graças à vossa audaciosa perseverança! Mas, guerreiros, é como se não tivéssemos feito coisa alguma, pois resta ainda muito para alcançarmos!"

Guerreiros da causa santa; nós podemos dizer o mesmo; é como se não tivéssemos feito coisa alguma. A audaciosa perseverança é-nos ainda indispensável; há

mais almas para salvar atualmente do que no tempo de Muler, de Livingstone, de Paton, de Spurgeon e de Moody.

"Ai de mim, se não anunciar o Evangelho!" I Coríntios 9:16.

Não podemos tapar os ouvidos espirituais para não ouvir o chôro e os suspiros de mais que um bilhão de almas na terra que não conhecem o caminho para o lar celestial.

Jorge Muler

JORGE MULER

APÓSTOLO DA FÉ

1805-1898

"Pela fé Abel... Pela fé Noé... Pela fé Abraão..." Assim é que o Espírito Santo conta as incríveis proezas que Deus fêz por intermédio dos homens que ousaram confiar ùnicamente nÊle. Foi no século XIX que Deus acrescentou o seguinte a essa lista: "Pela fé Jorge Muler levantou orfanatos, alimentou milhares de órfãos, pregou a milhões de ouvintes em redor do globo e ganhou multidões de almas para Cristo".

Jorge Muler nasceu em 1805 de pais que não conheciam a Deus. Com a idade de dez anos foi enviado à Universidade a fim de preparar-se para pregar o Evangelho, não, porém, com o alvo de servir a Deus, mas para ter uma vida cômoda. Gastou êsses primeiros anos de estudo nos mais desenfreados vícios, chegando, certa vez, a ser prêso por vinte e quatro dias. Jorge, uma vez sôlto, esforçava-se nos estudos, levantando-se às quatro da manhã e estudando o dia inteiro até às dez da noite. Tudo isso, porém, êle fazia para alcançar uma vida descansada de pregador.

Aos vinte anos de idade, contudo, houve uma completa transformação na vida dêsse moço. Assistiu a um culto onde os crentes, de joelhos, pediram que Deus fi-

zesse cair Sua bênção sôbre a reunião. Nunca se esqueceu dêsse culto, em que viu, pela primeira vez, crentes orarem ajoelhados; ficou profundamente comovido com o ambiente espiritual a ponto de buscar também a presença de Deus, costume êsse que não abandonou durante o resto da vida.

Foi nesses dias, depois de sentir-se chamado para ser missionário, que passou dois meses hospedado no famoso orfanato de A. H. Franke. Apesar dêsse fervoroso servo de Deus, o Sr. Franke, ter morrido quase cem anos antes (em 1727), o seu orfanato continuava a funcionar com as mesmas regras de confiar inteiramente em Deus para todo o sustento. Mais ou menos ao mesmo tempo em que Jorge Muler se hospedou no orfanato, um certo dentista, o Sr. Graves, abandonou as suas atividades que lhe davam um salário de 7.500 dólares por ano, a fim de ser missionário na Pérsia, confiando só nas promessas de Deus para suprir todo o seu sustento. Foi assim que Jorge Muler, o novo pregador, recebeu nessa visita a inspiração que o levou mais tarde a fundar seu orfanato sôbre os mesmos princípios.

Logo depois de abandonar sua vida de vícios, para andar com Deus, chegou a reconhecer o êrro, mais ou menos universal, de ler muito acêrca da Bíblia e quase nada da Bíblia. Êsse livro tornou-se a fonte de tôda a inspiração e o segrêdo do seu maravilhoso crescimento espiritual. Êle mesmo escreveu: "O Senhor me ajudou a abandonar os comentários e a usar a simples leitura da Palavra de Deus com meditação. O resultado foi que, quando, a primeira noite, fechei a porta do meu quarto para orar e meditar sôbre as Escrituras, aprendi mais em poucas horas do que antes durante alguns meses." E acrescentou: "A maior diferença, porém, foi que recebi, assim, fôrça verdadeira para a minha alma". Antes de falecer disse que lera a Bíblia inteira cêrca de duzentas vêzes; cem vêzes o fêz estando de joelhos.

Quando estava ainda no seminário, nos cultos domésticos de noite com os outros alunos, freqüentemente continuou orando até à meia noite. De manhã ao acordar, chamava-os de novo para a oração às seis horas.

Certo pregador, pouco tempo antes da morte de Jorge Muler, perguntou-lhe se orava muito. A resposta foi esta: "Algumas horas todos os dias. E ainda, vivo no espírito de oração; oro enquanto ando, enquanto deitado e quando me levanto. Estou constantemente recebendo respostas. Uma vez persuadido de que certa coisa é justa, continuo a orar até a receber. Nunca deixo de orar!... Milhares de almas têm sido salvas em respostas às minhas orações... Espero encontrar dezenas de milhares delas no céu... O grande ponto é nunca cansar de orar antes de receber a resposta. Tenho orado 52 anos, diàriamente, por dois homens, filhos dum amigo da minha mocidade. Não são ainda convertidos, porém, espero que o venham a ser. Como pode ser de outra forma? Há promessa inabalável de Deus e sôbre ela eu descanso".

Não muito antes de seu casamento não se sentia bem com o costume de salário fixo, preferindo confiar em Deus em vez de confiar nas promessas dos irmãos. Deu sôbre isso as seguintes três razões: "(1) Um salário significa uma importância designada, geralmente adquirida do aluguel dos bancos. Mas a vontade de Deus não é alugar bancos. (Tiago 2:1-6). (2) O preço fixo dum assento na igreja, às vêzes, é pesado demais para alguns filhos de Deus e não quero colocar o menor obstáculo no caminho do progresso espiritual da igreja. (3) Tôda a idéia de alugar os assentos e ter salário tornam-se tropeços para o pregador, levando-o a trabalhar mais pelo dinheiro do que por razões espirituais".

Jorge Muler achava quase impossível ajuntar e guardar dinheiro, para qualquer emergência imprevista, sem também recorrer a tal fundo para suprir as

necessidades em vez de ir direto a Deus. Assim o crente confia no dinheiro em vez de confiar em Deus.

Um mês depois de seu casamento, colocou uma caixa no salão de cultos e anunciou que podiam deitar lá as ofertas para o seu sustento e que, daí em diante, não pediria mais nada, nem a seus amados irmãos; porque, como êle disse, "Sem o aperceber, tenho sido levado a confiar no braço de carne em vez de ir diretamente ao Senhor".

O primeiro ano findou com grande triunfo e Jorge Muler disse aos irmãos que, apesar da pouca fé ao começar, o Senhor tinha ricamente suprido tôdas as necessidades materiais e, o que foi ainda mais importante, tinha-lhe concedido o privilégio de ser um instrumento na Sua obra.

O ano seguinte, foi, porém, de grande provação, porque muitas vêzes não lhe restava nem um xelim. E Jorge Muler acrescenta que no momento próprio a sua fé sempre foi recompensada com a chegada de dinheiro ou alimentos.

Certo dia, quando só restavam oito xelins, Muler pediu ao Senhor que lhe desse dinheiro. Esperou muitas horas sem qualquer resposta. Então chegou uma senhora e perguntou: "O irmão precisa de dinheiro?" Foi uma grande prova da sua fé, porém, o pastor respondeu: "Minha irmã, eu disse aos irmãos, quando abandonei meu salário, que só informaria ao Senhor a respeito das minhas necessidades". — "Mas", respondeu a senhora, "Êle me disse que eu desse isto", e colocou 42 xelins na mão do pregador.

Outra vez passaram-se três dias sem terem dinheiro em casa e foram fortemente assaltados pelo Diabo, a ponto de quase resolverem que tinham errado em aceitar a doutrina de fé nesse sentido. Quando, porém, voltou ao seu quarto achou 40 xelins que uma irmã deixara.

E êle acrescentou, então: "Assim triunfou o Senhor e nossa fé foi fortalecida".

Antes de findar o ano, acharam-se de novo inteiramente sem dinheiro, num dia em que tinham de pagar o aluguel. Pediram a Deus e o dinheiro foi enviado. Nessa ocasião Jorge Muler fêz para si a seguinte regra da qual nunca desviou depois: "Não nos endividaremos porque achamos que tal coisa não é bíblica (Rom. 13:8), e assim não teremos contas a pagar. Sòmente compraremos o que pudermos, tendo o dinheiro em mão; assim sempre saberemos quanto realmente possuímos e quanto temos o direito de dar".

Deus assim gradualmente treinava o novo pregador a confiar nas Suas promessas. Estava tão certo da fidelidade das promessas da Bíblia, que não se desviou, durante todos os longos anos da sua obra no orfanato, da resolução de não pedir ao próximo, nem de se endividar.

Um outro segrêdo que o levou a alcançar tão grande bênção em confiar em Deus foi a sua resolução de usar o dinheiro que recebia sòmente para o fim a que fôra destinado. Disso nunca se desviou, nem para tomar emprestado de tais fundos, apesar de se achar milhares de vêzes face a face com a maior necessidade.

Nesses dias, quando começou a provar as promessas de Deus, ficou comovido pelo estado dos órfãos e pobres crianças que encontrava nas ruas. Ajuntou algumas dessas crianças para comer consigo às oito horas da manhã e a seguir durante uma hora e meia ensinava-lhes das Escrituras. A obra aumentou ràpidamente. Quanto mais crescia o número para comer, tanto mais recebia para alimentá-las até se achar cuidando de trinta a quarenta pessoas.

Ao mesmo tempo Jorge Muler fundou a *Junta para o Conhecimento das Escrituras na Nação e no Estrangeiro*. O alvo era: (1) Auxiliar as escolas bíblicas e as

escolas dominicais. (2) Espalhar as Escrituras. (3) Aumentar a obra missionária. Não é necessário acrescentar que tudo foi feito com as mesmas resoluções de não se endividar, mas sempre pedir a Deus em secreto todo o necessário.

Certa noite quando lia a Bíblia, ficou profundamente impressionado com as palavras: "Abre bem a tua bôca e ta encherei". Salmo 81:10. Foi levado a aplicar essas palavras ao orfanato, sendo-lhe dado a fé de pedir mil libras ao Senhor; também pediu que Deus levantasse irmãos com qualificações para cuidar das crianças. Desde aquêle momento êsse texto, o Salmo 81:10, lhe serviu como leme e a promessa se tornou em poder que determinou todo o curso da sua vida futura.

Deus não demorou muito a dar a Sua aprovação de alugar uma casa para os órfãos. Foi apenas dois dias depois de começar a pedir que êle escreveu no seu diário: "Hoje recebi o primeiro xelim para a casa dos órfãos".

Quatro dias depois foi recebida a primeira contribuição de móveis, um guarda-roupa, e uma irmã ofereceu dar seus serviços para cuidar dos órfãos. Jorge Muler escreveu naquêle dia que estava alegre no Senhor e confiante de que Êle ia completar tudo.

No dia seguinte Jorge Muler recebeu uma carta com estas palavras: "Oferecemo-nos para o serviço do orfanato, se o irmão achar que temos as qualificações. Oferecemos também todos os móveis, etc., que o Senhor nos tem dado. Faremos tudo isto sem qualquer salário, crendo que se fôr a vontade do Senhor usar-nos, Êle suprirá tôdas as necessidades". Desde aquêle dia nunca faltaram, no orfanato, auxiliares alegres e devotados apesar de a obra aumentar mais depressa do que Jorge Muler esperava.

Três meses depois foi que conseguiu alugar uma grande casa e anunciou a data da inauguração do orfanato para o sexo feminino. No dia da inauguração,

porém, ficou desapontado; nenhuma órfã foi recebida. Sòmente depois de chegar à casa é que se lembrou de que não as tinha pedido. Naquela noite humilhou-se rogando a Deus o que anhelava. Ganhou a vitória de novo, pois veio uma órfã no dia seguinte. Quarenta e duas pediram entrada antes de findar o mês, e já havia vinte e seis no orfanato.

Durante o ano havia grandes e repetidas provas de fé. Aparece, por exemplo no seu diário: "Sentindo grande necessidade ontem de manhã; fui dirigido a pedir com insistência a Deus e, em resposta, à tarde, um irmão deu-me dez libras". Muitos anos antes da sua morte afirmou que, até aquela data, tinha recebido da mesma forma 5.000 vêzes a resposta no mesmo dia em que fazia o pedido.

Era seu costume, e recomendava também aos irmãos, guardar um livro. Numa página assentava seu pedido com a data e no lado oposto a data em que recebera a resposta. Dessa maneira foi levado a desejar respostas concretas aos seus pedidos e não havia dúvida acêrca das respostas.

Com o aumento do orfanato e do serviço de pastorear os quatrocentos membros de sua igreja, Jorge Muler achou-se demasiadamente ocupado para orar. Foi nesse tempo que chegou a reconhecer que o crente podia fazer mais em quatro horas depois de uma em oração do que em cinco sem oração. Essa regra êle a observou fielmente sempre depois, durante 60 anos.

Quando alugou a segunda casa, para os órfãos de sexo masculino, disse o seguinte: "Ao orar estava lembrado de que pedia a Deus o que não havia esperança de receber dos irmãos, mas o que, porém, não era demasiado para o Senhor dar". Êle orava, com noventa pessoas sentadas às mesas: "Senhor, olha para as necessidades de teu servo..." Essa foi uma oração a que Deus abundantemente respondeu. Antes de morrer tes-

tificou que, pela fé, alimentava 2.000 órfãos, e nenhuma refeição se fêz com atraso de mais de trinta minutos.

Muitas pessoas perguntavam a Jorge Muler, e muitas ainda perguntam, como conseguia êle saber a vontade de Deus, pois não fazia a menor transação sem primeiro ter a certeza da vontade do Senhor. Êle respondia assim:

"1) Procuro manter o coração em tal estado que êsse não tenha qualquer vontade própria no caso. De dez problemas, já temos a solução de nove, quando conseguimos ter um coração entregue para fazer a vontade do Senhor, seja essa qual fôr. Quando chegamos verdadeiramente a tal ponto, estamos próximo, quase sempre, a saber qual é a Sua vontade.

2) Tendo o coração entregue para fazer a vontade do Senhor, não deixo o resultado ao mero sentimento ou simples impressão. Se o faço, estou sujeito a grandes enganos.

3) Procuro a vontade do Espírito de Deus por meio da Sua Palavra ou ao lado da Palavra. É essencial que o Espírito e a Palavra acompanhem um ao outro. Se eu olhar para o Espírito, sem a Palavra, fico sujeito, também, a grandes ilusões.

4) Depois considero as circunstâncias providenciais. Essas, ao lado da Palavra de Deus e o seu Espírito, indicam claramente a Sua vontade.

5) Peço a Deus em oração que me revele Sua própria vontade.

6) Assim, depois de orar a Deus, estudar a Palavra e refletir, chego à melhor resolução deliberada que posso com a minha capacidade e conhecimento; se eu continuar a sentir paz, no caso, depois de duas ou três

petições mais, sigo conforme essa direção. Nos casos mínimos e nas transações da maior responsabilidade, sempre acho êsse método eficiente."

Jorge Muler, três anos antes da sua morte, escreveu: "Não me lembro, em tôda a minha vida de crente, num período de 69 anos, de que eu jamais buscasse SINCERAMENTE E COM PACIÊNCIA, saber a vontade de Deus pelo *ensinamento do Espírito Santo* por *intermédio da Palavra de Deus,* e que não fôsse guiado *certo*. Se me faltava, porém, *sinceridade de coração e pureza perante Deus,* ou se eu não olhava para Deus com *paciência* pela direção, ou se eu preferia *o conselho do próximo* ao da *Palavra do Deus vivo,* errava gravemente".

Sua confiança no "Pai dos órfãos" era tal que nem uma só vez recusou aceitar crianças no orfanato. Quando lhe perguntaram porque assumiu o encargo do orfanato, respondeu que não foi apenas para alimentar os órfãos material e espiritualmente, mas "O primeiro objetivo básico do orfanato era, e ainda é, que Deus seja magnificado pelo fato de que os órfãos sob os meus cuidados foram e estão sendo supridos de todo o necessário, sòmente por oração e fé, sem eu nem meus companheiros de trabalho, pedirmos ao próximo; por isso mesmo se pode ver que Deus continua fiel e ainda responde à oração".

Em resposta a muitos que queriam saber como o crente pode adquirir tão grande fé, deu as seguintes regras:

"1) Ler a Bíblia e meditá-la. Chega-se a conhecer a Deus por meio de oração e meditação da Sua Palavra.

2) Procurar manter um coração íntegro e uma boa consciência.

3) Se desejamos que a nossa fé cresça, não devemos evitar aquilo que a prove e por meio do qual ela seja fortaleceida.

Ainda mais um ponto: para que a nossa fé se fortaleça, é necessário que deixemos Deus agir por nós ao chegar à hora da provação, e não procurar a nossa própria libertação.

Se o crente desejar grande fé, deve dar tempo para Deus trabalhar."

Os cinco prédios construídos de pedras lavradas e situados em Ashley Hill, Bristol, Inglaterra, com 1.700 janelas e lugar para acomodar mais de 2.000 pessoas, são testemunhas atuais dessa grande fé de que êle escreveu.

Por cada uma dessas dádivas, devemo-nos lembrar, Jorge Muler lutou em oração para tirar uma por uma das mãos de Deus; orou com alvo certo e perseverança e Deus respondeu com o mesmo grau definitivo.

São de Jorge Muler estas palavras: "Muitas e repetidas vêzes tenho-me colocado na posição onde não tinha mais recursos; não só com 2.100 passoas comendo diàriamente às mesas, mas também todo o resto necessário para suprir, e todos os fundos esgotados: 189 missionários para sustentar e sem coisa alguma; cêrca de cem colégios com mais ou menos 9.000 alunos e sem nada na mão; quase quatro milhões de tratados para distribuir e todo o dinheiro gasto".

Certa vez o Dr. A. T. Pierson foi hóspede de Jorge Muler no seu orfanato. Uma noite, depois que todos se deitaram, Jorge Muler o chamou para orar dizendo que não havia coisa alguma em casa para comer. Dr. Pierson quis lembrar-lhe que o comércio estava fechado, mas Jorge Muler bem sabia disso. Depois da oração deitaram-se, dormiram e, ao amanhecer, a alimentação já estava suprida e em abundância para 2.000 crianças. Nem o Dr. Pierson, nem Jorge Muler chegaram a saber como a alimentação foi suprida. A história foi contada naquela manhã, ao Sr. Simão Short, sob a promessa de guardá-la em segrêdo até ao dia da morte do benfeitor.

O Senhor despertara a essa pessoa do sono e a chamara para levar alimentos suficientes para suprir o orfanato durante um mês. E isso sem êle saber coisa alguma da oração de Jorge Muler e Dr. Pierson.

Com a idade de 69 anos Jorge Muler iniciou suas viagens, nas quais pregou muitas milhares de vêzes, em quarenta e duas nações, a mais que três milhões de pessoas. Recebeu, em resposta às orações, tudo de Deus para pagar as grandes despesas. Mais tarde êle escreveu: "Digo com razão: Creio que eu não fui dirigido a nenhum lugar onde não houvesse prova evidente de que o Senhor me mandara para lá". Êle não fêz essas viagens com o plano de solicitar dinheiro para a junta; não recebeu o suficiente para as despesas de meio dia da junta. Segundo as suas palavras, o alvo era êste: "Que eu pudesse, por minha experiência e conhecimento das coisas divinas, comunicar uma bênção aos crentes... e que eu pudesse pregar o Evangelho aos que não conheciam ao Senhor".

Assim escreveu êle sôbre um problema espiritual: "Sinto constantemente a minha necessidade... Não posso fazer sòzinho, sem cair nas garras de Satanás. O orgulho, incredulidade ou outros pecados me levariam à ruína. Sòzinho não permaneço firme um momento. Que nenhum leitor pense de mim que não me posso inchar ou orgulhar, que eu não posso descrer de Deus"!

O estimado evangelista, Carlos Inglis, contou o seguinte, a respeito de Jorge Muler: "Quando vim pela primeira vez à América, faz trinta e um anos, o comandante do navio era um dos mais devotos que jamais conheci. Quando nos aproximamos da Terra Nova, êle me disse: Sr. Inglis a última vez que passei aqui, faz cinco semanas, aconteceu uma coisa tão extraordinária que foi a causa de uma transformação de tôda a minha vida de crente. Até àquêle tempo eu era um crente comum.

Havia a bordo conosco um homem de Deus, o Sr. Jorge Muler, de Bristol. Eu tinha passado 22 horas sem me afastar da ponte de comando, nem por um momento, quando fui assustado por alguém que me tocou no ombro. Era o Sr. Jorge Muler".

"Comandante, disse-me êle, vim dizer-lhe que eu tenho de estar em Quebec no sábado à tarde". Era quarta-feira. — "É impossível". — "Pois bem, se seu navio não pode levar-me, Deus achará outro meio de transporte. Durante 57 anos nunca deixei de estar no lugar à hora em que me achava comprometido", respondeu o Sr. Muler. — "Teria muito prazer em ajudá-lo, mas o que posso eu fazer? Não há meios". — "Vamos aqui dentro para orar", respondeu o Sr. Muler. — Olhei para aquêle homem e disse a mim mesmo: De qual casa de doidos escapou êste?! Nunca ouvira falar em tal coisa. — "Sr. Muler", disse eu, "o senhor sabe como é espessa esta neblina?" — "Não", respondeu, êle; "os meus olhos não estão na neblina, mas estão no Deus vivo, o qual governa tôdas as circunstâncias da minha vida". — Caiu de joelhos e orou da forma mais simples. Eu pensei comigo mesmo: É uma oração como a de criança que não tem mais de oito ou nove anos. Foi mais ou menos assim que êle orou: "Ó Senhor, se fôr Tua vontade, retira esta neblina dentro de cinco minutos. Sabes como me comprometi a estar em Quebec no sábado. Creio que é Tua vontade". Quando findou, eu queria orar também, mas êle pôs sua mão no meu ombro e pediu que não o fizesse, dizendo: "Primeiro, o senhor não crê que Deus o fará e, segundo, eu creio que Êle já o fêz. Não há qualquer necessidade de o senhor orar nesse sentido". Olhei para êle, o qual continuou dizendo: "Comandante, conheço meu Senhor há cinqüenta e sete anos e não há dia em que falhe ter audiência com o Rei. Levante-se, comandante, abra a

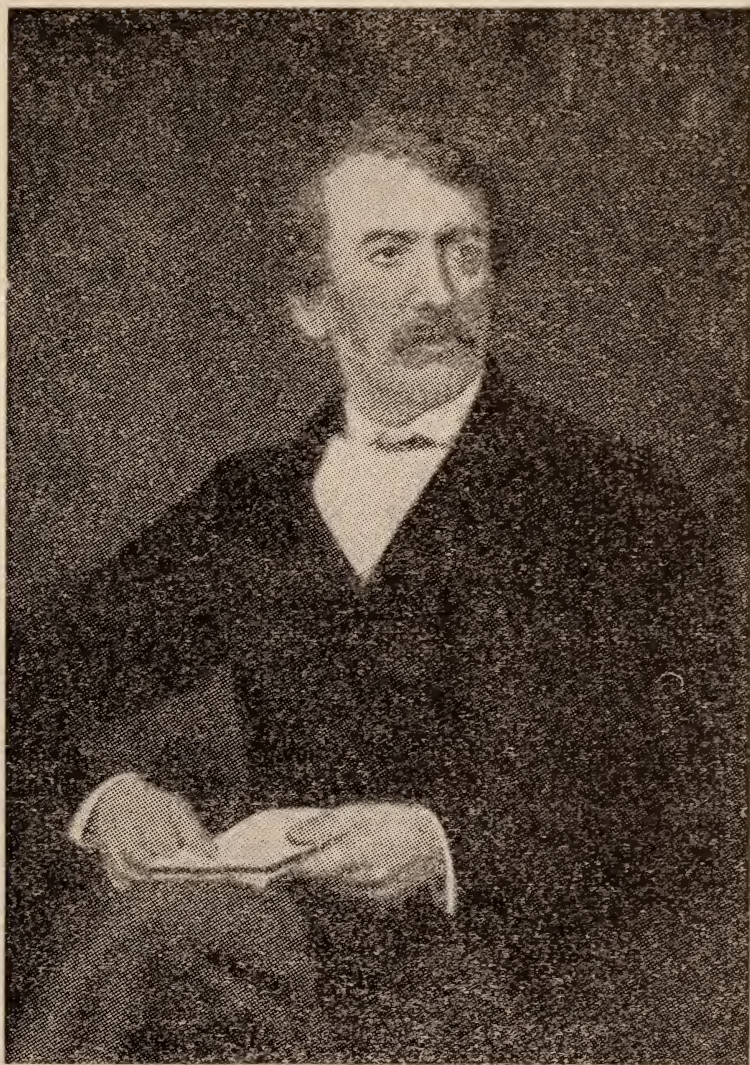
porta e verá que a neblina já desapareceu". Levantei-me e a neblina tinha desaparecido. No sábado à tarde Jorge Muler estava em Quebec".

Para o ajudar a levar o cargo dos orfanatos e apropriar-se das promessas de Deus em oração, lado a lado com êle, Jorge Muler tinha consigo, havia quase quarenta anos, uma espôsa sempre fiel. Quando ela faleceu, muitos milhares de pessoas assistiram ao seu entêrro, das quais cêrca de 1.200 eram órfãos que podiam caminhar. Êle mesmo, fortalecido pelo Senhor, conforme confessou, dirigiu os cultos fúnebres no templo e no cemitério.

Com a idade de 66 anos casou-se segunda vez. Então, com a idade de 90 anos pregou o sermão fúnebre da segunda espôsa, como o fizera na morte da primeira. Uma pessoa que assistiu a êsse entêrro, assim se expressou: "Tive o privilégio, sexta-feira, de assistir ao entêrro da sra. Muler... e presenciar um culto simples, o qual foi, talvez, o único na história do mundo! Aqui um venerável patriarca presidia o culto inteiro; com a idade de noventa anos permanecia ainda cheio daquela grande fé que o tem habilitado para alcançar tanto, e que o tem sustentado em emergências, problemas e trabalhos duma longa vida..."

No ano de 1889, com a idade de noventa e três anos, na última noite antes de partir para estar com Cristo, sem mostrar sinal de diminuição das fôrças físicas, deitou-se como de costume. Na manhã do dia seguinte foi "chamado", na expressão de um amigo ao receber as notícias que assim explicam a partida: "Querido ancião, Muler! Desapareceu de nosso meio para o Lar quando o Mestre abriu a porta e o chamou ternamente, dizendo: "Vem".

Os jornais publicaram, meio século depois da sua morte, a seguinte notícia: "O orfanato de Jorge Muler, em Bristol permanece como uma das maravilhas do

mundo. Desde a sua fundação em 1836 a cifra que Deus tem concedido ùnicamente em resposta às orações sobe a mais de vinte milhões de dólares e o número de órfãos ascende a 19.935. Apesar de os vidros de cêrca de 400 janelas terem sido partidos recentemente por bombas (na segunda guerra mundial), nenhuma criança e nenhum auxiliar foram feridos".

Daví Livingstone

DAVÍ LIVINGSTONE

Célebre missionário e explorador

1813-1873

Certo comerciante, ao visitar a abadia de Westminster em Londres, onde se acham sepultados os reis e vultos eminentes da Inglaterra, inquiriu qual o túmulo, excluindo o do "soldado desconhecido", que é mais visitado. O porteiro respondeu que era o de Daví Livingstone. São poucos os humildes e fiéis servos de Deus que o mundo distingue e honra assim.

Conta-se que, em Glasgow, depois de passar dezesseis anos na África, Livingstone foi convidado a fazer um discurso perante o corpo discente da universidade. Os alunos resolveram vaiar êsse "camarada missionário", fazendo o maior barulho possível. Certa testemunha do acontecimento disse o seguinte: "Contudo, desde o momento em que Livingstone compareceu perante êles, magro e delgado, depois de cair trinta e uma vêzes de febre, nas matas da África, e com um braço descansando numa charpa, depois do encontro com um leão, os alunos guardaram grande silêncio. Ouviram, com o maior respeito, tudo que o orador relatou e da maneira como Jesus cumprira a Sua promessa: "Eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos".

Daví Livingstone nasceu na Escócia. Seu pai, Neil Livingstone, contava aos filhos as proezas de seus antepassados, por oito gerações. Um dos bisavôs de Daví, com a família, fugira dos cruéis Pactuários, para os pantanais e montes escabrosos, onde podia adorar a Deus em espírito e verdade. Mas mesmo êsses cultos, que se realizavam entre os espinhos e, às vêzes, no gêlo, eram interrompidos, de vez em quando, pela cavalaria que chegava galopando para matar ou levar presos tanto homens como mulheres.

Os pais de Daví criaram seus filhos no temor do Senhor. O lar era sempre alegre e servia como notável modêlo de tôdas as virtudes domésticas. Não se perdia uma hora durante os sete dias da semana e o Domingo era esperado e honrado como dia de descanso. Com a idade de nove anos Daví ganhou um Novo Testamento, prêmio oferecido ao repetir de cór o capítulo mais comprido da Bíblia, o Salmo 119.

"Entre as recordações mais sagradas da minha infância", escreveu Livingstone, "estão as da economia da minha mãe para que os poucos recursos fôssem suficientes para todos os membros da família. Quando completei dez anos de idade, meus pais me colocaram em uma tecelagem para que eu ajudasse sustentar a família. Com uma parte do salário da primeira semana comprei uma gramática de latim".

Daví iniciava o dia na tecelagem às seis horas da manhã e, com intervalos para o café e o almôço, trabalhava até às oito da noite. Segurava a sua gramática aberta na máquina de fiar algodão e, enquanto trabalhava, estudava linha por linha. Às oito horas da noite, dirigia-se sem perder tempo, para a escola noturna. Depois das aulas, estudava as lições para o dia seguinte, às vêzes, até a meia noite quando a mãe tinha de obrigá-lo a apagar a luz e dormir.

A inscrição no túmulo dos pais de Daví Livingstone indica as privações no lar paterno:

PARA MARCAR O LUGAR ONDE DESCANSA

NEIL LIVINGSTONE, E
AGNES HUNTER, SUA ESPÔSA

E PARA EXPRIMIR A GRATIDÃO A DEUS
DOS SEUS FILHOS:

JOÃO, DAVÍ, JANET, CARLOS E AGNES
POR PAIS POBRES E PIEDOSOS

Os amigos insistiam em que êle mudasse as últimas palavras para "pais pobres *mas* piedosos". Contudo, Daví recusou porque, para êle, tanto a pobreza, como a piedade, eram motivos de gratidão. Sempre considerou o fato de aprender a trabalhar longos dias, mês após mês, ano atrás ano, na fábrica de algodão, uma das maiores felicidades da sua vida.

Nos dias feriados Daví gostava de pescar e de fazer longas excursões pelos campos e às margens dos rios. Êsses passeios extensos lhe serviam tanto de instrução como de recreio; saía para verificar na própria natureza o que estudara nos livros sôbre botânica e geologia. Sem o saber, êle assim se preparava a si mesmo, em corpo e mente, para as explorações científicas e para o que escreveria com exatidão acêrca da natureza na África.

Aos vinte anos houve grande mudança espiritual em Daví Livingstone, que determinou o rumo de todo o resto da sua vida. "A bênção divina inundou-lhe o ser como inundara o coração de São Paulo ou de Santo

Agostinho, e outros do mesmo tipo, dominando os desejos carnais... Atos de abnegação, muito difíceis a executar sob a lei férrea da consciência, se tornaram em serviço de vontade livre sob o brilho do amor divino... É evidente que fôra movido por uma fôrça calma, mas tremenda, dentro do próprio coração, até ao fim da vida. O amor que começou a comovê-lo, na casa paterna, continuou a inspirá-lo durante tôdas as longas e enfadonhas viagens pela África, e o levou a ajoelhar-se à meia-noite, no rancho em Ilala, de onde seu espírito, enquanto ainda orava, voltou ao Seu Deus e Salvador.

Daví, desde a infância ouvia falar de um missionário valente na China, cujo nome era Gutzlaff. Nas suas orações, à noite, ao lado de sua mãe, orava por êle. Com a idade de dezesseis anos, Daví começou a sentir desejo profundo de fazer conhecido o amor e a graça de Cristo àquêles que jaziam nas densas trevas, e resolveu firmemente no coração a dar, também, sua vida como médico e missionário ao mesmo país, a China.

Ao mesmo tempo o professor da sua classe na Escola Dominical, Daví Hogg, assim o aconselhava: "Ora, moço, faze da religião o motivo principal da tua vida cotidiana e não uma coisa inconstante, se queres vencer as tentações e outras coisas que te querem derribar". E Daví assentou no seu coração dirigir sua vida por essa norma.

Ao completar nove anos de serviços na fábrica, foi promovido para um trabalho mais lucrativo. Conseguiu completar seus estudos, recebendo o diploma de licenciado da Faculdade de Médicos e Cirurgiões de Glasgow, sem receber um tostão de auxílio de outrem. Se os crentes não o tivessem aconselhado a que falasse à So-

ciedade Missionária de Londres acêrca de enviá-lo como missionário, êle depois declarou que teria ido por seus próprios esforços.

Durante todos os anos de estudos, para ser médico e missionário, sentia-se dirigido para ir a China. Certa vez, em uma reunião, ouviu o discurso de um homem, de barba comprida e branca, alto, robusto e de olhos bondosos e penetrantes, chamado Roberto Moffat. Êsse missionário voltara da África, um país misterioso, cujo interior era então desconhecido. Os mapas dêsse continente tinham no centro enormes espaços em branco, sem rios e sem serras. Falando da África, Moffat disse ao moço, Daví Livingstone: "Há uma vasta planície ao norte, onde tenho visto, nas manhãs ensolaradas, a fumaça de milhares de aldeias, onde nenhum missionário ainda chegou".

Comovido, ao ouvir falar em tantas aldeias sem o Evangelho e sabendo que não podia mais ir à China por causa de guerra que havia naquêle país, Livingstone respondeu: "Irei imediatamente para a África".

Com isso os irmãos da missão concordaram e Daví voltou ao humilde lar em Blantire para se despedir dos pais e irmãos. Às cinco horas da manhã, do dia 17 de Novembro de 1840, a família se levantou. Daví leu os Salmos 121 e 135 com a família. As seguintes palavras ficaram gravadas no seu coração, para o fortalecerem no calor e perigos durante os longos anos que passou depois na África: "O sol não te molestará de dia e nem a lua de noite... O Senhor guardará a tua entrada e a tua saída, desde agora e para sempre". Depois de orarem, despediu-se da sua mãe e irmãs e andou a pé, com seu pai acompanhando-o, até Glasgow. Depois de se despedirem um do outro, Daví embarcou no navio para não mais ver, aqui na terra, o rosto do nobre Neil Livingstone.

A viagem de Glasgow ao Rio de Janeiro e, por fim, à cidade do Cabo na África, durou três meses. Mas Daví não desperdiçou o tempo. O comandante se tornou seu amigo íntimo e ajudou-o a preparar os cultos, nos quais Daví pregava aos tripulantes do navio. O novo missionário aproveitou, também, da oportunidade a bordo para aprender a usar o sextante e saber exatamente a posição do navio, observando a lua e as estrêlas. Essa ciência lhe fôra mais tarde de incalculável valor para dirigir-se nas viagens de evangelização e exploração no imenso interior desconhecido do qual "subia a fumaça de mil vilas sem missionário".

Da cidade do Cabo, a viagem de 190 léguas foi feita aos solavancos, num carro de boi, através de campos incultos. A viagem durou dois meses, até chegar em Curumã, onde devia esperar o regresso de Roberto Moffat. Desejava estabelecer-se em um lugar cinqüenta a sessenta léguas mais para o norte de qualquer outro, em que houvesse obra missionária.

Para aprender a língua e os costumes do povo, nosso pioneiro passava o tempo viajando e vivendo entre os indígenas. O seu boi de sela passava a noite amarrado, enquanto êle assentava-se com os africanos ao redor do fogo, ouvindo as lendas dos seus heróis; Livingstone, por sua vez contava-lhes as preciosas e verdadeiras histórias de Belém, da Galiléia e da cruz. Continuou sempre os seus estudos enquanto viajava, fazendo mapas dos rios e serras do território percorrido. Em uma carta a um amigo escreveu que descobrira trinta e duas qualidades de raízes comestíveis e quarenta e três espécies de fruteiras que davam no deserto sem serem cultivadas. De um ponto, que alcançou nessas viagens, faltavam-lhe apenas dez dias de viagem para chegar ao grande lago Ngami, que descobriu sete anos depois.

De Curumã, o missionário, licenciado da Faculdade de Médicos e Cirurgiões de Glasgow, escreveu a seu pai: "Tenho uma clientela grande. Há pacientes aqui que caminharam mais de sessenta léguas para receberem tratamentos médicos. Êsses, ao regressarem, enviarão outros para o mesmo fim".

Estabeleceu a sua primeira missão no lindo vale de Mabotsa, na terra de Bacatla. Em uma carta, escrita de Curumã, Livingstone assim descreveu o local que escolhera para centro de evangelização: "Está situado em um anfiteatro de serras que se intitula "Mabotsa", isto é, "Ceia de Bodas". Que Deus nos ilumine com a Sua presença, para que por intermédio de servos tão fracos, muito povo ache entrada para a Ceia das Bodas do Cordeiro".

Foi em Mabotsa que teve o histórico encontro com um leão. Acêrca disso escreveu Daví: "Êle saltou e me alcançou o ombro; ambos fomos ao chão. Rosnando horrìvelmente perto do meu ouvido, sacudiu-me como um cão faz a um gato. Os abalos que me deu o animal produziram-me um entorpecimento igual ao que deve sentir um rato, depois da primeira sacudidela que lhe der o gato. Atacou-me uma espécie de adormecimento, em que não senti dôr nem sensação de temor".

Contudo, antes de a fera ter tempo de o matar, deixou-o para atacar outro homem que, de lança na mão, entrara na luta. O ombro dilacerado de Livingstone nunca sarou completamente: êle nunca mais pôde apontar um rifle ou levar a mão à cabeça sem sentir dores.

Foi na casa de Roberto Moffat, em Curumã, que chegou a conhecer Maria, a filha mais velha dêsse missionário. Depois de abrir a missão em Mabotsa os dois se casaram. Seis filhos foram o fruto dêsse enlace.

Depois de Livingstone se casar, a Escola Dominical em Mabotsa transformou-se em escola diária, tendo sua espôsa como professôra. Schele, o chefe da tribo, tornou-se grande estudante da Bíblia, mas queria "converter" todo o seu povo à fôrça de "litupa", isto é, chicote de couro de rinoceronte; êle "iniciou culto doméstico em casa e o próprio Livingstone se admirou da sua maneira, simples e nata, de orar". Era o costume de Livingstone começar o dia com culto doméstico e não é de admirar que o chefe o adotasse também.

Livingstone foi obrigado a mudar-se para Chonuane, dez léguas distante e mais tarde, por falta de água, êle e todo o povo, para Colobeng. Foi nesse último lugar que o chefe da tribo, construiu uma casa para os cultos e Livingstone construiu, com grande sacrifício de dinheiro e labor, a sua terceira casa de residência. Nessa casa morou cinco anos para nunca mais conseguir fixar residência em qualquer lugar na terra.

Acêrca do trabalho nesse lugar, assim se expressou: "Aqui temos um campo muitíssimo difícil de cultivar... Se não confiássemos que o Espírito Santo opere em nós, desistiríamos em desespêro".

Através do deserto de Calari chegavam boatos de um grande lago e de um lugar chamado "Fumaça Barulhenta", o que êle julgava ser uma grande cachoeira. As sêcas o oprimiam tanto em Colobeng que Livingstone resolveu fazer uma viagem de exploração e achar um lugar mais ideal para estabelecer a sua missão. Assim em 1 de Junho de 1849, com o chefe da tribo, seus "guerreiros", três brancos e a sua família, saíram para atravessar o grande deserto de Calari. O guia do grupo, Romotobi, conhecia o segrêdo de subsistir no deserto, cavando com as mãos e chupando a água debaixo da areia por meio dum canudo.

Depois de viajarem muitos dias, chegaram ao rio Zouga. Ao inquirir, os indígenas informaram-nos de que o rio tinha nascente em uma terra de rios e florestas. Livingstone ficou convicto de que o interior da África não era um grande deserto como o mundo de então supunha, e o seu coração ardia com o desejo de achar uma via fluvial, para outros missionários irem para o interior do continente, com a mensagem de Cristo.

"A perspectiva", escreveu êle, "de achar um rio que desse entrada a uma vasta, populosa e desconhecida região, aumentou constantemente desde então; aumentou tanto que, quando, por fim chegamos ao grande lago, êsse importante descobrimento, em si mesmo, parecia de pouca monta".

Foi em 1 de Agôsto de 1849 que o grupo atingiu o lago Ngami; lago tão grande, que, de uma margem, não se avistava a outra oposta. Sofreram longos dias de cruciante sêde sem obter uma gota dágua, mas venceram tôdas as dificuldades e descobriram êsse lago enquanto diversos pretendentes, muito melhor equipados, mas menos persistentes, falharam.

As notícias do descobrimento foram comunicadas à Royal Geographical Society, a qual votou-lhe uma bela recompensa de vinte e cinco guineus, "por ter descoberto uma importante terra, um importante rio e um grande lago".

O grupo tinha de voltar a Colobeng. Depois de alguns meses, contudo, iniciou novamente viagem para o lago Ngami. Não queria separar-se da sua família e levou-a em um carro de boi. Mas ao alcançar o rio Zouga os filhos foram atacados pela febre e êle teve de voltar com a família. Nasceu-lhe uma filha, a qual morreu logo de febre. Livingstone contudo, ficou mais firme do que nunca, na sua resolução de achar um caminho para levar o Evangelho ao interior da África.

Depois de descansar alguns meses com a família, na casa de seu sogro, em Curumã, saíram com o propósito de achar um lugar saudável onde pudesse estabelecer uma missão mais para o interior. Foi nessa viagem, em Junho de 1851, que descobriu o maior rio da África Oriental, o Zambese, rio em que o mundo de então nunca ouvira falar.

No seguinte trecho que Livingstone escreveu, descobre-se algo do que tinham de sofrer nessas viagens: "Um dos assistentes desperdiçou a água que levamos no carro e à tarde tínhamos apenas um restinho para as crianças. Passamos a noite angustiados e na manhã seguinte, quanto menos havia de água, tanto mais aumentava a sêde das crianças. O pensamento de elas perecerem diante de nossos olhos, nos perturbava. Na tarde do quinto dia, sentimos grande alívio, quando um dos homens voltou trazendo tanto dêsse líquido como jamais antes havíamos pensado."

Livingstone, convicto de que era a vontade de Deus que saísse para estabelecer outro centro de evangelização, e com indômita fé de que o Senhor supriria todo o necessário para cumprir a Sua vontade, avançava sem vacilar.

Depois de descobrir o rio Zambese, Livingstone veio a saber que os lugares saudáveis eram lugares sujeitos a serem saqueados em qualquer tempo por outras tribos. Só nos lugares infestados de doença e febre é que se achavam tribos pacíficas.

Resolveu, portanto, enviar a espôsa a descansar na Inglaterra enquanto êle continuava as suas explorações para estabelecer um centro para a sua obra de evangelização. Era forçado a estabelecer tal centro, porque os boers holandeses invadiam o território, roubando as terras e o gado dos indígenas, pondo em prática um regimem da mais vil escravatura. Livingstone enviava

crentes fiéis para evangelizar os povos em redor, mas os boers acabaram com essa obra, matando muitos dos indígenas e destruindo todos os bens que o missionário possuía em Colobeng.

Livingstone levou a sua família para a cidade do Cabo, de onde seus queridos embarcaram em um navio para a Inglaterra.

Foi nesse tempo, quando Deus suprira todo o necessário para a família destituída voltar à Inglaterra, que disse: "Ó Amor divino, eu não Te amo com a fôrça, profundidade e ardor que convém".

A separação da sua família causou-lhe profunda mágua, mas dirigiu o rosto heròicamente de novo para socorrer as infelizes tribos do interior da África.

Havia três motivos que aconselhavam a fazer uma viagem de exploração: Primeira, queria achar um lugar para residir com a família entre os barotses e evangelizá-los. Segunda, a comunicação entre o território dos barotses e a cidade do Cabo era muito demorada e difícil e queria descobrir um caminho para um pôrto mais próximo. Terceira, queria fazer todo o possível para influenciar as autoridades contra o horrendo tráfico de escravos.

Foi nessa época da sua vida que Livingstone, por suas proezas, se tornou conhecido no mundo inteiro.

No seu ardor, desejando que Deus lhe poupasse a vida e o usasse em abrir o continente para a entrada do Evangelho, orou assim: "Ó Jesus, rogo que me enchas agora com o Teu amor e me aceites e me uses um pouco para a Tua glória. Até agora não fiz nada para Ti, mas quero fazer algo. Ó eu Te imploro, que me aceites e me uses e que seja Tua, tôda a glória". Escreveu mais ainda: "Não valeria coisa alguma o que

possuo ou o que possuirei, a não ser em relação ao reino de Cristo. Se alguma coisa que tenho, pode servir para o Teu reino, dar-Ta-ei a Ti, a Quem devo tudo neste mundo e durante a eternidade".

Livingstone atravessou, ida e volta, o continente da África, desde a foz do Zambese a São Paulo de Luanda, façanha essa realizada pela primeira vez por um branco. Nas suas memórias que escrevia diàriamente, nota-se como admirava as lindas paisagens de um país que o mundo julgava ser um vasto deserto.

Chegou a Luanda magro e doente. Apesar da insistência do cônsul britânico para que regressasse à Inglaterra a fim de recuperar a saúde abalada, êle voltou novamente, por outro caminho, para levar seus fiéis companheiros até em casa, conforme lhes prometera antes de iniciarem a viagem.

Nessa viagem, Livingstone descobriu as magníficas cataratas de Vitória, nome que êle deu às grandes quedas em honra da rainha da Inglaterra. Nesse lugar o rio Zambeze tem a largura de mais de um quilômetro; ali as águas dêsse grande rio se precipitam espetacularmente de uma altura de cem metros.

Continuou a pregar o Evangelho constantemente, às vêzes a auditórios de mais de mil indígenas. Antes de tudo, esforçava-se para ganhar a estima das tribos hostís, por onde passava, por sua conduta cristã, em grande contraste com a dos mercadores de escravos.

Sòzinho, com os seus fiéis macololos, caiu trinta e uma vêzes de febre nos matagais, durante um período de sete meses. Mas não era tanto o sofrimento físico. Suas cartas revelam a sua angústia de espírito, ao ver os horrores do povo africano massacrado e arrebatado dos seus lares, conduzido como gado para ser vendido no mercado. De um lugar alto onde subiu, contou de-

zessete aldeias em chamas, incendiadas por êsses nefandos mercadores de seres humanos.

Prometera à sua espôsa reunir-se com a família depois de dois anos, mas passaram-se quatro anos e meio antes que ela recebesse qualquer notícia dêle!

Por fim, após uma ausência de dezessete anos da sua pátria, regressou à Inglaterra. Voltou à civilização e à sua família como quem volta da morte. Antes de desembarcar soube que seu querido pai falecera. Em tôda a história de Livingstone, não se conta um acontecimento mais comovente do que o seu encontro com a espôsa e filhos. Na Inglaterra foi aclamado e honrado como heróico descobridor e grande benfeitor da humanidade. Os diários publicavam os seus atos de bravura. As multidões afluíam para ouví-lo contar a sua história. "Dr. Livingstone era muito humilde... Não gostava de passear na rua, receiando ser atropelado pelas massas. Certo dia, na Regent Street, em Londres, foi apertado por tão grande multidão, que só com grande dificuldade conseguiu refugiar-se num taxi. Pela mesma razão evitava ir aos cultos. Certa vez, desejoso de assistir o culto, meu pai persuadiu-o a ocupar um assento debaixo da galeria, em um lugar não visível ao auditório. Mas foi descoberto e o povo passou por cima dos bancos para cercá-lo e apertar-lhe a mão."

Uma das muitas coisas que levou a efeito, enquanto na Inglaterra, foi a de escrever seu livro: *Viagens Missionárias,* obra que alcançou enorme circulação e produziu mais interêsse na questão africana do que qualquer movimento anterior.

Em Março de 1858, com a idade de 46 anos, Livingstone, acompanhado de sua espôsa e filho mais novo, Osvaldo, embarcaram novamente para a África. Deixando os dois na casa do sogro, o missionário Moffatt, Livingstone continuou as suas viagens. No

ano seguinte descobriu o lago Niassa. Recebeu, também, uma carta da espôsa, na casa de seus pais em Curumã, informando-o do nascimento de mais uma filha. A menina havia passado quase um ano no mundo antes que o pai soubesse tal fato.

As explorações dos rios Zambese, Téte e Shire e do lago Niássa, foram feitas com o destino de saber quais os pontos mais estratégicos para a evangelização, e missionários foram enviados da Inglaterra para ocuparem êsses lugares.

Em 1862 a espôsa reuniu-se a êle, de novo, e acompanhava-o nas viagens; mas três meses depois faleceu, vítima da febre e foi enterrada em uma encosta verdejante na margem do rio Zambese. No seu diário, Livingstone assim escreveu a respeito: Chorei-a, porque merece as minhas lágrimas. Amei-a ao nos casarmos, e quanto mais tempo vivíamos juntos, tanto mais a amava. Que Deus tenha piedade dos filhos..."

Um dos maiores obstáculos que Livingstone enfrentou na obra missionária, foi o terror dos indígenas ao verem um rosto de homem branco. Aldeias inteiras em ruínas; fugitivos escondendo-se nos campos de alto capim, sem nada terem para comer; centenas de esqueletos e cadáveres insepultos; comboios de homens e mulheres algemados aos troncos seguros pelo pescoço eram conduzidos aos portos — é difícil concebermos a magnitude da desolação criada pelos homens cruéis que participavam do tráfico da escravatura.

Êsses homens tentavam, também, com ódio cruel e arte diabólica, terminar com a obra de Livingstone. Finalmente conseguiram, por meio da política do seu país induzir a Inglaterra a chamá-lo de volta à sua terra. Foi assim que Livingstone chegou de novo à sua pátria depois de uma ausência de cêrca de oito anos.

Os crentes e amigos na Inglaterra, animados pela visão de Livingstone, começaram a orar e enviar-lhe dinheiro para continuar sua obra no continente negro. O nosso herói desembarcou pela terceira e última vez na África, em Zanzibar.

Na expedição que iniciou em Zanzibar, descobriu os lagos Tanganyika (1867), Moero (1867) e Bangueolo (1868). Passou cinco longos anos explorando as bacias dêsses lagos. Oração e o Pão da Palavra de Deus foram o seu sustento espiritual durante êsses anos de provações que sofria da parte dos negociantes de escravos.

Resolveu, então fazer o possível para descobrir as nascentes do rio Nilo e solver um problema que durante milhares de anos havia zombado dos geógrafos. Sabia que se descobrisse as nascentes do famoso Nilo, o mundo todo lhe daria ouvidos acêrca da chaga aberta da África, com o comércio de escravos. É interessante conhecer o que êle escreveu: "O mundo acha que busco fama; porém eu tenho uma regra, isto é, não leio coisa alguma sôbre os elogios que me fazem." Êle sabia que, ao findar a escravatura, o continente se abriria para deixar entrar o Evangelho.

Durante os longos intervalos entre os períodos em que suas cartas eram recebidas na Inglaterra, vindas do coração da África, circularam boatos de que Livingstone morrera. Não só os homens que traficavam com escravos queriam matá-lo, mas também muitos dos próprios indígenas, não acreditavam que existisse um homem branco que fôsse amigo de coração. Êle mesmo contou muitos fatos relacionados com as ciladas na terra do Maniuema para o matarem. Nesse lugar êle assim escreveu no seu diário: "Li tôda a Bíblia quatro vêzes enquanto estive em Maniuema". Na solidão achou grande confôrto nas Escrituras.

Reconhecia sempre a possibilidade de perecer nas mãos dos inimigos mas sempre respondia assim à in-

sistência dos amigos: "Não pode o amor de Cristo constranger o missionário a ir onde a traficância leva o mercador de escravos?"

Pela primeira vez, nos milhares de léguas que caminhou, os pés do pioneiro falharam. Obrigado a ficar algum tempo em uma cabana, todos os seu companheiros o abandonaram, à exceção de três que ficaram com êle.

Por fim, chegou a Ujiji, reduzido a pele e ossos, por causa da grave doença que sofrera em Maniuem. Não tinha recebido cartas havia dois anos e esperava receber também as provisões que enviara para lá. Contudo, as cartas não tinham chegado; com o corpo enfraquecido e destituído de roupas e alimentos, veio a saber que lhe tinham roubado tudo. Nessa situação êle escreveu: "Na minha pobreza senti-me como o homem que, descendo de Jerusalém a Jericó, caiu nas mãos de ladrões. Não tinha esperança que sacerdote, levita ou bom samaritano viesse em meu socôrro. Entretanto, quando minha alma se achava mais abatida, o bom samaritano já estava bem perto de mim."

O "bom samaritano" era Henrique Stanley, enviado pelo New York Herald, à insistência de muitos milhares de leitores dêsse jornal, para saber ao certo se Livingstone ainda vivia, ou, no caso de ter morrido, para trazer seu corpo.

Stanley passou o inverno com Livingstone, o qual se recusou a ceder à insistência de voltar à Inglaterra. Podia voltar e descansar entre amigos, com todo o confôrto mas preferiu ficar e realizar seu anelo de abrir o continente africano ao Evangelho.

A sua última viagem foi feita para explorar o Luapula para verificar se êsse rio era a nascente do Nilo ou do Congo. Nessa região chovia incessantemente. Livingstone sofria dores atrozes; dia após dia tornava-

se-lhe mais e mais difícil caminhar. Foi então carregado pela primeira vez, pelos fiéis companheiro: Susi, Chuman e Jacó Wainwright, todos indígenas.

No seu diário, as últimas notas que escreveu dizem o seguinte: "Cansadíssimo, fico... recuperada saúde... Estamos nas margens do Mililamo".

Chegaram a aldeia de Chitambo, em Ilala onde Susi fêz uma cabana para êle. Nessa cabana, a 1 de Maio de 1873, o fiel Susi achou seu bondoso mestre de joelhos, ao lado da cama — morto. Orou enquanto viveu e partiu dêste mundo orando!

Os dois fiéis companheiros, Susi e Chuman, enterraram o coração de Livingstone abaixo de uma árvore em Chitambo, secaram e embalsamaram o corpo, e o levaram até à costa — viagem que durou alguns meses, pelo território de várias tribos hostis. O sacrifício dêsses valentes filhos da África, sem terem qualquer propósito de remuneração, não será esquecido por Deus, nem pelo mundo.

O corpo depois de chegar em Zanzibar foi transportado para a Inglaterra, onde foi sepultado na Abadia de Westminster, entre os monumentos dos reis e heróis daquela nação. Não havia dúvida quanto ao corpo de Livingstone; era fácil de identificar; o osso de cima do braço esquerdo tinha distintamente as marcas dos dentes do leão que o atacara.

Entre os que assistiram o entêrro, estavam seus filhos e o velho missionário Roberto Moffat, pai da sua querida espôsa. A multidão consistia de povo humilde, que o amava e dos grandes, que o honravam e respeitavam.

Conta-se que havia, entre as multidões que permaneciam nas calçadas das ruas de Londres no dia em que o cortêjo, com o corpo de Daví Livingstone, passava, um velho chorando amargamente. Ao lhe per-

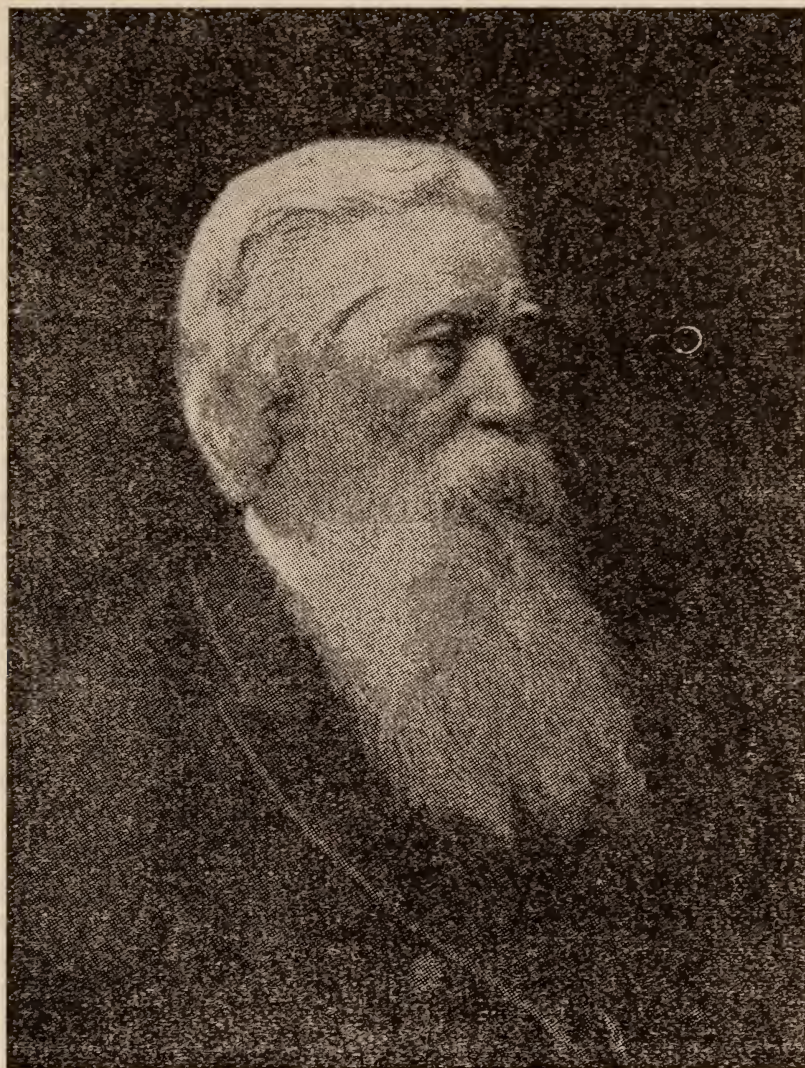
guntar por que chorava, respondeu: "É porque Davizinho e eu nascemos na mesma aldeia, cursamos o mesmo colégio e assistimos a mesma Escola Dominical, trabalhavamos na mesma máquina de fiar. Mas Davizinho foi por *aquêle* caminho, eu por *êste*. Agora êle é honrado pela nação, enquanto eu sou desprezado, desconhecido e desonrado. O único futuro para mim é o entêrro de beberrão".

Não é sòmente o ambiente mas é a escolha na mocidade que determina o destino, não só aqui no mundo, mas para tôda a eternidade.

Quando Livingstone falava aos alunos da Universidade de Cambridge, em 1857, disse o seguinte: "Por minha parte, nunca cesso de me regozijar por Deus ter-me apontado para tal ofício. O povo fala do sacrifício de eu passar tão grande parte da vida na África. É sacrifício pagar de novo uma pequena parte da dívida, dívida que nunca podemos liquidar, do que devemos ao nosso Deus? É sacrifício aquilo que traz a bendita recompensa de saúde, o conhecimento de praticar o bem, a paz de espírito e a viva esperança de um glorioso destino. Longe esteja tal idéia! Digo com ênfase: Não é sacrifício... Nunca fiz sacrifício. Não devemos falar de sacrifício, ao nos lembrarmos do grande sacrifício que fêz Aquêle que desceu do trono de Seu Pai, nas alturas, para se entregar por nós".

Se Livingstone não tivesse adoecido, teria descoberto as nascentes do Nilo. Durante os trinta anos que passou na África, nunca se esqueceu do alvo que era levar Cristo aos povos dêsse escuro continente. Tôdas as viagens que realizou eram viagens missionárias.

Gravadas no seu túmulo podem ser lidas estas palavras: "O coração de Livingstone jaz na África, seu corpo descansa na Inglaterra, mas sua influência continua".

Mas gravadas na história da Igreja de Cristo estão os grandes êxitos na África durante um período de mais de 75 anos depois de sua morte, êxitos inspirados, em grande parte, pelas orações e grande persistência dêsse grande servo, que foi fiel até à morte.

João Paton

JOÃO PATON

MISSIONÁRIO AOS ANTROPÓFAGOS

1824-1907

Perto de Dalswinton, na Escócia, morava um casal, conhecido em tôda a região como os velhos Adão e Eva. A êsse lar veio, em visita, certa vez, uma sobrinha, Janete Rogerson. É de supor que não houvesse muita coisa na casa isolada, dos velhos, para distrair a jovem, sempre viva e alegre. Mas uma coisa atraiu-lhe o interêsse; certo rapaz, chamado Tiago Paton, entrava, dia após dia, no matagal perto da casa. Levava sempre um livro na mão, como se fôsse ali para estudar e meditar. Certo dia, a moça, vencida pela curiosidade, entrou furtivamente por entre as árvores e espiou o rapaz recitando os Sonetos Evangélicos de Erskine. A sua curiosidade tornou-se em santa admiração, quando o jovem, deixando o chapéu a um lado no chão, se ajoelhou debaixo duma árvore para derramar a alma em oração perante Deus. Ela, espírito de brincalhona, avançou e pendurou o chapéu em um galho que estava próximo. Em seguida escondeu-se onde podia, sem ser vista, presenciar o rapaz perplexo a procura do chapéu. No dia seguinte a cena se repetiu. Mas o coração da moça comoveu-se ao ver a perturbação do rapaz, imóvel por alguns minutos com o chapéu na mão. Foi assim que

êle, ao voltar no dia seguinte ao lugar onde se ajoelhava diàriamente, achou um cartão prêso na árvore. No cartão leu estas palavras: "A pessoa que escondeu seu chapéu confessa-se sinceramente arrependida de tê-lo feito e pede que ore, rogando a Deus que a torne crente tão sincera como o senhor".

O jovem fitou por algum tempo o cartão, esquecendo-se completamente naquêle dia dos sonetos. Por fim, tirou o cartão da árvore. Estava reprovando-se a si mesmo e à sua estupidez por não saber que fôra um ser humano quem escondera o chapéu duas vêzes, quando por entre as àrvores, uma moça, balde na mão e cantando um hino escocês, passou na frente da casa do velho Adão.

Naquêle momento o moço, por instinto divino e tão infalìvelmente como por qualquer voz que jamais falara a um profeta de Deus, sabia que a visita angélica que invadira seu retiro de oração fôra a gentil e hábil sobrinha dos velhos Adão e Eva. Tiago Paton ainda não conhecia Janete Rogerson, mas ouvira falar nas suas extraordinárias qualificações intelectuais e espirituais.

É provável que Tiago Paton começasse a orar *por ela* — em um sentido diferente daquêle que ela pedira. De qualquer forma, a moça furtara, não sòmente o chapéu do rapaz, mas também, o coração leal — um furto que resultou, por fim, no casamento dos dois.

Tiago Paton, fabricante de meias no condado de Dunfries, e sua espôsa Janete, andavam, como Zacarias e Isabel da antiguidade, irrepreensíveis perante o Senhor. Ao nascer-lhe o primogênito, deram-lhe o nome de João, dedicando-o solenemente a Deus, com oração, para ser missionário aos povos que não tinham a oportunidade de conhecer a Cristo.

Entre a casa própria, em que morava a família dos Patons, e a parte que servia de fábrica, havia um

pequeno aposento. Acêrca dêsse quarto João Paton escreveu:

"Era o santuário de nossa humilde casa. Várias vêzes ao dia, geralmente depois das refeições, o nosso pai entrava nesse quarto, e, "fechada a porta", orava. Nós, seus filhos, compreendíamos, como se fôsse por instinto espiritual, que se derramavam orações por nós, como acontecia na antiguidade o sumo sacerdote, quando entrava dentro do véu, no Santo dos Santos, em favor do povo. De vez em quando se ouvia o éco duma voz, em tons de quem suplica pela vida; passavamos à porta nas pontinhas dos pés, de modo de não perturbar a santa e íntima conversação. O mundo lá fora não sabia de onde vinha o gôzo que brilhava no rosto de nosso pai; mas nós, seus filhos, o sabíamos; era o reflexo da Presença divina, a Qual era sempre uma realidade para êle na vida cotidiana. Nunca espero, quer em templo, quer nas serras, quer nos vales, sentir Deus mais perto, mais visível, andando e conversando mais ìntimamente com os homens, do que naquela humilde casa, coberta de palha. Se, por uma catástrofe indizível, tudo quanto pertence à religião fôsse apagado da memória, minha alma reverteria de novo ao tempo da minha mocidade; ela fechar-se-ia naquêle santuário e, ao ouvir novamente os écos daquelas súplicas a Deus, lançaria para longe tôda a dúvida com êste grito vitorioso: *Meu pai andava com Deus; porque não posso eu também andar?*"

Na autobiografia de João Paton, vê-se que as suas lutas diárias eram grandes. Mas o que lemos abaixo revela qual a fôrça que operava para que êle sempre avançasse na obra de Deus:

"Antes realizava-se culto doméstico, na casa de meus avós, sòmente aos domingos; mas meu pai induziu a minha avó primeiro, e assim depois todos os membros da família a orar, ler um trecho da Bíblia e cantar

um hino diàriamente, pela manhã e à noite. Foi assim que meu pai começou, aos dezessete anos de idade, o bendito costume de fazer cultos matutinais e vespertinos em casa; costume que observou, talvez sem uma única exceção, até se achar no leito de morte, com setenta e oito anos de idade; quando, mesmo no último dia da sua vida uma passagem das Escrituras foi lida, e ouviu-se sua voz na oração. Nenhum dos filhos se recorda de um só dia em que não fôsse assim santificado; muitas vêzes havia pressa em atender a um negócio; inúmeras vêzes chegavam amigos, passavamos tempos de grande gôzo ou de tristeza profunda; mas nada impedia que nos ajoelhassemos em redor do altar familiar, enquanto o sumo sacerdote dirigia as nossas orações a Deus e se oferecia a si mesmo e seus filhos ao mesmo Senhor. A luz de tal exemplo era uma bênção tanto para o próximo, como para a nossa família. Muitos anos depois, contaram-me que a mais depravada mulher da vila, uma mulher da rua, mas depois salva e reformada pela graça divina, declarou que a única coisa que evitou o seu suicídio foi que, numa noite escura, perto da janela da casa de meu pai, ouviu-o implorando no culto doméstico, que Deus convertesse "o ímpio do êrro de seu caminho e o fizesse luzir como uma jóia, na coroa do Redentor". "Vi", disse ela, "como eu era um grande pêso sôbre o coração dêsse bom homem e sabia que Deus responderia a sua súplica. Foi por causa dessa certeza que não entrei no inferno e que achei o único Salvador".

Não é de admirar que, em tal ambiente, três dos onze filhos, João, Valter e Tiago, fôssem constrangidos a dar suas vidas à obra mais gloriosa, a da ganhar almas. Não julgamos estar êsse ponto completo sem lhe acrescentar mais um trecho da mesma autobiografia:

"Até qual ponto foi impressionado nesse tempo pelas orações de meu pai, não posso dizer, nem ninguém

pode compreender . Quando de joelhos, e todos nós ajoelhados em redor dêle no culto doméstico, êle derramava tôda a sua alma em oração, com lágrimas, não só por tôdas as necessidades pessoais e domésticas, mas também pela conversão da parte do mundo onde não havia pregadores, para servir a Jesus, sentiamo-nos na presença do Salvador vivo e chegamos a conhecê-Lo e a amá-Lo como nosso Amigo divino. Ao levantarmo-nos da oração, eu costumava olhar para a luz do rosto de meu pai e cobiçava o mesmo espírito; anelava, em resposta às suas orações, pela oportunidade de me preparar e sair, levando o bendito Evangelho a uma parte do mundo então sem missionário".

Acêrca da disciplina no lar, eis o que êle escreveu: "Se houvesse algo realmente sério para corrigir, meu pai se retirava primeiramente para o quarto de oração e nós compreendíamos que êle levava o caso a Deus; essa era a parte mais severo do castigo para mim! Eu estava pronto a encarar qualquer penalidade, mas o que êle fazia penetrava na minha consciência como uma mensagem de Deus. Amavamos ainda mais ao nosso pai ao ver quanto tinha de sofrer para nos castigar, e, de fato, tinha muito pouco a castigar pois — dirigia a todos nós, onze filhos, muito mais pelo amor do que pelo temor".

Por fim chegou o dia em que João tinha de deixar o lar paterno. Sem dinheiro para a passagem e com tudo que possuia, inclusive uma Bíblia, embrulhado num lenço, saiu a pé para trabalhar e estudar em Glasgow. O pai o acompanhou uma distância de nove quilômetros. O último quilômetro, antes de se separarem um do outro, os dois caminhavam sem poderem falar uma palavra — o filho sabia pelo movimento dos lábios do pai que êsse orava em seu coração, por êle. Ao chegarem ao lugar, combinado para se separarem um do outro, o pai balbuciou: "Deus te abençôe, meu

filho! O Deus de teu pai te prospere e te guarde de todo o mal". Depois de se abraçarem um ao outro, o filho saiu correndo enquanto o pai, em pé, no meio da estrada, imóvel, o chapéu na mão e as lágrimas correndo-lhe pelas faces, continuava a orar em seu coração. Alguns anos depois o filho testificou de que essa cena, gravada na sua alma, o estimulava como um fogo inestinguível a não desapontar o pai no que esperava dêle, seu filho, que seguisse o seu bendito exemplo de andar com Deus.

Durante os três anos de estudos em Glasgow, apesar de trabalhar com as próprias mãos para se sustentar, João Paton, no gôzo do Espírito Santo, fêz uma grande obra na seara do Senhor. Contudo soava-lhe constantemente aos ouvidos o clamor dos selvagens nas ilhas do Pacífico e isso foi, antes de tudo, o assunto que ocupava as suas meditações e orações diárias. Havia outros para continuar a obra que fazia em Glasgow, mas quem desejava levar o Evangelho a êsses pobres bárbaros?!

Ao declarar sua resolução de trabalhar entre os antropófagos das Novas Hébridas, quase todos os membros da sua igreja se opuzeram à sua saída. Um muito estimado irmão assim se exprimiu: "Entre os antropófagos! Será comido pelos antropófagos!" A isso João Paton respondeu: "O irmão é muito mais velho que eu, breve será sepultado e comido de bichos; declaro ao irmão que, se eu conseguir viver e morrer servindo e honrando ao Senhor Jesus, não me importarei ser comido por antropófagos ou por bichos; no grande dia da ressurreição o meu corpo se levantará tão belo como o seu, na semelhança do Redentor ressuscitado".

De fato, as Novas Hébridas haviam sido batizadas com sangue de mártires. Os dois missionários, Williams e Harris, enviados para evangelizar essas ilhas, poucos anos antes dêsse tempo, foram mortos a cacetadas, e

seus cadáveres cozidos e comidos. "Os pobres selvagens não sabiam que assassinaram seus amigos mais fiéis; assim os crentes em todos os lugares, ao receberem as notícias do martírio dos dois, oraram com lágrimas por êsses povos desprezados".

E Deus ouviu as súplicas, chamando, entre outros, a João Paton. Porém, a oposição à sua saída era tal, que êle resolveu escrever a seus pais; pela resposta veio a saber que êles o haviam dedicado para tal serviço, no dia do seu nascimento. Desde êsse momento João Paton não mais duvidou da vontade de Deus, e assentou no seu coração gastar a vida servindo os indígenas das ilhas do Pacífico.

O nosso herói conta muitas coisas de interêsse acêrca da longa viagem à vela para as Novas Hébridas. Quase no fim da viagem, quebrou-se o mastro do navio. As águas os levavam lentamente para Tana, uma ilha de antropófagos, onde a bagagem teria sido saqueada e todos a bordo cozidos para serem comidos. Contudo Deus ouvira suas súplicas e alcançaram uma outra ilha. Alguns meses depois, foram à mesma ilha de Tana, onde conseguiram comprar o terreno dos selvícolas e edificar uma casa. Comove o coração ao ler que construíram a casa sôbre os mesmos alicerces lançados pelo missionário Turner, quinze anos antes, o qual teve de fugir da ilha para escapar de ser morto e comido pelos selvagens.

Acêrca da sua primeira impressão sôbre o povo, Paton escreveu: "Fui levado ao maior desespêro. Ao vê-los na sua nudez e miséria, senti tanto horror como compaixão. Eu tinha deixado a obra entre os amados irmãos em Glasgow, obra em que sentia muito gôzo, para dedicar-me a criaturas tão degeneradas? Perguntei-me a mim mesmo: "É possível ensiná-las a distinguir entre o bem e o mal, e levá-las a Cristo, ou mesmo a civilizá-las? Mas tudo isso eram apenas sentimentos

passageiros. Logo senti um desejo tão profundo de levá-los ao conhecimento e amor de Jesus, como jamais sentira quando trabalhava em Glasgow".

Antes de completar a casa em que o casal Paton iria morar, houve uma batalha entre duas tribos. As mulheres e crianças fugiram para a praia onde conversavam e riam ruidosamente, como se seus pais e irmãos estivessem ocupados em algum trabalho pacífico. Mas enquanto os selvagens gritavam e se empenhavam em conflitos sangrentos os missionários entregavam-se à oração por êles. Os cadáveres dos mortos foram levados, pelos vencedores, a uma fonte de água fervendo, onde foram cozidos e comidos. À noite ainda se ouvia o pranto e gritos prolongados nas vilas em redor. Os missionários foram informados de que um guerreiro, ferido na batalha, acabara de morrer em casa. A sua viúva foi estrangulada imediatamente, conforme o costume, para que o seu espírito acompanhasse o do marido e lhe continuasse a servir de escrava.

Os missionários, então, nesse ambiente da mais repugnante superstição, da mais baixa crueldade e da mais flagrante imoralidade, esforçavam-se para aprender e usar tôdas as palavras possíveis dêsse povo que não conhecia a escrita. Anelavam falar de Jesus e do amor de Deus a êsses seres que adoravam árvores, pedras, fontes, riachos, insetos, espíritos dos homens falecidos, relíquias de cabelos e unhas, astros, vulcões, etc., etc.

A espôsa de Paton era uma ajudadora esforçada e dentro de poucas semanas reuniu oito mulheres da ilha e as instruía diàriamente. Três meses depois da chegada dos missionários à ilha, a espôsa de Paton faleceu de maleita e um mês depois o filhinho também morreu. Quem pode avaliar as saudades de Paton, durante os anos que trabalhou sem ajudadora em Tana? Apesar de quase haver morrido também de maleita, apesar de

os crentes insistirem para que voltasse à sua terra, e apesar de os indígenas fazerem plano após plano a matá-lo para o comerem, êsse herói permaneceu orando e trabalhando fielmente no pôsto onde Deus o colocara.

Um templo foi construído e um bom número se congregava para ouvir a Mensagem divina. Paton não sòmente conseguiu reduzir a língua dos tanianos à forma escrita mas também traduziu uma parte das Escrituras, a qual imprimiu, apesar de não conhecer a arte tipográfica. Acêrca dessa gloriosa façanha de imprimir o primeiro livro em taniano, assim escreveu: "Confesso que gritei de alegria quando a primeira fôlha saiu do prelo, tendo tôdas as páginas na ordem própria; era a uma hora da madrugada. Eu era o único homem branco na ilha e havia horas que todos os nativos dormiam. Contudo atirei ao ar o chapéu e dansei como um menino, por algum tempo, ao redor do prelo".

"Terei eu perdido a razão? Não devia, como missionário, estar de joelhos louvando a Deus, por mais esta prova de Sua graça? Crêde, amigos, o meu culto foi tão sincero como o de Daví, quando dançou diante da Arca do seu Deus! Não deveis pensar que, depois de pronta a primeira página, eu não me tivesse ajoelhado pedindo ao Todo Poderoso que propagasse a luz e alegria do seu Santo Livro nos corações entenebrecidos dos habitantes daquela terra inculta".

Depois de Paton haver passado três anos em Tana, o casal de missionários que vivia na ilha vizinha, Erromanga, foi martirizado bàrbaramente a machadadas, em pleno dia. Ao completar quatro anos de estada em Tana, o ódio dos indígenas dessa ilha chegou ao auge. Diversas tribos combinaram matar o "indefeso" missionário e findar, assim, com a religião do Deus de amor, em tôda a ilha. Contudo, como êle mesmo se declarava, *imortal até findar sua obra na terra,* evitava, em pleno campo, os inúmeros golpes de lanças, machadinhas e

cacetes, armados pelas mãos dos indígenas, e assim conseguiu escapar para a ilha de Aneitium. Planejou então ocupar-se na obra de tradução do resto dos Evangelhos na língua taniana enquanto esperava a oportunidade de voltar a Tana. Contudo, sentiu-se dirigido a aceitar a chamada para ir à Austrália. Em poucos meses, animou as igrejas a comprarem um navio de vela, para servir os missionários. Despertou-as, também, a contribuírem liberalmente e a enviarem mais missionários a evangelizar tôdas as ilhas.

Acêrca da sua viagem à Escócia, depois de alguns anos nas Novas Hébridas, êle escreveu: "Fui, de trem, a Dunfries e lá achei condução para o querido lar paterno, onde fui acolhido com muitas lágrimas. Havia sòmente cinco curtíssimos anos que saíra dêsse santuário com a minha jovem espôsa, e agora, ai de mim! mãe e filhinho jaziam no túmulo, em Tana, nos braços um do outro, até ao dia da ressurreição... Não foi com menos gôzo, apesar de sentir-me angustiado que, poucos dias depois, me encontrei com os pais da minha querida falecida espôsa."

Antes de deixar a Escócia, para nova viagem, Paton casou-se com a irmã de outro missionário. Chamada por Deus a trabalhar entre os povos mergulhados nas trevas das Novas Hébridas, ela serviu como fiel companheira ao seu marido, por muitos anos.

"Meu último ato na Escócia foi ajoelhar-me no lar paterno, durante o culto doméstico, enquanto meu venerado pai, como sacerdote, de cabelos brancos, nos encomendava, uma vez mais, "aos cuidados e proteção de Deus, Senhor das famílias de Israel." Eu sabia por certo, quando nos levantamos da oração e nos despedimos uns dos outros, que não nos encontraríamos com êles antes do dia da ressurreição. Porém êle e minha querida mãe nos ofertaram de novo ao Senhor com corações alegres, para o Seu serviço entre os sel-

vícolas. Mais tarde meu querido irmão me escreveu que a "espada" que traspassara a alma da minha mãe, era demasiado aguda e que, depois da nossa saída, ela jazeu por muito tempo como morta, nos braços de meu pai."

De volta às ilhas, Paton foi constrangido pelo voto de todos os missionários a não voltar a Tana, mas abrir a obra na vizinha ilha de Aniwa. Dessa forma tinha que aprender outra língua e começar tudo de novo. Na obra de preparar o terreno para a construção da casa, Paton ajuntou dois cestos de ossos humanos, de vítimas comidas pelo povo da ilha!

"Quando essas pobres criaturas começavam a usar um pedacinho de chita, ou um saiote, era sinal exterior de uma transformação, apesar de estarem longe de civilização. E quando começavam a olhar para cima, a orar Àquêle a quem chamavam de "Pai, nosso Pai", meu coração se derretia em lágrimas de gôzo; e sei por certo que havia um Coração divino nos céus que se regozijava, também."

Contudo, como em Tana, Paton considerava-se imortal até completar a obra que lhe fôra designada por Deus. Inúmeras vêzes evitou a morte agarrando a arma levantada contra êle pelos selvagens para o matarem.

Por fim a fôrça das trevas unidas contra o Evangelho em Aniwa cedeu. Isso data do tempo em que cavou um poço na ilha. Para os indígenas a água de côco, para satisfazer a sêde, era suficiente, porque se banhavam no mar; usavam pouco a água para cozinhar — e nenhuma para lavar a roupa! Mas para os missionários a falta de água doce era o maior sacrifício e Paton resolveu cavar um poço.

No início os indígenas auxiliaram-no na obra, apesar de considerarem o plano, "do Deus de Missi dar

chuva de baixo", concepção de uma mente avariada. Mas depois, amedrontados pela profundeza da cavidade, deixaram o missionário a cavar sòzinho, dia após dia, enquanto o contemplavam de longe, dizendo entre si: "Quem jamais ouviu falar em chuva que vem de baixo?! "Pobre Missi! Coitado!" Quando o missionário insistia em dizer que o abastecimento de água em muitos países vinha de poços, êles respondiam: "É assim que se dá com os doidos; ninguém pode desviá-los de suas idéias loucas."

Depois de longos dias de labor enfadonho, Paton alcançou terra úmida. Confiava em Deus para obter água doce, em resposta às orações; contudo, nessa altura, ao meditar sôbre o efeito que causaria entre o povo, sentia-se quase tomado do horror ao pensar que podia encontrar água salgada. "Senti-me", escreveu êle, "tão comovido que fiquei molhado de suor e tremia-me todo o corpo, quando a água começou a borbulhar debaixo e começou a encher o poço. Tomei um pouco de água na mão, levei-a à bôca para prová-la. Era água! Era água potável! Era água viva do poço de Jeová!"

Os chefes indígenas com seus homens a tudo assistiam. Era uma repetição, em ponto pequeno, dos Israelitas rodiando a Moisés quando fêz água sair da rocha. O missionário, depois de passar algum tempo louvando a Deus, ficou mais calmo, desceu novamente, encheu um jarro da "chuva que Deus Jeová lhe dava pelo poço", e entregou-o ao chefe. Êste sacudiu o jarro para ver se realmente havia água dentro; então tomou um pouco na mão, e não satisfeito com isso, levou à bôca um pouco mais. Depois de revolver os olhos de alegria, bebeu-a e rompeu em gritos: "Chuva! Chuva! É chuva mesmo! Mas como a arranjou?" Paton respondeu: "Foi Jeová, meu Deus, quem a deu da Sua terra em resposta ao nosso labor e orações. Olhai e vêde por vós mesmos como borbulha da terra!"

Não havia um homem entre êles que tivesse coragem de chegar-se perto da bôca do poço; então formaram uma fila comprida e segurando-se uns aos outros pelas mãos, avançaram até que o homem da frente pudesse olhar para dentro do poço; a seguir o que tinha olhado então passava para a retaguarda, deixando o segundo olhar para ver a "chuva de Jeová, mui em baixo".

Depois de todos olharem, um por um, o chefe dirigiu-se a Paton e disse: "Missi, a obra de seu Deus Jeová é admirável, é maravilhosa! Nenhum dos deuses de Aniwa jamais nos abençoou tão maravilhosamente. Mas, Missi, Êle continuará para sempre a dar chuva por essa forma?, ou acontecerá como a chuva das nuvens?" O missionário explicou, para gôzo indizível de todos, que essa bênção era permanente e para todos os aniwanianos.

Os nativos experimentaram, durante os anos que seguiram, em seis ou sete dos lugares mais prováveis, perto de várias vilas, cavar poços. Tôdas as vêzes que o fizeram ou encontravam pederneira ou o poço dava água salgada. Diziam entre si: "Sabemos cavar, mas não sabemos orar como Missi e, portanto, Jeová não nos dá chuva de baixo!"

Num domingo, depois que Paton alcançou água do poço, o chefe Namakei convocou o povo da ilha. Fazendo seus gestos com machadinha na mão, dirigiu-se aos ouvintes da seguinte maneira: "Amigos de Namakei, todos os poderes do mundo não podiam obrigar-nos a crer que fôsse possível receber chuva das entranhas da terra se não a tivessemos visto com os próprios olhos e provado com a bôca... Desde já, meu povo, devo adorar ao Deus que nos abriu o poço e nos dá chuva de baixo. Os deuses de Aniwa não podem socorrer-nos como o Deus de Missi. Para todo o sempre sou um seguidor de Deus Jeová. Todos vós que quiserdes

fazer o mesmo, tomai os ídolos de Aniwa, os deuses que nossos pais temiam, e lançai-os aos pés de Missi... Vamos a Missi para êle nos ensinar como devemos servir a Jeová... o Qual enviou Seu Filho Jesus para morrer por nós e nos levar aos céus."

Durante os dias que se seguiram, grupo após grupo, alguns dos selvícolas com lágrimas e soluços, outros aos gritos de louvor a Jeová, levaram seus ídolos de pau e de pedra, os quais lançaram em montes perante o missionário. Os ídolos de pau foram queimados, os de pedra enterrados em covas de quatro a cinco metros de profundidade e alguns, de maior superstição, foram lançados no fundo do mar, longe de terra.

Um dos primeiros passos na vida cotidiana da ilha, depois de destruírem os ídolos, foi a invocação da bênção do Senhor às refeições. O segundo passo, uma surprêsa maior e que também encheu o missionário de gôzo, foi um acôrdo entre êles de fazer culto doméstico de manhã e à noite. Sem dúvida êsses cultos eram misturados, por algum tempo, com muitas das superstições do paganismo.

Mas Paton traduziu as Escrituras e as imprimiu na língua aniwaniana e ensinou o povo a lê-las. A transformação do povo da ilha foi uma das maravilhas dos tempos modernos. Como arde o coração ao ler acêrca da ternura que o missionário sentia para com êsses amados filhos na fé, e do carinho que êsses, outrora cruéis selvagens que comiam uns aos outros, mostravam para com o missionário!

Que o nosso coração arda também para ver a mesma transformação dos milhões de selvícolas no interior de nosso querido Brasil.

Paton descreveu a primeira Ceia do Senhor com as seguintes palavras: "Ao colocar o pão e o vinho nas mãos, outrora manchadas do sangue de antropofagia, agora estendidas para receber e participar dos em-

blemas do amor do Redentor, antecipei o gôzo da glória até ao ponto do coração não suportar mais. É-me impossível experimentar delícia maior antes de eu poder fitar o rosto glorificado do próprio Jesus Cristo!"

Deus não sòmente concedeu ao nosso herói o indizível gôzo de ver os aniwanianos irem evangelizar as ilhas vizinhas, mas também de ver seu próprio filho, Frank Paton, e espôsa, morando na ilha de Tana continuando a obra que êle começara com o maior sacrifício.

Foi com a idade de 83 anos, que João G. Paton ouviu a voz de seu precioso Jesus chamando-o para o lar eterno. Quão grande o seu gôzo, não sòmente ao reunir-se aos seus queridos filhos das ilhas do sul do Pacífico, os quais entraram no céu antes dêle, mas, também, saudar bem-vindos os outros ao chegarem ali, um por um!

Hudson Taylor

HUDSON TAYLOR

O PAI DA MISSÃO NO INTERIOR DA CHINA

1832-1905

Tiago Taylor tinha-se levantado cêdo de madrugada. Chegara por fim o auspicioso e anunciado dia de seu casamento; o moço ocupava-se em arrumar tudo para receber a noiva na casa que iam ocupar. Enquanto trabalhava, estava meditando sôbre as ocorrências recentes na aldeola.

Duas famílias, a dos Cooper e a dos Shaw, converteram-se e convidaram João Wesley a pregar na feira. O velho discursou sôbre "a ira vindoura", de tal maneira, que o povo desistiu da amarga perseguição, deixando o intrépido pregador hospedar-se na casa do Sr. Shaw.

Enquanto Tiago preparava a casa para a chegada da noiva, ouvia-se a voz da vizinha, a Sra. Shaw, cantando. Lembrou-se de como ela, meses antes, passava todo o tempo acamada, gemendo dia após dia por causa do reumatismo que a deixara aleijada. Mas quando "confiou no Senhor", como disse, para a cura imediata, grande foi a transformação. E indizível foi a surprêsa do marido ao voltar à casa; a espôsa não sòmente estava curada e de pé, mas estava varrendo a cozinha!

Tiago Taylor odiava a religião. Ainda mais: êsse era o dia em que ia se casar. Depois do casamento iam dansar e beber como se fazia em tais ocasiões. Mas não podia livrar-se das palavras, talvez ouvidas do sermão do pregador: *Porém eu e a minha casa serviremos ao Senhor.*

Sim, ia ter uma espôsa e assumir as responsabilidades de marido e de pai de família. Grande tinha sido seu descuido. Resolvido, então, a entrar sèriamente na vida de casado, começou a repetir as palavras: *Serviremos ao Senhor!*

As horas se passavam. O sol subia mais e mais sôbre as casas cobertas de neve. Mas o jovem Tiago, esquecido de tudo que é material, e tomado pela realidade das coisas eternas, permaneceu de joelhos, face a face com Deus. O amor do Salvador, por fim, venceu o coração e Tiago Taylor levantou-se possuído de Jesus Cristo.

Podemos imaginar como os sinos dobraram, como a noiva e os convivas se impacientaram, nesse dia. Havia passado a hora para o culto de casamento quando o jovem voltou em espírito e se levantou da oração. Depois de vestir-se venceu, ràpidamente, os três quilômetros até ao vilarejo de Royston.

Sem perderem tempo em perguntar ao rapaz a razão de tanto atraso, realizou-se o culto e Tiago e Elisabete saíram da igreja, casados. O jovem não vacilou, mas ao sair contou tudo acêrca da sua conversão, ao ouvido de Bete. Ao ouvir o que êle relatava, ela exclamou em tom de desespêro: "Casei-me, então, com um dêsses metodistas!"

Não houve dansa nesse dia; a voz e o violino do noivo foram usados para glorificar o Mestre. Bete, apesar de saber em seu coração que Tiago tinha razão, continuou a resistir e a queixar-se dia após dia. Então,

certo dia, quando se mostrava ainda mais contrariada, o robusto Tiago levantou-a nos braços e a levou para o quarto, onde se ajoelhou ao seu lado, derramando a sua alma em oração por ela. Comovida pela profundeza da mágua e cuidado que Tiago sentia por sua alma, ela começou a sentir também seu pecado e, no dia seguinte, de joelhos, ao lado do marido, Elisabete Taylor clamou a Deus, renunciando a vaidade do mundo e entregando-se a Cristo.

É assim, com os bisavôs, que começa a verdadeira biografia do herói da fé, Hudson Taylor. Os avôs e os pais, na mesma ordem, criaram seus filhos no mesmo temor de Deus.

Num memorável dia, antes do nascimento de Hudson, o primogênito da família, o pai procurou a sua espôsa para conversar sôbre uma passagem das Escrituras que o impressionava profundamente. Na sua Bíblia leu para ela uma parte dos capítulos 13 de Êxodo e 3 de Números; *Santifica-me todo o primogênito... Todo o primogênito meu é... Meus serão... Apartarás para o Senhor...*

Os dois conversaram muito tempo sôbre o gôzo que esperavam ter. Então, de joelhos, entregaram seu primogênito ao Senhor, pedindo que desde já êle o separasse para a Sua obra.

Tiago Taylor, o pai de Hudson, não sòmente orava fervorosamente por seus cinco filhos, mas ensinou-os a todos a pedirem detalhadamente a Deus tôdas as coisas. Ajoelhados, diàriamente, ao lado da cama, o pai colocava o braço em redor de cada um enquanto orava instantemente por êle. Insistia em que cada membro da família passasse, também, ao menos meia hora, todos os dias, perante Deus renovando a alma por meio de oração e estudo das Escrituras.

A porta fechada do quarto da sua mãe, diàriamente ao meio dia, apesar das suas constantes e inumeráveis obrigações, tinha também grande influência sôbre todos, pois sabiam que ela, assim, se prostrava perante Deus para renovar suas fôrças e para que o próximo se sentisse atraído ao Amigo invisível que habitava nela.

Não é de admirar, portanto, que, ao crescer, Hudson se consagrasse inteiramente a Deus. O grande segrêdo do seu incrível êxito é que em tudo que carecia, no sentido espiritual ou material, recorria a Deus e recebia dos tesouros infinitos.

Contudo, não devemos julgar que a mocidade de Hudson Taylor, fôsse isenta de grandes lutas. Como acontece com muitos, o moço chegou a idade de dezessete anos sem reconhecer a Cristo como seu Salvador. Acêrca disso êle escreveu mais tarde:

"Pode ser coisa estranha, mas sou grato pelo tempo que passei no céticismo. O absurdo de crentes que professam crer na Bíblia enquanto se comportam justamente como se não existisse tal livro, era um dos maiores argumentos dos meus companheiros céticos. Freqüentemente afirmei que se eu aceitasse a Bíblia ao menos faria tudo para seguir o que ela ensina e no caso de achar que tal coisa não era prática, lançaria tudo fora. Foi essa a minha resolução quando o Senhor me salvou. Acho que desde então realmente provei a Palavra de Deus. Certamente nunca me arrependi de confiar nas suas promessas ou de seguir a Sua direção.

"Quero relatar então como Deus respondeu as orações da minha mãe e da minha querida irmã por minha conversão:

"Certo dia para mim inesquecível... para me divertir, escolhi um tratado na biblioteca de meu pai.

Pensei em ler o comêço da história e não ler a exortação do fim.

"Eu não sabia o que acontecia ao mesmo tempo no coração da minha querida mãe, mais de cem quilômetros distante. Ela levantara-se da mesa anelando a salvação de seu filho. Estando longe da família e livre da lida doméstica, entrou no seu quarto, resolvida a não sair antes de receber a resposta das suas orações. Orou hora após hora, até que, por fim, só podia louvar a Deus; o Espírito Santo revelou-lhe que o filho por quem orava já se havia convertido.

"Eu, como já mencionei, fui dirigido ao mesmo tempo a ler o tratado. Fui atraído pelas palavras: *A obra consumada*. Perguntei-me a mim mesmo: Por que o escritor não escreveu: A obra propiciatória? Qual é a obra consumada? Então vi que a propiciação de Cristo era plena e perfeita. Tôda a dívida de nossos pecados ficou paga e não restava coisa alguma que eu fizesse. Então raiou em mim a gloriosa convicção; fui iluminado pelo Espírito Santo, para reconhecer que eu sòmente precisava de prostrar-me e, aceitando o Salvador e a Sua salvação, louvá-Lo para todo o sempre.

"Assim, enquanto a minha querida mãe, no seu quarto, de joelhos, estava louvando a Deus, eu estava louvando a Deus na biblioteca de meu pai, onde entrara para ler o livrinho."

Foi assim que Hudson Taylor aceitou para a sua própria vida a obra propiciatória de Cristo, um ato que transformou todo o resto da sua vida. Acêrca da sua consagração, êle escreveu o seguinte:

"Lembro-me bem da ocasião, quando com gôzo no meu coração, derramei a alma perante Deus, repetidamente confessando-me grato e cheio de amor porque Êle tinha feito tudo — salvando-me quando eu não tinha mais esperança, nem queria a salvação. Supli-

quei-Lhe que me concedesse uma obra para fazer, como expressão do meu amor e gratidão, algo que envolvesse abnegação, fôsse o que fôsse; algo para agradar a Quem fizera tanto por mim. Lembro-me de como, sem reserva, consagrei tudo; colocando a minha própria pessoa, a minha vida, os amigos, tudo sôbre o altar. Com a certeza de que a oferta foi aceita, a presença de Deus se tornou verdadeiramente real e preciosa. Prostrei-me em terra perante Êle, humilhado e cheio de indizível gôzo. Para qual serviço fui aceito eu não sabia. Mas fui possuído de uma certeza tão profunda de não pertencer mais a mim mesmo, que êsse sentimento, depois dominou tôda a minha vida."

O moço que entrou no quarto para estar sòzinho com Deus nesse dia, não era o mesmo quando saiu. Um alvo e um poder se apossaram dêle. Não mais ficou satisfeito em sòmente alimentar a sua própria alma nos cultos; começou a sentir a sua responsabilidade para com o próximo — anelava *tratar dos negócios de seu Pai*. Regozijava-se com riquezas e bênçãos indizíveis. E como os leprosos no arraial dos siros, Hudson e sua irmã, Amélia, diziam: *Não fazemos bem; êste dia é de boas novas, e nos calamos*. Desistiram, pois de assistir os cultos nos domingos à noite e saíram para anunciar a mensagem, de casa em casa, entre as classes mais pobres da cidade. Mas Hudson Taylor não estava ainda satisfeito; sabia que ainda não estava no centro da vontade de Deus. Na angústia de seu espírito, como aquêle da antiguidade, clamou: *Não te deixarei ir, se me não abençoares*. Então, sòzinho e de joelhos, surgiu na sua alma um grande propósito; se Deus rompesse o poder do pecado e o salvasse em espírito, alma e corpo, para tôda a eternidade, êle renunciaria tudo na terra para ficar sempre ao Seu dispor. Acêrca desta experiência, foi êle mesmo que se expressou assim:

"Nunca me esquecerei do que senti então; não há palavras para o descrever. Senti-me na presença de Deus, entrando numa aliança com o Todo Poderoso. Pareceu-me que ouvi enunciadas as palavras: "Tua oração é ouvida; tuas condições são aceitas." Desde então nunca duvidei da convicção de que Deus me chamava a trabalhar na China."

A chamada de Deus, apesar de Hudson Taylor quase nunca a mencionar, ardia como um fogo dentro do coração. Copiamos a seguir o seguinte trecho de uma das cartas enviada a sua irmã:

"Imagina, 360 milhões de almas sem Deus, nem esperança, na China! Parece incrível; 12 milhões de pessoas que morrem dentro de um ano sem qualquer confôrto do Evangelho!... Quase ninguém liga importância à China, onde habita cêrca da quarta parte da raça humana... Ora por mim, querida Amélia, pedindo ao Senhor que me dê mais da mente de Cristo... Eu oro no armazém, na estrebaria, em qualquer canto onde posso estar sòzinho com Deus. E Êle me concede tempos gloriosos... Não é justo esperar que V... (a noiva de Hudson) vá comigo para morrer no estrangeiro. Sinto profundamente deixá-la, mas meu Pai sabe qual é a melhor coisa e não me negará coisa alguma que seja boa"...

A falta de espaço não permite relatarmos aqui o heroísmo da fé que o jovem mostrou suportando os sacrifícios e as privações necessários para cursar a escola de medicina e de cirurgia para melhor servir o povo da China.

Antes de embarcar escreveu estas palavras à sua mãe: "Anelo estar aí uma vez mais e sei que a senhora quer ver-me, mas acho melhor não nos abraçarmos um ao outro mais pois isso seria encontrarmo-nos para logo nos separarmos para todo o sempre... Contudo a sua

mãe foi ao pôrto de onde o navio se ia fazer à vela. Alguns anos depois êle assim registrou a partida:

"A minha querida mãe, que agora está com Cristo, viera a Liverpool para despedir-se de mim. Nunca me esquecerei de como ela entrou comigo no camarote em que eu ia morar quase seis longos meses. Com o carinho de mãe endireitou os cobertores da pequena cama. Assentou-se ao meu lado e cantamos o último hino antes de nos separarmos um do outro. Ajoelhamo-nos e ela orou; — foi a última oração de minha mãe antes de eu partir para a China. Ouviu-se então o sinal para que todos os que não eram passageiros saíssem do navio. Despedimo-nos um do outro, sem a esperança de nos encontramos outra vez... Ao passar o navio pelas comportas, e quando a separação começou a ser realidade, do seu coração saiu um grito de angústia tão comovente, que jamais esquecerei. Foi como que meu coração fôsse traspassado por uma faca. Nunca reconheci tão plenamente, até então, o que significam as palavras: *Pois assim amou Deus ao mundo*. Estou certo de que a minha preciosa mãe, nessa ocasião, chegou a compreender mais, também, do amor de Deus para com um mundo que perece do que em qualquer outro tempo da sua vida. Oh, como se entristece o coração de Deus ao ver como Seus filhos fecham os ouvidos à chamada divina para salvar o mundo pelo qual Seu amado, Seu único Filho sofreu e morreu!"

Os passageiros de navios modernos conhecem muito pouco o incômodo de viajar em navio à vela. Depois de uma das muitas tempestades por que passou o Dumfries, o nosso herói escreveu: "A maior parte do que possuo está molhado. O camarote do comissário, coitado, inundou-se..." Sòmente pelas orações e grandes esforços de todos a bordo é que conseguiram a salvar as próprias vidas quando o navio, levado por grande temporal, estava prestes a naufragar nas pedras da

praia de Gales. A viagem que esperavam realizar em quarenta dias levou cinco meses e meio! Sòmente em 1 de Março de 1854, Hudson Taylor, com a idade de vinte e um anos, conseguiu desembarcar em Shanghai, quando então êle escreveu estas impressões:

"Não posso descrever o que senti ao pisar em terra. Parecia-me que o coração ia estourar; as lágrimas de gratidão e gôzo corriam-me pelas faces."

Sobreveio-lhe, então, uma grande onda de saudades; não havia amigos, nem conhecidos, nem qualquer pessoa em todo o país para saudá-lo bemvindo nem mesmo alguém que conhecesse o seu nome.

Nesse tempo a China era *terra incognita,* a não ser os cinco portos no litoral, abertos à residência de estrangeiros. Foi na casa de um missionário em Shanghai, um dos cinco portos, que o moço achou hospedagem.

A vitória em tôdas as variadas provações nesse tempo era devida a característica mais saliente de Hudson Taylor, talvez, a de nunca ficar paralisado, na sua obra, fôsse qual fôsse o contratempo.

Durante os primeiros três meses na China, distribuiu 1.800 Novo Testamentos e Evangelhos e mais de 2 mil livros. Durante o ano de 1855 fêz oito viagens — uma de trezentos quilômetros subindo o rio Yangtzé. Em outra viagem visitou cinqüenta e uma cidades onde nunca antes se ouvira a mensagem do Evangelho. Nessas viagens foi sempre prevenido do perigo que corria a sua vida entre o povo que nunca tinha visto estrangeiros.

Para ganhar mais almas para Cristo, apesar da censura dos demais missionários, adotou o hábito de vestir-se como os chineses. Rapou a cabeça na frente, deixando o resto dos cabelos a formar trança comprida.

A calça, a qual tinha mais que meio metro de folga, êle segurava, conforme o costume, com um cinto. As meias eram de chita branca, o calçado de cetim. O manto pendurado dos ombros, sobressaía-lhe a ponta dos dedos das mãos mais que setenta centímetros.

Mas uma das cruzes mais pesadas que o nosso herói teve de levar era a falta de dinheiro quando a missão, que o enviara, se achava sem recursos.

Em 20 de Janeiro de 1858, Hudson Taylor casou-se com Maria Dyer, uma missionária de talento na China. Dêsse enlace nasceram cinco filhos. A casa em que moravam primeiro, na cidade de Ningpo, tornou-se depois o bêrço da famosa Missão do Interior da China.

As privações e os encargos de serviço em Shanghai, Ningpo e outros lugares eram tais que Hudson Taylor, antes de completar seis anos na China, foi obrigado a voltar à Inglaterra para recuperar a saúde. Foi para êle quase como que uma sentença de morte quando os médicos informaram-no de que nunca mais devia voltar à China.

Entretanto o fato de perecerem um milhão de almas todos os meses na China era uma realidade para Hudson Taylor; com seu espírito indômito, ao chegar à Inglaterra, iniciou imediatamente a tarefa de preparar um hinário e a revisão do Novo Testamento para os novos convertidos que deixara na China. Usando ainda o traje de chinês trabalhava tendo o mapa da China na parede e a Bíblia sempre aberta sôbre a mesa. Depois de alimentar-se e fartar-se da Palavra de Deus, fitava o mapa, lembrado dos que não tinham tais riquezas. Todos os problemas êle os levava a Deus; não havia coisa alguma demasiado grande, nem tão insignificante, que a não deixasse com o Senhor em oração.

Em razão de suas atividades estava tão sobrecarregado de correspondência e nos trabalhos dos cultos

em prol da China, que após a sua chegada passaram-se mais de vinte dias antes de conseguir abraçar seus queridos pais em Bransley.

Passava, às vêzes a manhã, outras vêzes a tarde, em jejum e oração. O seguinte trecho que êle escreveu mostra como a sua alma continuou a arder nos seus discursos nas igrejas da Inglaterra, sôbre a obra missionária:

"Havia a bordo, entre os companheiros de viagem, certo chinês que se chamava Pedro. Passara alguns anos na Inglaterra, mas, apesar de conhecer algo do Evangelho, não reconhecia coisa alguma do seu poder para salvar. Senti-me ligado a êle e esforcei-me em orar e falar para levá-lo a Cristo. Mas quando o navio se aproximava de Sung-kiang e eu me preparava para ir a terra, pregar e distribuir tratados, ouvi o grito de um homem que caíra na água. Fui até ao convez com os outros — o Pedro tinha desaparecido.

"Imediatamente arriamos as velas, mas a correnteza da maré era tal que não tínhamos a certeza do lugar onde o homem caíra. Vi alguns pescadores próximo, os quais usavam uma rede varredoura. Angustiado clamei:

"— Venham passar a rede aqui, pois um homem está morrendo afogado!

"— *Veh bin,* foi a resposta inesperada, isto é, não é conveniente".

"— Não falem se é ou não é conveniente. Venham depressa antes que o homem pereça.

"— Estamos pescando.

"— Eu sei! Mas venham imediatamente e pagarei bem.

"— Quanto nos quer dar?

"— Cinco dólares, mas não fiquem conversando. Salvem o homem sem demora!

"— Cinco dólares não basta; clamaram êles. Não o faremos por menos de trinta dólares.

"— Mas não tenho tanto! — darei tudo que eu tenho.

"— Quanto tem o senhor?

"— Não sei — porém não é mais do que catorze dólares.

"Então os pescadores vieram, passaram a rede no lugar indicado. Logo à primeira vez apanharam o corpo do homem. Mas todos os meus esforços para restaurar-lhe a respiração foram inúteis. Uma vida fôra sacrificada pela indiferença dos que podiam salvá-la quase sem esfôrço."

Ao ouvirem contar esta história, uma onda de indignação passou por todo o grande auditório. Haveria em todo o mundo um povo tão endurecido e interesseiro como êsse! Mas ao continuar o seu discurso, a convicção feriu ainda mais o coração dos ouvintes.

"O corpo então tem mais valor que a alma? Censuramos êsses pescadores, dizendo que foram culpados da morte de Pedro, porque era coisa fácil salvá-lo. Mas que acontece com os milhões que estamos deixando perecer para tôda a eternidade? Que diremos acêrca da ordem implícita: *Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a tôda a criatura?* Deus nos diz também:

"Livra os que estão destinados à morte, e os que são levados para a matança, se os puderes retirar. Se disseres: Eis que o não sabemos; porventura aquêle que pondera os corações não o considerará? e aquêle que atenta para a tua alma não o saberá? não pagará êle ao homem conforme a sua obra?"

"Crêdes que cada pessoa entre êsses milhões da China, tem uma alma imortal e que não há outro nome debaixo do céu, dado entre os homens a não ser o precioso nome de Jesus, pelo qual devamos ser salvos?

Crêdes que Êle, Êle só, é o caminho, a Verdade e a Vida e que ninguém vai ao Pai senão por Êle? Se assim o crêdes, examinai-vos a vós mesmos para ver se estais fazendo todo o possível para levar Seu nome a todos.

"Ninguém deve dizer que não é chamado para ir à China. Ao enfrentar tais fatos, tôdas as pessoas precisam saber se têm uma chamada para ficarem em casa. Amigo, se não tens certeza de uma chamada para continuar onde estás, como podes desobedecer à clara ordem do Salvador, para ir? Se estás certo, contudo, de estares no lugar onde Cristo quer, não por causa do confôrto ou dos cuidados da vida, então estás orando como convém a favor dos milhões de perdidos da China? Estás usando teus recursos para a sua salvação?"

Certo dia, não muito depois de haver regressado à Inglaterra, Hudson Taylor, ao completar a estatística, veio a saber que o número total de missionários evangélicos na China diminuíra em vez de aumentar. Apesar de a metade da população pagã estar na China, o número de missionários durante o ano tinha diminuído de cento e quinze para sòmente noventa e um . Começaram a soar aos ouvidos do missionário estas palavras: *Quando eu disser ao ímpio: Certamente morrerás; não o avisando tu, não falando para avisar o ímpio acêrca do seu caminho ímpio, para salvar a sua vida, aquêle ímpio morrerá na sua maldade, mas o seu sangue da tua mão o requererei.*

Era um domingo, 25 de Junho de 1865, de manhã, à beira do mar. Hudson Taylor, cansado e doente, estava com alguns amigos em Brighton. Mas não podendo suportar mais o regozijo da multidão na casa de Deus, retirou-se para andar sòzinho nas areias da maré vazante. Tudo em redor era paz e bonança, mas na alma do missionário rugia uma tempestade. Por fim, com alívio indizível, clamou: "Tu, Senhor, Tu podes assumir

todo o encargo. Com Tua chamada, e como Teu servo, avançarei, deixando tudo nas Tuas mãos."

Assim "a Missão do Interior da China foi concebida na sua alma e tôdas as etapas do seu progresso realizaram-se por seus esforços. Na calma do seu coração, na comunhão profunda e indizível com Deus, originou-se a missão."

Com o lápis na mão, abriu a Bíblia; enquanto as ondas do vasto mar batiam aos seus pés, escreveu as simples mas memoráveis palavras: "Orei em Brighton pedindo vinte e quatro trabalhadores competentes e dispostos, em 25 de Junho de 1865."

Mais tarde, recordando-se da vitória dessa ocasião escreveu:

"Grande foi o alívio de espírito que senti ao regressar da praia. Depois de findar o conflito, tudo era gôzo e paz. Parecia que me faltava muito pouco para voar até a casa do sr. Pearse. Na noite dêsse dia dormi profundamente. A querida espôsa achou que a visita a Brighton serviu para renovar-me maravilhosamente. Era a verdade!"

O vitorioso missionário, juntamente com a família e os vinte e quatro chamados por Deus, embarcaram em Londres, no Lammermuir, para a China em 26 de Setembro de 1866. O anelante alvo de todos era o de erguer a bandeira de Cristo nas onze províncias, ainda não ocupadas, na China. Alguns dos amigos os animaram, mas outros disseram: "Todo o mundo ficará esquecido dos irmãos. Sem uma junta aqui na Inglaterra ninguém se importará com a obra por muito tempo. Promessas são fáceis de fazer hoje em dia; dentro de pouco tempo não terão o pão cotidiano."

A viagem levou mais que quatro meses. Acêrca de uma das tempestades, um dos missionários escreveu estas palavras:

"Durante todo o temporal, o sr. Taylor se comportou com a maior calma. Por fim os marinheiros recusaram-se a trabalhar. O comandante aconselhou a todos a bordo a amarrarem os cintos de salvação, dizendo que o navio não resistiria à fôrça das ondas mais que duas horas. Nessa altura o comandante avançou na direção dos marinheiros com o revólver na mão. O sr. Taylor então aproximou-se dêle e pediu-lhe que não obrigasse dessa forma os marinheiros a trabalhar. O missionário dirigiu-se também aos homens e explicou-lhes que Deus ia salvá-los, mas que eram necessários os maiores esforços de tôdas as pessoas a bordo. Acrescentou que tanto êle como todos os passageiros estavam prontos a ajudá-los, e que, como era evidente, as vidas dêles também, corriam perigo. Os homens convencidos por êsses argumentos começaram a tirar os destroços, ajudados por todos nós; em pouco tempo conseguimos amarrar os grandes mastros os quais batiam com tanta fôrça que estavam demolindo um lado do navio."

Foram horas de grande regozijo quando o Lammermuir, por fim, aportou, com todos sãos a bordo, a Shanghai. Outro navio, que chegou logo após, perdera dezesseis das vinte a duas pessoas a bordo!

Os missionários iniciaram o ano de 1867 com um dia de jejum e oração, pedindo, como Jabez, que Deus os abençoasse e estendesse os seus termos. O Senhor os ouviu dando-lhes entrada, durante o ano, em outras tantas cidades! Encerraram o ano, com outro dia de jejum e oração. Um culto durou das onze da manhã até às três da tarde, sem ninguém se sentir enfadado. Outro culto se realizou às 8,30 da noite quando sentiram ainda mais a unção do Espírito Santo. Continuaram juntos em oração até à meia-noite, quando celebraram a Ceia do Senhor.

No início de 1867, o Senhor chamou Graça Taylor, a filha de Hudson Taylor, para o Lar Eterno, quando

ela completava oito anos de idade. No ano seguinte a sra. Taylor e o filho, Noel, faleceram de cólera. Foi assim que se expressou o pai e marido:

"Ao amanhecer o dia, apareceu à luz do sol o que fôra ocultado pela luz de vela — a côr característica de morto no rosto da minha espôsa. O meu amor não podia ignorar por mais, não sòmente o seu estado grave, mas que realmente ela estava morrendo. Ao conseguir acalmar o meu espírito, eu lhe disse:

"— Sabes, querida, que estás morrendo?

"— Morrendo! Achas que sim? Por que pensas tal coisa?

"— Posso ver, que sim, querida. As tuas fôrças estão se acabando.

"— Será mesmo? Não sinto qualquer dor, apenas cansaço.

"— Sim, estás saindo para a Casa Paterna. Brevemente estarás com Jesus.

"Minha preciosa espôsa, lembrando-se de mim e de como eu devia ficar sòzinho, em um tempo de tão grandes lutas, privado da companheira com a qual tinha o costume de levar tudo ao Trono da Graça, disse: Sinto muito. Então ela parou, como que querendo corrigir o que dissera, porém eu lhe perguntei:

— Sentes a partida para estar com Jesus?

"Nunca me esquecerei de como ela olhou para mim e respondeu: Oh, não. Bem sabes, querido, que durante mais de dez anos, não houve sombra alguma entre mim e meu Salvador. Não sinto a partida para estar com Êle, mas me entristeço porque terás de ficar sòzinho nessas lutas. Contudo... Êle estará contigo e suprirá tudo que é mister."

"Nunca presenciei uma cena tão comovente," escreveu a sra. Duncan: "Com a última respiração da querida sra. Taylor, o sr. Taylor caiu de joelhos, o coração transbordando, e a entregou ao Senhor, agradecendo-Lhe a dádiva e os doze anos e meio que passaram juntos. Agradeceu-Lhe, também, pela bênção de Êle mesmo a levar para a Sua presença. Então, solenemente dedicou-se a si mesmo novamente ao Seu serviço."

Não é de supor que Satanás deixasse a Missão do Interior da China invadir seu território com vinte e quatro outros obreiros, sem incitar o povo a maior perseguição. Foram distribuídos em muitos lugares, impressos atribuindo aos estrangeiros os mais horripilantes e bárbaros crimes, especialmente aos que propagavam *a religião de Jesus*. Alvoroçaram-se cidades inteiras e muitos dos missionários tiveram de abandonar tudo e fugir para escapar com vida.

Quasi seis anos depois do "grupo do Lammermuir" haver desembarcado na China, Hudson Taylor estava novamente na Inglaterra. Durante êsse tempo da obra na China, a missão aumentara de duas estações com sete obreiros, para treze estações com mais de trinta missionários e cinqüenta obreiros, estando separadas as estações, uma da outra, na média de cento e vinte quilômetros.

Foi durante essa visita à Inglaterra que Hudson Taylor se casou com Miss Faulding, também fiel e provada missionária à China.

Acêrca de Hudson Taylor, nesse tempo, certa pessoa amiga, escreveu:

"O sr. Taylor anunciou um hino sentou-se ao harmônio e tocou. Não fui atraído por sua personalidade. Era de físico franzino e falou com voz mansa. Como os demais jovens, eu julgava que uma grande voz sempre acompanhava um verdadeiro prestígio. Mas quando êle disse: *Oremos* e nos dirigiu em oração, mudei de

parecer; eu nunca ouvira alguém orar como êle. Havia na oração uma ousadia, um poder que fêz tôdas as pessoas presentes se humilharem e sentirem-se na presença de Deus. Falava face a face com Deus como um homem com um amigo. Sem dúvida tal oração era o fruto de longa permanência com o Senhor; era como o orvalho descendo dos céus. Tenho ouvido muitos homens orarem, mas não ouvi ninguém como o sr. Taylor e o sr. Spurgeon. Ninguém, depois de ouvir como êsses homens oravam, pode esquecer-se de tais orações. Foi a maior experiência da minha vida ouvir o sr. Spurgeon, quando tomou, como se fôsse, a mão do auditório de seis mil pessoas e o levou para o Santo dos Santos. E ouvir o sr. Taylor rogar pela China era reconhecer algo do que significa *a súplica fervorosa do justo.*"

Foi em 1874, quando, com a espôsa, subiam o grande rio Yangtze e meditava sôbre as nove províncias que se estendiam dos trópicos de Burma ao planalto de Mongólia e as montanhas de Tibete, que Hudson Taylor escreveu:

"A minha alma anseia, e o coração arde pela evangelização dos 180 milhões de habitantes dessas províncias sem obreiros. Oh, se eu tivesse cem vidas a dar ou gastar por êles!"

Mas, no meio da viagem, receberam notícias da morte da fiel missionária, Amélia Blatchley, na Inglaterra. Ela não sòmente cuidava dos filhos do sr. Taylor, mas também servia como secretária da Missão.

Grande foi a tristeza de Hudson Taylor ao chegar à Inglaterra e achar não sòmente os seus queridos filhos separados e espalhados, mas a obra da Missão quasi paralizada. Mas isso não foi ainda a sua maior tristeza. Na sua viagem pelo rio Yangtze, o sr. Taylor, ao descer a escada do navio, levara grande queda, caiu sôbre os calcanhares e de tal maneira que o choque ofendeu a espinha dorsal. Depois que chegou à Inglaterra o incô-

modo da queda agravou-se até êle ficar acamado. Sobreveiu-lhe então a maior crise da sua vida, justamente quando havia maior necessidade de seus esforços. Completamente paralítico das pernas, tinha de passar todo o tempo deitado de costas!

Uma pequena cama era a sua prisão; é melhor dizer que era a sua oportunidade. Ao pé da cama, na parede, estava afixado um mapa da China. E em redor dêle, de dia e de noite, estava a Presença divina.

Aí, de costas, mês após mês, permaneceu o nosso herói, rogando e suplicando ao Senhor a favor da China. Foi-lhe concedida a fé para pedir que Deus enviasse dezoito missionários. Em resposta aos seus *Apêlos para oração,* escritos com a maior dificuldade e publicados no jornal, sessenta moços responderam de uma vez. Dentre êles, vinte e quatro foram escolhidos. Ali, ao lado do leito, êle iniciou aulas para os futuros missionários e ensinou-lhes as primeiras lições da língua chinesa — e o Senhor os enviou para a China.

Lê-se o seguinte acêrca de como o missionário inutilizado em corpo, nesse tempo, ficou bom:

"Êle foi tão maravilhosamente curado, em resposta à oração, que podia cumprir com um incrível número de suas obrigações. Passou quasi todo o tempo das férias, com seus filhos em Guernsey, escrevendo. Durante os quinze dias que passou ali, apesar de desejar compartilhar da delícia da linda praia, com seus filhos, saiu com êles apenas uma vez. Mas as cartas que enviou para a China e outros lugares valiam mais do que ouro."

Certo missionário assim escreveu acêrca de uma visita que lhe fêz na China:

"Nunca me esquecerei do gôzo e da amável maneira com que me saudou. Conduziu-me logo para o "escritório" da Missão do Interior da China. Devo dizer

que foi para mim uma surpresa, ou choque, ou ambas as coisas? Os "móveis" eram caixotes. Uma mesa estava coberta de inúmeros papéis e cartas. Ao lado do lume havia uma, cama, bem arrumada, tendo um pedaço de tapete a servir de cobertor. Nessa cama o sr. Taylor descansava de dia e de noite.

"O sr. Taylor, sem qualquer palavra de desculpa, deitou-se na cama e travamos a palestra mais preciosa da minha vida. Tôda a idéia que eu tinha das qualificações para ser um "grande homem" foi completamente mudada; não havia nêle coisa alguma do espírito de superioridade. Vi nêle o ideal de Cristo, da verdadeira grandeza, tão evidente que permanece ainda no meu coração, através dos anos, até ao presente momento. Hudson Taylor reconhecia profundamente que, para evangelizar os milhões de chineses, era imperioso que os crentes na Inglaterra mostrassem muito mais de abnegação e sacrifício. Mas como podia êle insistir em sacrifício sem primeiramente praticá-lo na sua própria vida? Assim êle deliberadamente cortou da sua vida tôda a aparência de confôrto e luxo."

Nas viagens pelo interior da China, "êle invariàvelmente se levantava para passar uma hora com Deus antes de clariar o dia, às vêzes, para depois dormir novamente. Quando eu despertava para alimentar os animais, sempre o achava lendo a Bíblia à luz de vela. Fôsse qual fôsse o ambiente ou o barulho nas hospedarias imundas, não descuidava o hábito de ler a Bíblia. Geralmente, em tais viagens, orava de bruços, porque lhe faltava as fôrças para permanecer tanto tempo de joelhos.

"— Qual será o assunto do seu discurso, hoje, perguntou-lhe certo crente que viajava com êle, de trem.

"— Não sei por certo; ainda não tive tempo para resolver; respondeu-lhe Hudson Taylor.

"— Não teve tempo! exclamou o homem. Ora, que faz o senhor a não ser descansar depois de assentar-se aí?

"— Não conheço o que seja descansar, foi a resposta calma que êle deu. Depois de embarcarmos em Edinburgo, passei todo êsse tempo, orando e levando todos os nomes dos membros da Missão do Interior da China, e os problemas de cada um, ao Senhor."

Está além da nossa compreensão como no meio de uma das maiores obras de evangelizasão de tôda a história, êle podia dizer:

"Nunca fomos obrigados a abandonar uma porta aberta, por falta de recursos. Apesar de muitas vêzes gastarmos até o último péni, a nenhum dos obreiros nacionais, nem a nenhum dos missionários, faltou o prometido "pão" cotidiano. Os tempos de provações são sempre tempos abençoados e o que é necessário nunca chega demasiado tarde.

Outro segrêdo do seu grande êxito de levar a mensagem de salvação ao interior da China era a determinação de que a obra não sòmente continuasse com caráter internacional, mas também, interdenominacional — que aceitasse missionários dedicados a Deus, de qualquer nação e de qualquer denominação.

Em 1878, ao regressar de uma viagem, começou a orar pedindo que Deus enviasse mais trinta missionários antes de findar o ano de 1879. Diremos, ao lembrarmo-nos do dinheiro necessário para pagar as passagens e sustentar tantas pessoas, que a sua fé era grande? Pois bem; vinte e oito pessoas, com os corações acesos pelo desejo de salvação dos perdidos na China, confiando em Deus para o sustento cotidiano, embarcaram antes de findar o ano de 1878 e seis mais em 1879.

Conversando com um companheiro de lutas, na cidade de Wuchang, Hudson Taylor, começou a enume-

rar os pontos estratégicos em que deviam começar logo a evangelizar os dois milhões de habitantes do vale do grande rio Yangtze e o do tributário, o rio Hã. com menos que cinqüenta ou sessenta novos obreiros, a Missão não podia dar tal passo — e a própria Missão não tinha mais que um total de cem! Contudo, a Hudson Taylor foi dada a fé de pedir outros setenta — lembrado das palavras: *Designou o Senhor ainda outros setenta.*

"Reunimo-nos hoje para passar o dia em jejum e oração;" escreveu Hudson Taylor em 30 de Junho de 1872. "O Senhor nos abençoou grandemente... Alguns passaram, várias vêzes, a maior parte da noite em oração... O Espírito Santo nos encheu até nos parecer ser impossível receber mais sem morrer."

Em certo culto, durante quasi duas horas, louvaram ininterruptamente a Deus, pelos setenta obreiros já recebidos — pela fé. Em realidade foram recebidos mais do que os setenta e dentro do prazo marcado.

O Senhor conduziu a Missão, pouco a pouco para uma visão ainda mais larga — levou os obreiros a pedirem ao Senhor *outros cem,* em 1887. Assim disse o sr. Stephenson: "Se me mostrasse uma foto de todos os cem, batida aqui na China, não seria mais real do que realmente é."

Contudo, Hudson Taylor não iniciou precipitadamente o programa de orar e se esforçar para receber mais cem missionários. Como sempre, devia ter certeza da direção de Deus antes de resolver orar e se esforçar para alcançar o alvo.

Seis vêzes mais do que o número que pediram, se ofereceram para ir! Mas, a Missão rejeitou fielmente a todos que não concordaram com os princípios declarados desde o início. Assim, exatamente o número pedido embarcou para a China — não foram cento e

um nem sòmente noventa e nove, mas exatamente cem.

Depois das visitas de Hudson Taylor ao Canadá, aos E. U. A. e à Suécia em 1888 e 1889, a Missão do Interior da China gozou de um dos maiores inpulsos para avançar em todos os anais da história de missões. Assim escreveu depois, o nosso missionário, ecêrca do que lhe pesava grandemente o coração durante tôda a sua visita à Suécia:

"Confesso-me envergonhado que, até essa ocasião, nunca tinha meditado sôbre o que o Mestre realmente queria dizer ao mandar pregar o Evangelho a tôda a criatura. Esforcei-me durante muitos anos, como muitos outros servos de Deus, para levar o Evangelho aos lugares mais distantes; planejei alcançar tôdas as províncias e muitos dos distritos menores da China, sem compreender o sentido evidente das palavras do Salvador.

"A tôda a criatura? O número total de comunicantes entre os crentes da China não excedia quarenta mil. Se houvesse outro tanto de aderentes, ou mesmo três vêzes mais, e se cada um levasse a mensagem a oito de seus patrícios — mesmo assim, não alcançariam mais de *um milhão. A tôda a criatura:* as palavras abrazavam-lhe o íntimo da alma. Mas como a Igreja, e eu mesmo, falhavamos em aceitá-las justamente como Cristo queria! Isso eu percebi então; para mim havia apenas uma saída, a de obedecer.

"Qual será a nossa atitude para com o Senhor Jesus Cristo quanto a essa ordem? Suprimiremos o título "Senhor," que Lhe foi dado, para reconhecê-Lo apenas como nosso Salvador? Aceitaremos o fato de Êle tirar a penalidade do pecado, e recusaremos a confessarmo-nos *comprados por bom preço,* e que Êle tem o direito de esperar a nossa obediência implícita? Diremos que somos os nossos próprios senhores, prontos a

conceder-Lhe o que Lhe é devido, a Êle que comprou-nos com Seu próprio sangue, com a condição de Êle não pedir demasiado? As nossas vidas, os nossos queridos, nossas possessões são sòmente nossos, não são Seus? Daremos o que acharmos conveniente e obedeceremos à Sua vontade se Êle não nos pedir demasiado sacrifício? Estamos prontos a deixar Jesus Cristo nos levar aos céus, mas não queremos que êsse homem *reine* sôbre nós?

"O coração de todos os filhos de Deus rejeitará, certamente, tal fato formulado assim: mas não é verdade que inumeráveis crentes, em tôdas as gerações, se comportaram tal como se fôsse a base própria para suas vidas? São poucas as pessoas entre o povo de Deus que reconhecem a verdade que ou Cristo é Senhor de tudo ou então não é Senhor de forma alguma! Se somos nós quem julgamos a Palavra de Deus, e não a Palavra que nos julga; se concedemos a Deus sòmente quanto quisermos, então somos nós os senhores e Êle é nosso Devedor e, conseqüentemente deve ser grato pela esmola que Lhe concedemos; deve sentir-se obrigado por nossa concordância aos Sus desejos. Se, ao contrário, Êle é Senhor, então tratemo-Lo como Senhor: *E porque me chamais, Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu digo?*"

Foi assim que Hudson Taylor, sem esperar, alcançou a mais larga visão da sua vida, a visão que dominou a última década de seu serviço. Com os cabelos já grisalhos, após cinqüenta e sete anos de experiência, enfrentou o novo sentido de responsabilidade com a mesma fé e confiança que o caracterizavam quando era mais novo. Sua alma ardia ao meditar nos alvos antigos! Ficou ainda mais firme ao executar a visão de outrora!

Foi assim que se sentiu dirigido a unificar todos os grupos evangélicos, que trabalhavam na evangelização da China, a orarem e se esforçarem para aumentar

o número de missionários, enviando *outros mil,* dentro de cinco anos. O número exato enviado à China durante êsse prazo, foi de mil cento e cinqüenta e três!

Não é, pois, de admirar que as fôrças físicas de Hudson Taylor começassem a falhar, não tanto pelas privações e cansaço das viagens contínuas, nem dos esforços incansáveis em escrever e pregar, nem do pêso das grandes e inumeráveis responsabilidades de dirigir a Missão do Interior da China. Os que o conheciam ìntimamente sabiam que era um homem *gasto de tanto amar.*

A gloriosa colheita de almas na China aumentava cada vez mais. Mas a situação política do país peorava dia após dia até culminar na carnificina dos Boxers, no ano de 1900, quando centenas de crentes foram mortos. Sòmente da China Inland Mission pereceram cinqüenta e oito missionários, e vinte e um de seus filhos.

Hudson Taylor, com a sua espôsa, estavam novamente na Inglaterra, quando começaram a chegar telegrama após telegrama avisando-os dos horripilantes acontecimentos na China; aquêle coração que tanto amava a cada missionário, quasi cessou de pulsar. Acêrca dêsse acontecimento assim se manifestou: "Não sei ler; não sei pensar; nem mesmo sei orar; mas sei confiar."

Certo dia, alguns meses depois, Hudson Taylor, com o coração transbordante e as lágrimas correndo-lhe pelas faces estava contando o que lera em uma carta que acabara de receber de duas missionárias, escrita o dia antes de elas morrerem nas mãos dos Boxers. Eis o que êle disse:

"Oh, o gôzo de sair de tal motim de pessoas enfurecidas para estar na *Sua* presença, para *Seu* seio, para *Seu* sorriso!" Quando pôde continuar, êle acrescentou:

"Elas agora não estão arrependidas; têm a *imperecível coroa! Andam com Cristo em vestes brancas, porque são dignas.*"

Falando acêrca de seu grande desejo de ir a Shanghai, para estar ao lado dos refugiados, êle disse: "Não sei se poderia ajudá-los, mas sei que me amam. Se pudessem chegar-se a mim nas tristezas para chorarmos juntos, ao menos, poderiam ter um pouco de confôrto." Mas ao lembrar-se de que tal viagem lhe era impossível por causa da saúde, a sua tristeza parecia maior do que podia suportar.

Apesar de sentir profundamente a sua incapacidade para trabalhar como de costume, achou grande confôrto em estar com a sua espôsa, a qual tanto amava. Findara o tempo em que deviam passar longos meses e anos separados um do outro, nas lutas em tantos lugares.

Foi em 30 de Julho de 1904 que sua espôsa faleceu. "Não sinto nada de dor, nada de dor;" dizia ela, apesar da ânsia em respirar. Então de madrugada, percebendo a angústia de espírito do seu marido, pediu-lhe que orasse rogando ao Senhor que a levasse logo. Foi a oração mais difícil da vida de Hudson Taylor, mas por amor dela, êle orou pedindo a Deus que libertasse o espírito da sua espôsa. Logo que orou, dentro de cinco minutos cessou a ânsia e não muito depois ela adormeceu em Cristo.

A desolação de espírito que Hudson Taylor sentiu depois da partida da sua fiel companheira era indescritível. Todavia, achou indizível paz nesta promessa: *A minha graça te basta*. Começou a recuperar as fôrças físicas e na primavera fêz a sua sétima viagem aos E.U.A. Daí fêz a última viagem à China, desembarcando em Shanghai em 17 de Abril de 1905.

O valente líder da Missão, depois de tão prolongada ausência, foi recebido em todos os lugares com grandes

manifestações de amor e estima da parte dos missionários e crentes, especialmente os que escaparam dos intraduzíveis espetáculos da insurreição dos Boxers.

Em Chin-kiang, o veterano missionário visitou o cemitério onde estão gravados os nomes de quatro filhos e o da espôsa. As recordações eram motivo de grande gôzo, isto é, o dia da grande reunião se aproximava.

No meio da viagem, quando visitava as igrejas na China, sem ninguém esperar, nem êle mesmo, findou a sua carreira na terra. Isto aconteceu na cidade de Chang-sha em 3 de Junho de 1905. Sua nora contou o seguinte, sôbre êsse acontecimento:

"O querido Papai estava deitado. Como sempre gostava de fazer, tirou as cartas, dos queridos, da sua carteira e as estendeu sôbre a cama. Baixou-se para ler uma das cartas perto do candeeiro aceso colocado na cadeira ao lado do leito. Para que êle não se sentisse demasiado incomodado, puxei outro travesseiro e o coloquei por baixo da sua cabeça, e assentei-me numa cadeira ao seu lado. Mencionei as fotografias da revista, Missionary Review, que estava aberta sôbre a cama. Howard tinha saído para ir buscar algo para comer, quando Papai, de repente, virou a cabeça e abriu a bôca como se quizesse espirrar. Abriu a bôca a segunda, e a terceira vez. Não clamou; não pronunciou qualquer palavra. Não mostrou qualquer dificuldade para respirar — nada de ânsia. Não olhou para mim, não parecia cônscio... Não era a morte, era a entrada na vida imortal. Seu semblante era de descanso e sossêgo. Os vincos do rosto feitos pelo pêso da luta de longos anos pareciam haver desaparecido em poucos momentos. Parecia dormir como criança no colo da mãe; o próprio quarto parecia cheio de indizível paz."

Na cidade de Chin-kiang, à beira do grande rio que tem a largura de mais de dois quilômetros, foi enterrado o corpo de Hudson Taylor.

Muitas foram as cartas de condolências recebidas de fiéis filhos de Deus no mundo inteiro. Emocionantes foram os cultos celebrados em vários países, em sua memória. Impressionantes foram os artigos e livros impressos acêrca das suas vitórias na obra de Deus. Mas as vozes mais destacadas, as que Hudson Taylor apreciaria mais, se pudesse ouvi-las, seriam as das muitas crianças chinesas, as quais, cantando louvores a Deus, deitaram flores sôbre o seu túmulo.

Carlos Spurgeon

CARLOS SPURGEON

O PRÍNCIPE DOS PREGADORES

1834 - 1892

No período da inquisição da Espanha, sob o reinado do imperador Carlos V, um número elevadíssimo de crentes foram queimados em praça pública ou enterrados vivos. O filho de Carlos V, Filipe II, em 1567, levou a perseguição aos Países-Baixos, declarando que ainda que lhe custasse mil vêzes a sua própria vida, limparia todo o seu domínio do "protestantismo". Antes da sua morte gabava-se de ter mandado ao carrasco, pelo menos, 18.000 "herejes".

Ao começar êsse reinado de terror nos Países-Baixos, muitos milhares de crentes fugiram para a Inglaterra. Entre os que escaparam do "Concílio de Sangue", encontrava-se a família Spurgeon.

Na Inglaterra, o povo de Deus, contudo, não estava livre de tôda a perseguição. Ao mesmo tempo que João Bunyan, autor de "O Peregrino", jazia na prisão de Bedford, Jó Spurgeon, bisavô do trisavô de Carlos, foi prêso pela segunda vez por ter assistido a um culto evangélico e esteve quasi quatro meses no cárcere de Chelsford, "passando a maior parte do tempo sentado, achando-se fraco demais para se deitar". Os bisavôs de

Carlos eram crentes fervorosos, criando os filhos na admoestação do Senhor. Seu avô paterno, depois de quasi cinqüenta anos de pastorado no mesmo lugar, podia dizer: "Não passei nem uma hora triste com a minha igreja depois que assumi o cargo de pastor!" O pai de Carlos, Tiago Spurgeon, era o amado pastor de Stambourne.

Carlos, quando ainda criança, interessava-se pela leitura de "O Peregrino", pela história dos mártires e por diversas obras de teologia. É impossível calcular a influência dessas obras sôbre a sua vida.

Que era precoce nas coisas espirituais, vê-se no seguinte acontecimento: Apesar de criança de apenas cinco anos de idade, sentiu profundamente o cuidado do avô, por causa do procedimento de um dos membros da igreja, chamado "Velho Roads". Certo dia, Carlos, a criança, encontrando Roads em companhia de outros fumando e bebendo cerveja, dirigiu-se a êle, dizendo: "Que fazes aqui, Elias?" O "Velho Roads" arrependido, contou, então, ao seu pastor, como a princípio se irou com a criança, mas por fim ficou quebrantado. Desde aquêle dia, "Velho Roads" andou sempre perto do Salvador.

Quando Carlos era ainda pequeno, foi por Deus convencido do pecado. Durante alguns anos sentia-se uma criatura sem esperança, nem confôrto; visitava um lugar de culto após outro, sem conseguir saber como podia livrar-se do pecado. Então, quando tinha quinze anos de idade, aumentou nêle o desejo de ser salvo. Êsse desejo aumentou de tal forma que passou seis meses agonizando em oração. Nesse tempo assistiu um culto numa igreja; nesse dia o pregador não fôra ao culto, por causa duma grande tempestade de neve. Na falta do pastor, um sapateiro se levantou para pregar às poucas pessoas presentes, e leu êste texto: "Olhai para mim e sêde salvos, todos os confins da terra".

(Isaias 45:22). O sapateiro, inexperiente na arte de pregar, podia apenas repetir a passagem e dizer: "Olhai! Não vos é necessário levantar um pé, nem um dedo. Não vos é necessário estudar no colégio para saber olhar, nem contribuir com mil libras. Olhai para Mim, não para vós mesmos. Não há confôrto em vós. Olhai para Mim, suando grandes gotas de sangue. Olhai para Mim, pendurado na cruz. Olhai para Mim, morto e sepultado. Olhai para Mim, ressuscitado. Olhai para Mim, à direita de Deus". Em seguida, fitando os olhos em Carlos, disse: "Moço, tu pareces ser miserável. Serás infeliz na vida e na morte se não obedeceres". Então gritou ainda mais: "Moço, olha para Jesus! Olha agora!" O rapaz olhou e continuou a olhar, até que por fim, um gôzo indizível entrou na sua alma.

O recém-salvo, ao contemplar o constante zêlo do Maligno, foi tomado pela aspiração de fazer todo o possível, pelo Poder divino, para frustrar a obra do inimigo do bem. Spurgeon aproveitava tôdas as oportunidades para distribuir folhetos. Entregava-se de todo o coração a ensinar na Escola Dominical, onde alcançou, de início, o amor dos alunos e, por intermédio dêsses a presença dos pais na escola. Com a idade de dezesseis anos começou a pregar. Acêrca dêsse fato êle disse o seguinte: "Quantas vêzes me foi concedido o privilégio de pregar na cozinha duma casa de agricultor, ou num celeiro!"

Alguns meses depois de pregar seu primeiro sermão, foi chamado a pastorear a igreja em Waterbeach. Ao fim de dois anos, essa igreja de quarenta membros, passou a ter cem. O jovem pregador desejava educar-se e o diretor duma escola superior, que estava de visita à cidade, marcou uma hora para tratar com êle acêrca dêsse assunto. A criada, porém, que recebeu a Carlos, por descuido, não chamou o professor e êste saiu sem saber que o moço o esperava. Depois, Carlos, já na rua,

um tanto triste, ouviu uma voz dizer-lhe: "Buscas grandes coisas para ti? Não as busques!" Foi então, ali mesmo que abandonou a idéia de estudar nesse colégio, convencido de que Deus o dirigia para outras coisas. Não se deve concluir, contudo, que Carlos Spurgeon resolveu não se educar. Depois disso êle aproveitava todos os momentos livres para estudar. Diz-se que alcançou fama de ser um dos homens mais instruídos de seu tempo.

Spurgeon havia pregado em Waterbeach apenas durante dois anos quando foi chamado a pregar na Park Street Chapel, em Londres. O local era inconveniente para os cultos e o templo, que tinha assentos para mil e duzentos ouvintes, era demasiado grande para os auditórios. Contudo, "havia ali um grupo de fiéis que nunca cessaram de rogar a Deus um glorioso avivamento". Êste fato é assim registrado nas palavras do próprio Spurgeon: "No início eu pregava sòmente a um punhado de ouvintes. Contudo, não me esqueço da insistência das suas orações. Às vêzes parecia que rogavam até verem realmente presente o Anjo do Concerto, querendo abençoá-los. Mais que uma vez nos admiramos com a solenidade das orações até alcançarmos quietude enquanto o poder do Senhor nos sobreveio... Assim desceu a bênção, a casa se encheu de ouvintes e foram salvas dezenas de almas!"

Sob o ministério dêsse moço de dezenove anos, a concorrência aumentou em poucos meses a ponto de o prédio não mais comportar as multidões; centenas de ouvintes permaneciam na rua para aproveitar as migalhas que caíam do banquete que havia dentro da casa.

Foi resolvido reformar a New Park Street Chapel e, durante o tempo da obra, realizavam-se os cultos em Exeter Hall, prédio que tinha assentos para quatro mil e quinhentos ouvintes. Aí, em menos que dois meses,

os auditórios eram tão grandes que as ruas, durante os cultos, se tornavam intransitáveis.

Quando voltaram para a Chapel, o problema, em vez de ser resolvido, era maior; três mil pessoas ocupavam o espaço preparado para mil e quinhentas! O dinheiro gasto, que alcançou a elevada cifra de Cr$ 200.000,00, fôra desperdiçado! Tornou-se necessário voltar para o Exeter Hall.

Mas nem o Exeter Hall comportava mais os auditórios e a igreja tomou uma atitude espetacular — alugou o Surrey Music Hall, o prédio mais amplo, imponente e magnífico de Londres, construído para diversões públicas.

As notícias, de que os cultos passaram de Exeter Hall para Surrey Music Hall, eletrificaram tôda a cidade de Londres. O culto inaugural foi anunciado para a noite de 19 de Outubro de 1856. Na tarde do dia marcado, milhares de pessoas para lá se dirigiram para achar assento. Quando, por fim, o culto começou, o prédio no qual cabiam 12.000 pessoas, estava superlotado e havia mais 10.000 fora que não puderam entrar.

Notou-se, no primeiro culto em Surrey Music Hall, vestígios da perseguição que Spurgeon tinha de encarar. Êle estava orando, depois da leitura das Escrituras, quando os inimigos da obra de Deus se levantaram, gritando: "Fogo! Fogo!" Apesar de todos os esforços de Spurgeon e de outros crentes, a grande massa de gente estava envolvida em alvorôço tão grande que sete pessoas morreram e vinte e oito ficaram gravemente feridas. Depois que tudo serenou, acharam-se espalhados em tôda a parte do prédio, roupas de homens e senhoras; chapéus, mangas de vestidos, sapatos, pernas de calças, mangas de palitós, chales, etc., etc., objetos êsses que as milhares de pessoas aflitas deixaram, na luta de escapar do prédio. Spurgeon no momento comportou-se com a maior calma durante todo o tempo da indescri-

tível catástrofe, mas depois passou dias prostrado, sofrendo em conseqüência do tremendo choque.

As notícias sôbre as trágicas ocorrências durante o primeiro culto em Surrey Music Hall, em vez de prejudicarem a obra, concorreram para aumentar o interêsse pelos cultos. De um dia para outro Spurgeon, o herói de Sul de Londres, tornou-se um vulto de projeção mundial. Aceitou convites para pregar nas cidades da Inglaterra, Escócia, Irlanda, Gales, Holanda e França. Pregava ao ar livre e nos maiores edifícios em média de oito a doze vêzes por semana.

Nesse tempo, quando ainda moço, revelou como conseguia entender, nas Escrituras, os textos difíceis, isto é, simplesmente pedia a Deus: "O' Senhor, mostra-me o sentido dêste trecho!" E acrescentou: "É maravilhoso como o texto, duro como a pederneira, emite faiscas quando batido com o aço de oração." Quando mais velho disse: "Orai acêrca das Escrituras, é como o pisar uvas no lagar, o trilhar o trigo na eira, e a extração de ouro do minério."

Acêrca da vida familiar, Susana, a espôsa de Spurgeon, assim escreveu: "Fazíamos culto doméstico, quer hospedados em um rancho nas serras, quer num suntuoso quarto de hotel na cidade. E a bendita presença de Cristo, que muitos crentes dizem impossível alcançar, era para êle a atmosfera natural; êle vivia e respirava nÊle."

Antes de iniciar a construção do famoso templo em Londres, o Metropolitan Tabernacle, Spurgeon, com alguns dos seus membros, se ajoelharam no terreno entre as pilhas de materiais e rogaram a Deus que não permitisse que trabalhador algum morresse ou ficasse ferido durante a execução das obras de construção. Deus respondeu maravilhosamente, não deixando acontecer qualquer acidente durante o tempo da construção

do imponente edifício que media oitenta metros de comprido, vinte e oito de largura e vinte de altura.

A igreja começou a edificar o tabernáculo com o alvo de liquidar tôdas as dívidas de materiais e pagar tôda a mão de obra antes de findar a construção. Como de costume pediram a Deus que os ajudasse a realizar êsse desejo, e tudo foi pago antes do dia da inauguração.

"O Metropolitan Tabernacle foi acabado em Março de 1861. Durante os trinta e um anos que se seguiram, na média de 5.000 pessoas se congregavam ali todos os domingos, pela manhã e à noite. De três em três meses Spurgeon pedia aos que haviam assistido nesse período, que se ausentassem. Êles assim faziam, porém, o tabernáculo era superlotado por outras pessoas das massas ainda não alcançadas pela mensagem."

Durante certo período pregou trezentas vêzes em doze meses. O maior auditório, ao qual pregou, foi no Crystal Palace, Londres, em 7 de Outubro de 1857. O número exato de assistentes era de 23.654. Spurgeon esforçou-se tanto nessa ocasião, e o cansaço foi tal, que após o sermão de noite de quarta-feira dormiu até a manhã de sexta-feira!

Todavia, não se deve julgar que era sòmente no púlpito que a sua alma ardia pela salvação dos perdidos. Também se ocupava grandemente no evangelismo individual. Nesse sentido citamos aqui o que certo crente disse a respeito dêle: "Tenho visto auditórios de 6.500 pessoas inteiramente levadas pelo fervor de Spurgeon. Mas ao lado de uma criança moribunda, que êle levara a Cristo, achei-o mais sublime do que quando dominava o interêsse da multidão".

Parece impossível que tal pregador tivesse tempo para escrever. Entretanto os livros da sua autoria, constituem uma biblioteca de cento e trinta e cinco tomos. Até hoje não há obra mais rica de jóias espi-

rituais do que a de Spurgeon, de sete volumes sôbre os Salmos: "A Tesouraria de Daví". Êle publicou tão grande número de seus sermões, que, mesmo lendo um por dia, nem em dez anos o leitor os poderia ler todos. Muitos foram traduzidos em várias línguas e publicados nos jornais do mundo inteiro. Êle mesmo escrevia grande parte da matéria para seu jornal, "A Espada e a Colher", título êsse sugerido pela história da construção dos muros de Jerusalém no tempo angustioso de Neemias.

Além de pregar constantemente a grandes auditórios e de escrever tantos livros, esforçou-se em vários outros ramos de atividade. Inspirado pelo exemplo de Jorge Muler, fundou e dirigiu o orfanato de Stockwell. Pediam a Deus e recebiam o necessário para levantar prédio após prédio e alimentar centenas de crianças desamparadas.

Reconhecendo a necessidade de instruir os jovens chamados por Deus a proclamar o Evangelho, e, assim, alcançar muito maior número de perdidos, fundou e dirigiu o Colégio dos Pastôres, com a mesma fé em Deus que mostrou na obra de cuidar dos órfãos.

Impressionado pela vasta circulação de literatura viciosa, formou uma junta de vendagem de livros evangélicos. Dezenas de vendedores foram sustentados e milhares de discursos feitos, além de muitas toneladas de Escrituras e outros livros vendidos de casa em casa.

Acêrca de tão estupendo êxito na vida de Spurgeon convém notar o seguinte: Nenhum dos seus antepassados alcançaram fama. Sua voz podia pregar às maiores multidões, mas outros pregadores sem fama gozavam também da mesma voz. *O Príncipe dos Pregadores* era, antes de tudo, *O PRÍNCIPE DE JOELHOS*. Como Saulo de Tarso, entrou no Reino de Deus, também, agonizando de joelhos — no caso de Spurgeon essa angústia durou seis meses. Depois, assim aconteceu com

Saulo, a fervorosa oração era um hábito na sua vida. Aquêles que assistiam os cultos no grande Tabernáculo Metropolitano diziam que as orações eram a parte mais sublime dos cultos.

Quando alguém perguntava a Spurgeon a explicação do poder na sua pregação, *o Príncipe de Joelhos* apontava para a loja que ficava sob o salão do Metropolitan Tabernacle e dizia: "Na sala que está em baixo, há trezentos crentes que sabem orar. Tôdas as vêzes que prego êles se reunem ali para sustentar-me as mãos, orando e suplicando ininterruptamente. Na sala que está sob os nossos pés é que se encontra a explicação do mistério dessas bênçoes."

Spurgeon costumava dirigir-se aos alunos no Colégio dos Pastores desta forma: "Permanecei na presença de Deus... se o vosso fervor esfriar, não podereis orar bem no púlpito... pior com a família... e ainda pior nos estudos, sòzinhos. Se a alma se tornar magra, os ouvintes, sem saberem como ou porque, acharão que vossas orações públicas têm pouco sabor."

Ainda sôbre a oração, sua espôsa deu êste testemunho: "Êle dava muita importância à meia hora de oração que passava com Deus antes de começar o culto." Certo crente também escreveu a êsse respeito: "Sente-se durante a sua oração pública, que êle é um homem de bastante fôrça para levar nas mãos ungidas as orações duma multidão. Isto é a idéia mais grandiosa, de sacerdote entre Deus e os homens".

Convicto do grande poder da oração, Spurgeon designou o mês de Fevereiro, de cada ano, no grande Tabernáculo, para se realizar a convenção anual e fazer súplicas por um avivamento da obra de Deus. Nessas ocasiões passavam dias inteiros em jejum e em oração, oração que se tornava mais e mais fervorosa. Não só sentiam a gloriosa presença do Espírito Santo nesses

cultos, mas era-lhes aumentado o poder com frutos abundantes.

Na sua biografia, desde o comêço do seu ministério em Londres, consta que pessoas gravemente enfermas foram curadas em resposta às suas orações.

A vida de Spurgeon não era vida egoísta e de interêsse próprio. Juntamente com sua espôsa, fizeram os maiores sacrifícios para colocar livros espirituais nas mãos de um grande número de pregadores pobres e contribuíam, constantemente, para o sustento das viúvas e órfãos. Recebiam grandes somas de dinheiro, mas davam tudo para o progresso da obra de Deus.

Não buscava fama nem a honra de fundador de outra denominação, como muitos amigos esperavam. A sua pregação nunca foi feita para sua própria glória, porém tinha como alvo a mensagem da cruz, para levar os ouvintes a Deus. Considerava seus sermões como se fôssem setas e dava todo o seu coração, empregava tôda a sua fôrça espiritual em produzir cada um. Pregava confiado no poder do Espírito Santo, empregando o que Deus lhe concedera para "matar" o maior número de ouvintes.

"Carlos Hadon Spurgeon recebia o fogo do céu, estudando a Bíblia, horas a fio, em comunhão com Deus."

Cristo era o segrêdo do seu poder. Cristo era o centro de tudo, para êle; sempre e ùnicamente Cristo.

J. P. Fruit disse o seguinte: "Quando Spurgeon orava, parecia que Jesus estava em pé ao seu lado."

As suas últimas palavras, no leito de morte, dirigidas à sua espôsa, foram estas: "Ó querida, tenho gozado um tempo mui glorioso com meu Senhor!" Ela, ao ver, por fim, que seu marido passaria para o outro lado, caiu de joelhos e com lágrimas exclamou: "Ó bendito Senhor Jesus, eu Te agradeço o tesouro que me em-

prestaste no decurso dêstes anos; agora Senhor dá-me fôrça e direção durante todo o futuro."

Seis mil pessoas assistiram o culto de funeral. No caixão estava uma Bíblia aberta mostrando êste texto usado por Deus para convertê-lo: "Olhai para mim, e sêde salvos, todos os confins da terra."

O cortêjo fúnebre passou entre centenas de milhares de pessoas postadas em pé nas calçadas; os homens descobriam-se à passagem do cortêjo e as mulheres choravam.

O túmulo simples do célebre Príncipe dos Pregadores, no cemitério de Norwood, testifica da verdadeira grandeza da sua vida. Ali estão gravadas estas humildes palavras:

Aqui jaz o corpo

de

CARLOS HADON SPURGEON

Esperando o aparecimento do seu

Senhor e Salvador

JESUS CRISTO

Pastor Hsi, ao centro

PASTOR HSI

AMADO LÍDER CHINÊS

1836-1896

Acontecera "o impossível" e tôda a população se condoía de tal "tragédia"; o sr. Hsi, cidadão respeitado por todos, tornara-se crente! Fazia dois anos que um pregador da "nova religião" pregava na província de Shan-si. Enquanto se esperava que enredassem alguns dos ignorantes, ninguém imaginava que o sr. Hsi, homem culto, de grande influência entre o povo e destacado adepto de Confúcio, seria o primeiro a ficar "enfeitiçado" pelos "diabos estrangeiros"!

Não havia entre o povo quem odiasse tanto os estrangeiros como o sr. Hsi. Mas de repente eis que êle estava ligado em espírito ao missionário. Abandonara todos os ídolos; dizia-se que os queimara! Deixara de adorar as tábuas ancestrais. Não havia mais o cheiro de incenso na sua casa. O que era ainda mais estranho, o sr. Hsi desistira de fumar ópio!

Os velhos recordavam que Shan-si fôra uma das províncias mais prósperas da China e contavam como fôra introduzido o "fumo estrangeiro", isto é, o ópio. O vício se tornara tão generalizado que todo o povo estava reduzido à maior pobreza. Nem mesmo os mais

velhos re recordavam de alguém, habituado a fumar ópio, que, no decorrer dos anos, se libertasse do vício. Contudo o erudito Hsi abandonara, por completo, seu aparelho de fumar e parecia não sentir a ânsia que sentem os que estão privados da droga entorpecente.

O tempo que passara outrora preparando e fumando o ópio, êle agora o empregava nos ritos para êles estranhos da nova religião. Dia e noite o recém-convertido se aplicava ao estudo dos "livros dos estrangeiros"; às vêzes cantava de uma maneira singular e outras vêzes, de joelhos, e com os olhos fechados, falava ao "Deus dos estrangeiros", o Deus que ninguém via e que não tinha santuário para localizar-se.

Dia após dia a sra. Hsi notava a grande transformação da vida do marido e começou a abandonar o intenso ódio que sentiu quando êle se converteu. Ao acordar-se de noite, via-o absorto, lendo o precioso Livro dos livros, ou ajoelhado suplicando ao Deus invisível, o Qual sentia estar presente. A persistência do homem em ajuntar todos os membros da família diàriamente para os cultos estranhos foi tal que ganhou, também, sua espôsa para Cristo.

Para o crente Hsi, Satanás era o temível adversário que realmente é, sempre incansável e constantemente espreitando para o derrubar e destruir. Contudo para êle o poder de Cristo era igualmente real e Hsi saía mais que vencedor em tôdas as dificuldades. Considerava a oração indispensável e não muito depois de se converter chegou a reconhecer o valor de jejuar para melhor orar.

Foi então que aconteceu a coisa menos esperada: a própria natureza da sra. Hsi parecia mudada. Ao converter-se, tornara-se profundamente alegre e recebia as lições nas Escrituras àvidamente. O marido esperava

que breve ela se tornasse uma verdadeira companheira na obra de ganhar almas. Mas repentinamente parecia pairar sôbre ela uma nuvem de mal. Apesar de todos os esforços sentia-se levada, contra a própria vontade, a praticar tudo quanto o Diabo sugerisse. Caía, especialmente na hora de culto doméstico, com ataques violentos de cólera.

O povo então dizia: "O Hsi e sua espôsa estão ceifando o que semearam! É como afirmamos desde o comêço: é uma doutrina do Diabo e agora a sra. Hsi está possuída de demônios."

Durante algum tempo o inimigo das almas parecia invencível. A sra. Hsi, apesar de tôdas as orações dos crentes, continuava a definhar, ficando quase sem fôrças.

Nesta altura, Hsi, confiando no poder de Deus, chamou todos os membros da família para jejuarem e dedicarem-se à oração. Depois de orarem três dias e três noites seguidas, sem comerem, Hsi, sentindo-se fraco no físico, mas forte no espírito, pôs as mãos sôbre a cabeça da espôsa e ordenou, em nome de Jesus, que os espíritos imundos saíssem para nunca jamais a atormentarem. A cura da sra. Hsi foi tão notável e completa que houve grande repercussão em tôda a cidade. O povo reconheceu o poder dos demônios sôbre o corpo e ali, diante dos olhos, estava a prova de um poder maior do que o do Diabo!

Mas foi o sr. Hsi, mais que qualquer outra pessoa, que se aproveitou dessa sensacional maravilha. Esforçou-se, desde então, de uma maneira nova, a proclamar o Evangelho e dedicou-se, com crescente fé em Cristo, a orar sob tôdas as circunstâncias.

"Assim, em uma maneira simples e natural, Hsi confiava que o Senhor faria o que prometera em Marcos 16:17, 18: "Êstes sinais acompanharão aos que crerem: Em meu nome expulsarão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará dano algum; e porão as mãos sôbre os enfermos, e êstes serão curados."

Em resposta à oração dêsse humilde crente, o Senhor cooperava com êle e confirmava a Palavra com sinais como em Samaria, Lida, e outros lugares nos tempos antigos, dos apóstolos. E como nos tempos antigos, homens e mulheres, ao verem o poder de Deus, converteram-se ao Senhor.

Nunca antes houve alguém para contrariar a Satanás em tôda a província de Shan-si; portanto não é de admirar que então êle se enfurecesse. Isso também foi como nos tempos antigos.

A perseguição, entretanto, se tornou mais e mais severa até que, por fim, o povo planejou, ao tempo de uma grande festa pagã, passar cordas por cima dos caibros nos templos idolatras e pendurar todos os crentes pelas mãos até se retratarem e negarem a fé na "religião dos estrangeiros".

Ora, Hsi era tão *prático* como espiritual e levou o caso ao conhecimento das autoridades. Era novato na fé e não conhecia bem os trechos das Escrituras como êstes: "Não resistais o mal" e "Minha é a vingança, eu recompensarei, diz o Senhor." Fêz tão grande alvorôço perante o mandarim que êste, para se ver livre do homem, mandou soldados para defenderem os crentes.

A perseguição, por isso, fracassou; o povo, assombrado da "religião dos estrangeiros", submeteu-se; e grandes multidões afluíram aos cultos. Contudo, Hsi,

com o passar do tempo, sentia-se descontente; os crentes não se desenvolviam como êle esperava. As pequenas igrejas, apesar de todos os seus esforços para alimentá-las, não cresciam e, com qualquer perturbação, grandes números de crentes se desviavam da fé.

O seguinte, que se encontra entre os seus próprios escritos, mostra como, nesse tempo, viu seu êrro e se deu a oração:

"Por causa das investidas de Satanás, dormimos, eu e minha espôsa, durante o espaço de três anos, com a roupa de que vestíamos de dia, a fim de melhor podermos vigiar e orar. Às vêzes, num lugar solitário, passavamos tôda a noite orando e o Espírito Santo descia sôbre nós... Sempre cuidavamos de pensar, falar e nos comportar para agradar ao Senhor, mas então reconhecíamos como nunca, a nossa fraqueza; que de fato não eramos coisa alguma e nos esforçavamos para saber a vontade de Deus."

Não há maior prova, talvez, de verdadeira conversão, do que a influência sôbre o próximo. Depois de Hsi procurar estar mais perto do Senhor, foi eleito chefe pelo povo do vilarejo onde morava, cargo que recusou de início porque não podia participar dos ritos no templo pagão. Mas êsse fato foi previsto pelo povo, de modo que insistiram para que aceitasse a magistratura, com a condição de ficar desobrigado de quaisquer solenidades que diziam respeito aos deuses. "É sòmente êle nos mandar e nós faremos", dizia a multidão. Porém quando Hsi recusou, a não ser que o povo cessasse tôdas as cerimônias pagãs e fechasse o templo, todos voltaram para casa.

Grande foi pois, a surprêsa quando, alguns dias depois, o povo voltou e concordou em fechar o templo. O erudito Hsi era o único entre êles liberto do ópio e capacitado para chefiar o povo.

O fervoroso crente, então, assumiu o cargo, como um serviço a ser feito perante o Senhor; houve boa safra, bom êxito na parte financeira e prevaleceram a paz e o contentamento. Foi reeleito para o segundo ano e para o terceiro. Mas quando reeleito para o quarto ano, recusou o cargo, insistindo em dizer que devia entregar todo o seu tempo na obra de evangelização, obra que aumentara grandemente. Quando o povo o elogiava pela boa maneira como servia a todos, êle respondia, com um sorriso: "Agora os ídolos por certo já morreram de fome e seria mais econômico se os não ressuscitasseis."

Foi uma lição prática e que perdurou por muito tempo.

O grande problema que o Pastor Hsi tinha de enfrentar era o da salvação de um povo dado a fumar o ópio. Devia haver um meio para libertar os infelizes escravos do desespêro indescritível, porque o Filho de Deus veio com o alvo definido de procurar e salvar os perdidos.

Enquanto o Pastor Hsi orava sôbre êsse problema, foi dirigido a converter a sua casa em Abrigo e convidou para o ajudar, um missionário que tinha um remédio para aliviar a ânsia dos viciados quando privados da droga. No início sòmente dois dos interessados tinham a coragem de experimentar o tratamento; os outros freqüentavam o Abrigo, dia após dia, para verem o resultado.

Por fim, um dos pacientes, agonizante de corpo e mente, acordou ou outros à meia-noite. Em resposta à oração, o Senhor, que é o mesmo ontem, hoje e para sempre, o aliviou imediatamente. O gôzo do homem que fôra liberto era tanto, que um após outro dos mais interessados solicitaram permissão para começarem o tratamento imediatamente.

Nessa altura faltou-lhes o remédio importado que usavam para diminuir os sofrimentos dos enfermos. Acêrca disso, assim escreveu o fervoroso Hsi: "Em oração e jejum permaneci perante o Senhor, rogando que me mostrasse quais os ingredientes necessários e me fortalecesse e ajudasse a preparar as pílulas para aliviar os que sofriam."

Para distrair os pacientes e aproveitar o ensejo, o missionário ensinava-lhes hinos e passagens da Bíblia; realizava cultos duas vêzes por dia e fazia os interessados repetir, hora após hora, trechos das Escrituras. Quado lhes faltava outro recurso, recorriam às pílulas preparadas pelo Pastor Hsi, as quais faziam o mesmo efeito do remédio importado. Contudo o fiel Hsi não confiava nas pílulas, nem as favricava sem antes jejuar e orar. Costumava, ao fabricar as pílulas, passar o dia inteiro jejuando. Às vêzes, de tarde, estando demasiado cansado para continuar de pé, saía para passar alguns minutos perante Deus. "Senhor é a Tua obra. Dá-me a Tua fôrça", era o seu pedido e sempre voltava renovado como se tivesse comido e descansado.

Um dos segredos do incrível êxito de Pastor Hsi, na obra do Abrigo, era a audácia do seu amor para com os infelicitados cativos do vício do ópio; amor que o levou a persistir e sacrificar tudo por êles. Quando caíam em alguma falta, ou mesmo tramavam para o derrubar, suportava tudo como sòmente o amor sabe suportar.

Quanto mais o Pastor Hsi orava tanto mais Deus aumentava a obra; e quanto mais crescia a obra, tanto mais êle sentia o anelo de orar. Em vez de ficar escravizado pelas inumeráveis obrigações, deliberadamente dedicava horas e mesmo dias, freqüentemente em jejum, para orar perante o Senhor, a fim de saber a Sua vontade e receber a Sua plenitude.

Certo dia, quando assim orava, o Senhor o impressionou profundamente acêrca do povo da cidade de Chao-ch'eng, que vivia e morria sem saber o caminho da salvação. Mas como podia êle abrir outro Abrigo em uma cidade da qual não conhecia os costumes? Como podia arranjar tempo? Porém enquanto orava o Senhor lhe disse: "Todo o poder Me é dado." Mas como podia ir, sem recursos; não possuía dinheiro suficiente para pagar a passagem até à cidade. Continuou a orar e o Senhor continuou a aplainar as dificuldades. "Dinheiro? era de dinheiro que precisava para abrir os corações e ganhar almas? Se o Senhor chamava, não supriria Êle todo o necessário? Os muros de Jericó não caíram rentes ao chão, sem a intervenção de mãos humanas?..."

"Assim, ao findar o ano de 1884, cinco anos depois da sua conversão, Pastor Hsi era o dirigente de uma obra que se estendia de Teng-ts'uen, ao sul de onde morava, até Chao-ch'eng sessenta quilômetros para o norte. Havia então oito Abrigos e um bom número de congregações espalhadas entre êles.

Mas o Pastor Hsi não podia conter-se. À distância de um dia de viagem ainda mais ao norte estava a grande cidade de Hoh-chau. Constrangido pelo amor de Deus, suplicava ao Senhor que o usasse para abrir a obra ali. Todos os dias orava insistentemente por Hoh-chau, no culto doméstico. Por fim, a sra. Hsi não mais se conteve e perguntou: "Já oramos durante tanto tempo, será que agora não convém agir?"

"Por certo, se tivessemos dinheiro?", respondeu seu marido.

No dia seguinte, o Pasto Hsi, no culto doméstico, orou como de costume. Ao findar o culto, a espôsa, em vez de retirar-se, avançou e colocou um pacotinho sôbre a mesa, dizendo: "Acho que o Senhor já respondeu às nossas súplicas."

Admirado e ignorando o que ela queria dizer, com aquêle gesto, tomou o pacote da mesa. Continha algo pesado, embrulhado em várias tiras de papel, e dentro do papel um lenço. Ao abrir o lenço, encontrou os objetos mais prezados por uma senhora chinesa; anéis, pulseiras, brincos, grampos de ouro e de prata — objetos que lhe foram presenteados quando se casaram.

Com os olhos cheios de lágrimas, êle olhou para a espôsa, notando, pela primeira vez, a diferença na sua aparência, sem os enfeites usados pelas mulheres casadas. Não havia mais aliança no dedo; em vez dos enfeites de prata nos cabelos, viam-se as tranças seguras por fios de barbante!

Quando êle quis recusar a oferta, ela insistia alegremente, dizendo: "Não faz mal. Posso dispensar essas coisas. Hoh-chau deve ter o Evangelho."

O Pastor aceitou a oferta de sua espôsa, oferta que representava profundo sacrifício, mas era suficiente para abrir o Abrigo, que logo se tornou um centro de luz e bênção na grande cidade.

Depois de abrir o trabalho em Hoh-chau, realizou-se uma convenção na qual foram batizados setenta dos novos convertidos. O poder de Deus era tal e a assistência tão grande a essas reuniões que foi necessário realizar os cultos ao ar livre, apesar das grandes chuvas. Isso aconteceu após um grande período de sêca, e os crentes não queriam orar ao Senhor que retivesse a chuva.

Certo moço endemoninhado, do Abrigo em Chaoch'eng, assistiu a essa convenção. Ao cair o poder de Deus sôbre os cultos, êle se tornou violento tentando destruir-se e ferir as pessoas que estavam em redor. Quando o Pastor Hsi se aproximou, o moço deixou de

gritar e de lutar; os homens que o seguravam, disseram: "Êle está bom! Agora está bom! O espírito já saiu."

O Pastor, contudo, não se enganou; pondo as mãos sôbre a cabeça do moço orou com instância, no nome de Jesus. Houve alívio imediato e quando o Pastor se retirou o moço parecia completamente liberto.

Certo crente, comovido ao presenciar tudo isso, tirou cinqüenta dólares do bolso e disse ao pastor: "Aceite isto; sei que as despesas da obra são grandes."

O pastor, surpreendido, aceitou o dinheiro, mas ao pensar sôbre o caso, sentiu-se turbado; a importância era muito elevada e aceitara-a sem pedir conselho ao Senhor. Retirou-se imediatamente para levar o caso a Deus.

Apenas tinha começado a orar, chegou um crente, apressadamente. O endemoninhado estava mais violento do que nunca, e os homens não podiam segurá-lo.

Ao chegar o pastor à presença do moço, o espírito clamou: "Podes vir, mas não te temo mais. Parecias tão elevado como os céus, mas agora és baixo, vil e insignificante! Não mais tens poder para me domar!"

O pastor, reconhecendo que perdera a fé e o poder, ao aceitar o dinheiro, dirigiu-se ao crente que lho dera, enquanto o infeliz endemoninhado blasfemava em alta voz. Devolveu tôda a importância, explicando como, ao receber o dinheiro, perdera seu contacto com Deus.

Depois, com as mãos vazias, mas com o coração cheio de gôzo, voltou novamente para onde estava a multidão alvoroçada. O moço continuava furioso; porém o pastor estava em contacto com o Mestre. Calmamente, e em nome de Jesus, ordenou ao espírito que se calasse e saísse. O moço, deu um grito, foi lançado ao chão pelo demônio, onde ficou alguns minutos, contorcendo-se em dôres agonizantes. Então se levantou, com o corpo abatido, mas completamente liberto do espírito maligno.

Certo missionário escreveu o seguinte acêrca de Hsi: "O Pastor Hsi era perenemente alegre; servia ao próximo incansàvelmente; tratava a tôdas as pessoas com a maior delicadeza. Nunca se comportou levianamente, nem desperdiçou o tempo em assuntos desnecessários. Ganhar almas era a paixão da sua vida... Era impossível estar com o Pastor Hsi sem orar. Seu instinto em tudo era o de olhar para Deus. Muito antes de clarear o dia, ouvia-o, no seu quarto orando e cantando horas a fio. A oração parecia a atmosfera em que vivia e êle esperava e recebia as mais destacadas respostas."

"Lembro-me de que certa vez, quando viajava com êle, hospedamo-nos em uma pequena pensão. Foi procurado por uma mulher que tinha uma criança de colo enfêrma e que sofria muito. Homens e mulheres em todos os lugares por onde êle passava assim lhe afluíam. Reconheciam que era homem de Deus e que podia socorrê-los. O Pastor Hsi imediatamente ficou em pé cumprimentou a mulher com o filhinho; tomou o menino nos braços e orou pedindo a Deus que o curasse. A mulher, grandemente consolada, partiu. Algumas horas depois vi o menino são, correndo e brincando. Tais acontecimentos eram comuns."

"Nunca me esquecerei da convenção realizada em P'ing-vang... Ao aproximarmo-nos do local, durante a noite, ouvi os crentes chorando e orando em voz baixa. Ali estava o querido Pastor Hsi juntamente com grande número dos irmãos ajoelhados, clamando ao Senhor e suplicando que salvasse parentes e amigos... Acreditavam no poder da oração, e se dedicavam à intercessão..."

"Durante todo o inverno o Pastor Hsi estava sob o poder do Espírito e transmitia êsse poder ao próximo. Quando encontrava um auxiliar que estava passando

por alguma prova, jejuava, orava e impunha-lhe as mãos. O resultado era que, geralmente, os auxiliares recebiam o mesmo poder."

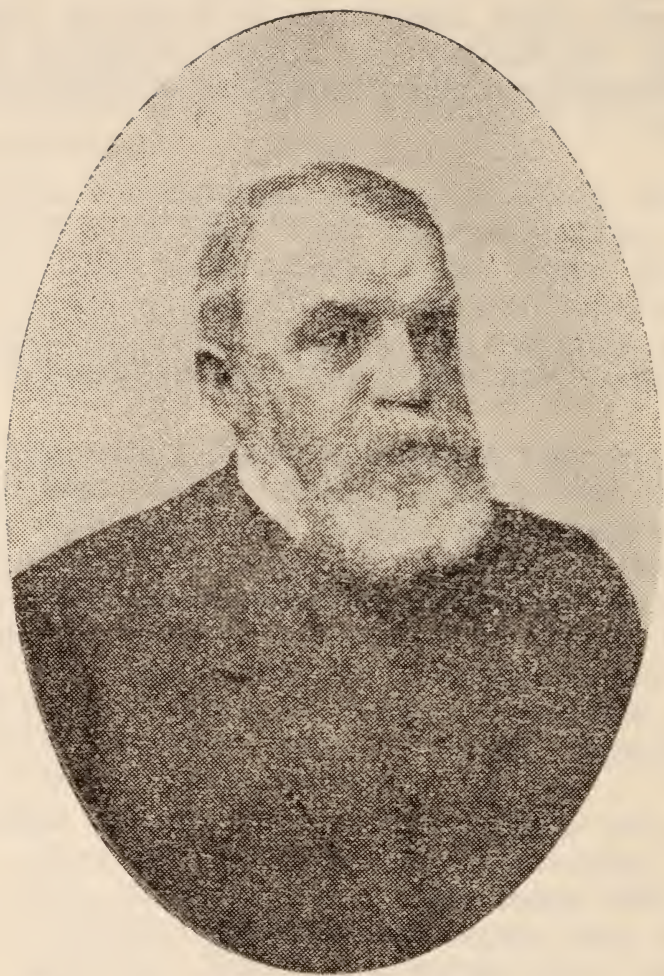
"Nesse tempo, também, havia grande falta de sujeição à Palavra de Deus. O Pastor Hsi, porém, em tudo, entregava-se à oração; no decorrer dos anos, tornou-se poderoso em expor as Escrituras."

A fôrça e resistência que manifestava sob provações físicas e mentais eram extraordinárias; recebia virtude de Deus para realizar a Sua obra. Quando já velho podia andar quarenta e cinco quilômetros de uma vez, e depois de jejuar por dois dias seguidos, podia batizar cinqüenta pessoas sem descansar, e sem interrupção.

Por fim, com a idade de sessenta anos, no meio da lida desta vida, Deus o chamou. Na mesma sala onde, antes da sua conversão fumava ópio, passou alguns meses de cama, sem qualquer sofrimento, apenas com as fôrças quase completamente esgotadas. Ao fechar os olhos aqui no mundo, na manhã do dia 19 de Fevereiro de 1896, para ir estar na presença de seu Senhor, centenas de seus filhos na fé, que o amavam ardentemente, não puderam mais conter-se, rompendo em grande chôro e fortes soluços.

Durante a vida aqui entregou tudo ao Senhor. Para êle, não existia coisa demasiado preciosa, que não pudesse usá-la para seu Jesus. Não havia labor árduo demais, se pudesse ganhar uma alma, pela qual seu Salvador morrera. Nunca encontrou cruz pesada, se pudesse levá-la por amor de Cristo. Jamais julgou o caminho difícil, tratando-se de seguir as pisadas de seu Mestre.

Assim o fiel Pastor Hsi foi trasladado para serviço mais alto, mais sublime; foi promovido para atividades em mais íntima ligação com Jesus.

A obra pioneira que deixou em Chao-ch'eng, Teng-ts'uen, Hoh-chau, T'ai-yuan, Ping-yang e dezenas de outros lugares, é como pujante fortaleza e como resplandescente farol, dissipando as trevas do paganismo na China. Os Abrigos e as igrejas fundados nesses lugares permanecem como imponente monumento à sua memória.

Dwight Lyman Moody

DWIGHT LYMAN MOODY

CÉLEBRE GANHADOR DE ALMAS

1837-1899

Foi durante uma das famosas campanhas de Moody e Sankey para salvar almas. A noite de uma segunda-feira tinha sido reservada para um discurso dirigido aos materialistas. Carlos Bradlaugh, campeão do ceticismo, então no zênite da fama, ordenou que todos os membros dos clubes que fundara assistissem a reunião. Assim, cêrca de 5.000 homens, resolvidos a dominar o culto, entraram e ocuparam todos os bancos.

Moody pregou sôbre o texto: "A rocha dêles não é como a nossa Rocha, sendo os nossos próprios inimigos os juízes." Deut. 32:31.

"Com uma rajada de incidentes pertinentes e comoventes das suas experiências com pessoas prêsas ao leito de morte, Moody deixou que os homens julgassem por si mesmos quem tinha melhor alicerce sôbre o qual deviam basear sua fé e esperança. Sem querer, muitos dos assistentes tinham lágrimas nos olhos. A grande massa de homens, demonstrando o mais negro e determinado desafio a Deus registrado no rosto, encarou o contínuo ataque aos pontos mais vulneráveis, isto é, o coração e o lar."

"Ao findar, Moody disse: "Levantemo-nos para cantar: "Oh, vinde vós aflitos, já" e, enquanto o fazemos, os porteiros abram tôdas as portas para que possam sair todos os que quiserem. Depois faremos o culto como de costume, para aquêles que desejem aceitar o Salvador." Uma das pessoas que assistiu êsse culto, disse: "Eu esperava que todos saíssem, imediatamente, deixando o prédio vazio. Mas a grande massa de cinco mil homens se levantou, cantou e assentou-se de novo; nenhum dêles deixou seu assento!"

"Moody, então, disse: "Quero explicar quatro palavras: Recebei, crêde, confiai e aceitai-O. Um grande sorriso passou de um a outro em todo aquêle mar de rostos. Depois de falar um pouco sôbre a palavra recebei, fêz um apêlo: "Quem quer recebê-Lo? É sòmente dizer: "Quero." Cêrca de cinqüenta dos que estavam em pé e encostados às paredes, responderam: "Quero", mas nenhum dos que estavam sentados. Um homem exclamou: 'Eu não posso", ao que Moody replicou: "Falou bem e com razão, amigo; foi bom ter falado. Escute e depois poderá dizer: "Eu posso". Moody então explicou o sentido da palavra "crer" e fêz o segundo apêlo: "Quem dirá: "Quero crer nÊle?" De novo alguns dos homens que estavam em pé responderam, aceitando, mas um dos chefes dirigentes dum clube, bradou: "Eu não quero!" Moody, vencido pela ternura e compaixão, respondeu com voz quebrantada: "Todos os homens que estão aqui esta noite têm que dizer: "Eu quero" ou "Eu não quero".

"Então, levou todos a considerarem a história do Filho Pródigo, dizendo: "A batalha é sôbre o querer — só sôbre o querer. Quando o Filho Pródigo disse: "Levantar-me-ei" a luta foi ganha, porque alcançara o domínio sôbre a sua própria vontade. É sôbre êste ponto de que depende tudo hoje. Senhores, tendes aí em

vosso meio o vosso campeão, o amigo que disse: "Eu não quero". Desejo que todos aqui, que creiam que êsse campeão tem razão, se levantem e sigam seu exemplo, dizendo: "Eu não quero". Todos ficaram quietos e houve grande silêncio até que, por fim, Moody interrompeu, dizendo: "Graças a Deus! Ninguém diz: "Eu não quero". Agora quem dirá: "Eu quero?" Instantâneamente parece que o Espírito Santo tomou conta do grande auditório de inimigos de Jesus Cristo, e cêrca de quinhentos homens puzeram-se em pé, as lágrimas rolavam pelas faces, e gritaram: "Eu quero! Eu quero!" Clamaram até que todo o ambiente se transformou. A batalha foi ganha."

"O culto terminou sem demora, para que se começasse a obra entre aquêles que estavam desejosos de salvação. Em oito dias, cêrca de dois mil foram transferidos das fileiras do inimigo para o exército do Senhor, pela rendição da vontade. Os anos que se seguiram provaram a firmeza da obra, pois os clubes nunca se ergueram. Deus, na Sua misericórdia e poder, os aniquilou por Seu Evangelho."

Um total de quinhentas mil preciosas almas ganhas para Cristo, é o cálculo da colheita que Deus fêz por intermédio de Seu humilde servo, Dwight Lyman Moody. R. A Torrey, que o conheceu ìntimamente, considerava-o, com razão, o maior homem do século XIX, isto é, o homem mais usado por Deus para ganhar almas.

Não é exagêro dizer, que, hoje em dia, meio século depois de sua morte, os crentes se referem ao seu nome mais do que a qualquer outro nome depois do tempo dos apóstolos.

Que ninguém julgue, contudo, que D. L. Moody era grande em si mesmo ou que tinha oportunidades que os demais não têm. Seus antepassados eram apenas lavradores, os quais viveram por sete gerações, ou

duzentos anos, no vale do Connecticut, nos Estados Unidos. Dwight nasceu a 5 de Fevereiro de 1837, de pais pobres, o sexto entre nove filhos. Quando era ainda pequeno seu pai faleceu e os credores tomaram conta de tudo, deixando a família destituída de tudo, até da lenha para aquecer a casa em tempo de intenso frio.

Não há história que comova e inspire tanto quanto a daqueles anos de luta da viúva, mãe de Dwight. Poucos meses depois da morte de seu marido, nasceram-lhe gêmeos e o filho mais velho tinha apenas doze anos. O conselho de todos os parentes foi que ela entregasse os filhos para outros criarem. Mas com invencível coragem e santa dedicação a seus filhos, ela conseguiu criar todos os nove filhos no próprio lar. Guarda-se ainda, como tesouro precioso, sua Bíblia com as palavras de Jeremias 49:11 sublinhadas: "Deixa os teus órfãos, eu os conservarei em vida; e confiem em mim tuas viúvas."

Pode-se esperar outra coisa a não ser que os filhos ficassem ligados à mãe e que crescessem para tornarem-se homens e mulheres que conheciam o mesmo Deus que ela conheceu? Assim se expressou Dwight, ao lado do ataúde quando ela faleceu com a idade de noventa anos: "Se posso conter-me, quero dizer algumas palavras. É grande honra ser filho de uma mãe como ela. Já viajei muito, mas nunca encontrei alguém como ela. Ligava a si seus filhos de tal maneira que representava um grande sacrifício para qualquer dêles afastar-se do lar. Durante o primeiro ano depois que meu pai faleceu, ela adormecia tôdas as noites chorando. Contudo, estava sempre alegre e animada na presença dos filhos. As saudades serviam para impeli-la para Deus... Muitas vêzes eu me acordava e ela estava orando e, às vêzes, chorando. Não posso expressar a metade do que desejo dizer. Aquêle rosto, como é querido! Durante cinqüenta anos não senti gôzo maior do

que o gôzo de voltar à casa. Quando estava ainda a setenta e cinco quilômetros de distância, já me sentia tão inquieto e desejoso de chegar que me levantava do assento para passear pelo carro até o trem chegar à estação... Se chegava depois de anoitecer, sempre olhava para ver a luz na janela da minha mãe. Senti-me tão feliz esta vez por chegar a tempo de ela ainda me reconhecer. Perguntei-lhe: "Mãe, me conhece?" E ela respondeu: "Ora, se eu te conheço!" Aqui está a sua Bíblia, assim gasta, porque é a Bíblia do lar; tudo que ela tinha de bom veio dêsse livro e foi dêle que nos ensinou. Se minha mãe era uma bênção para o mundo é porque bebia dessa fonte. A luz da viúva Moody brilhou do outeiro durante cinqüenta anos. Que Deus lhe abençôe, mãe; ainda a amamos. Adeus, por um pouco, mãe!"

Ao contemplar o êxito de Dwight L. Moody, somos constrangidos a acrescentar: Quem pode calcular as possibilidades de um filho criado num lar onde os pais amam sinceramente ao Pai celestial a ponto de chamar diàriamente todos os filhos para escutarem a Sua voz na leitura da Bíblia e reverentemente clamarem a Êle em oração?

Todos os filhos da viúva Moody assistiam aos cultos nos domingos; levavam merenda para passar o dia inteiro na igreja. Tinham de ouvir dois prolongados sermões e, entre êsses, assistir à Escola Dominical. Dwight, depois de trabalhar a semana inteira, achava que sua mãe exigia demais obrigando-o a assistir aos sermões, os quais não compreendia. Mas, por fim, chegou a ser agradecido a essa boa mãe pela dedicação nesse sentido.

Com a idade de dezessete anos, Moody saiu de casa para trabalhar na cidade de Boston, onde achou emprêgo na sapataria de um seu tio. Continuou a assistir

os cultos, mas ainda não era salvo. Notai bem, os que vos dedicais à obra de ganhar almas; não foi num culto que Dwight Moody foi levado ao Salvador. Seu professor da Escola Dominical, Eduardo Kimball, conta o seguinte:

"Resolvi falar-lhe acêrca de Cristo e acêrca de sua alma. Vacilei um pouco em entrar na sapataria, não queria embaraçar o moço durante as horas de serviço... Por fim, entrei, resolvido a falar sem mais demora. Achei Moody nos fundos da loja, embrulhando calçados. Aproximei-me logo dêle e, colocando a mão sôbre seu ombro, fiz o que depois parecia-me um apêlo fraco, um convite para aceitar a Cristo. Não me lembro do que eu disse, nem mesmo Moody podia lembrar-se alguns anos depois. Simplesmente falei do amor de Cristo para com êle, e o amor que Cristo esperava dêle, de volta. Parecia-me que o moço estava pronto para receber a luz que o iluminou naquele momento e, lá nos fundos da sapataria, entregou-se a Cristo."

Na história dos crentes, através dos séculos, não há crente que fôsse, no zêlo, menos remisso e, no espírito, mais fervoroso em servir ao Senhor, desde a conversão até o dia da morte, do que Moody de Northfield. Quantas vêzes depois, o sr. Kimball dava graças a Deus por não ter sido desobediente à visão celestial; qual teria sido o resultado se não tivesse falado ao moço naquela manhã na sapataria?!

Era costume das igrejas daquela época, alugarem os assentos. Moody, logo depois da sua conversão, transbordando de amor para com seu Salvador, pagou o aluguel de um banco, percorrendo as ruas, hotéis e casas de pensão solicitando homens e meninos para enchê-lo em todos os cultos. Depois alugou mais um, depois outro, até conseguir encher quatro bancos, todos os domingos. Mas isso não era suficiente para satis-

fazer o amor que sentia para com os perdidos. Certo domingo visitou uma Escola Dominical em outra rua. Pediu permissão para ensinar também, uma classe. O dirigente respondeu: "Há doze professores e dezesseis alunos, porém o senhor pode ensinar todos os alunos que conseguir trazer à escola." Foi grande a surprêsa de todos quando Moody, no domingo seguinte, entrou com dezoito meninos da rua, sem chapéu, descalços e de roupa suja e esfarrapada — como êle disse: "Todos com uma alma para salvar." Continuou a levar cada vez mais alunos à Escola até que, alguns domingos depois, no prédio não cabiam mais; então resolveu abrir outra escola em outra parte da cidade. Moody não ensinava mas arranjou professores, providenciava o pagamento do aluguel e de outras despesas. Em poucos meses essa Escola veio a ser a maior da cidade de Chicago. Não julgando conveniente pagar outros para trabalhar no domingo, Moody, cedo pela manhã, tirava as pipas de cerveja (outros ocupavam o prédio durante a semana), varria e preparava tudo para o funcionamento da escola. Depois, então, saía para convidar alunos. Às duas horas, quando voltava de fazer os convites, achava o prédio repleto de alunos.

Depois de findar a escola êle visitava os ausentes e convidava todos para ouvirem a pregação à noite. No apêlo após o sermão, todos os interessados eram convidados a ficar para um culto especial, no qual tratavam individualmente com todos. Moody também participava nessa colheita de almas.

Antes de findar o ano, 600 alunos, em média, assistiam a Escola Dominical, divididos em 80 classes. A seguir a assistência subiu a 1.000 e às vêzes a 1.500.

O êxito de Moody na Escola Dominical atraiu a atenção de outros que se interessavam pelo mesmo trabalho. De vez em quando era convidado a participar

nas grandes convenções das Escolas Dominicais. Certa vez, depois de Moody haver falado numa convenção, um orador censurou-o severamente por não saber dirigir-se a um auditório. Moody avançou para a frente, e depois de explicar que reconhecia não ser instruído, agradeceu ao ministro por ter mostrado seus defeitos e pediu-lhe que orasse a Deus para que o ajudasse a fazer o melhor que pudesse.

Ao mesmo tempo que Moody se aplicava à Escola Dominical com tais resultados, esforçava-se, também, no comércio todos os dias. O grande alvo da sua vida era de vir a ser um dos principais comerciantes do mundo, um multi-milionário. Não tinha mais de 23 anos e já tinha ajuntado 7.000 dólares! Mas seu Salvador tinha um plano ainda mais nobre para Seu servo.

Certo dia um dos professores da Escola Dominical entrou na sapataria onde Moody negociava. Informou-o de que estava tuberculoso e que, desenganado pelo médico, resolvera voltar para Nova York para morrer. Confessou-se muito perturbado, não porque tinha de morrer, mas porque até então não conseguira levar ao Salvador nenhuma das moças da sua classe da Escola Dominical. Moody, profundamente comovido sugeriu que visitassem juntos as moças em suas casas, uma por uma. Visitaram uma, o professor falou-lhe sèriamente acêrca da salvação da sua alma. A moça deixou seu espírito leviano e começou a chorar, entregando-se ao seu Salvador. Tôdas as outras moças que foram visitadas naquele dia fizeram o mesmo.

Passados dez dias, o professor foi novamente à sapataria. Com grande gôzo informou a Moody que tôdas as moças se entregaram a Cristo. Resolveram então convidar tôdas para um culto de oração e despedida na véspera da partida do professor para Nova York. Todos se ajoelharam e Moody, depois de fazer

uma oração, estava para se levantar quando uma das moças começou, também, a orar. Tôdas oraram suplicando a Deus em favor do professor. Ao sair, Moody supliciu: "O' Deus, permite-me morrer antes de perder a bênção que recebi aqui hoje!"

Moody mais tarde confessou: "Eu não sabia o preço que tinha de pagar, como resultado (de haver participado na evangelização individual das moças). Perdi todo o geito de negociar; não tinha mais interêsse no comércio. Experimentara um outro mundo e não mais queria ganhar dinheiro... O' delícia de levar uma alma das trevas dêste mundo à gloriosa luz e liberdade do evangelho!"

Então, não muito depois de casar-se, com a idade de vinte e quatro anos, Moody deixou um bom emprêgo com o salário de cinco mil dólares por ano (Cr$ 100.000,00), um salário fabuloso naquele tempo, para trabalhar todos os dias no serviço de Cristo, sem ter promessa de receber um único cruzeiro. Depois de tomar essa resolução, apressou-se em ir a firma B. F. Jacobs & Cia., onde, muito comovido, anunciou: "Já resolvi empregar todo o meu tempo no serviço de Deus!" — "Como vai manter-se?" — "Ora, Deus me suprirá tudo, se Êle quiser que eu continue; e continuarei até ser obrigado a desistir."

É muito interessante notar o que êle escreveu não muito depois, a seu irmão Samuel: "Caro Irmão: As horas mais alegres que já experimentei na terra foram as que passei na obra da Escola Dominical. Samuel, arranja uma classe de moços perdidos leva-os à Escola Dominical e pede a Deus sabedoria, e instrue-os no caminho da vida eterna." Ao tempo em que Moody descrevia a sua alegria, foi obrigado a deixar a pensão, a alimentar-se mais simplesmente e a dormir num dos bancos do salão.

Acêrca de seu desprendimento pelo dinheiro, R. A. Torrey fêz esta observação: "Êle (Moody) disse-me que, se tivesse aceitado lucros provenientes da venda dos hinários por êle publicados, somariam em um milhão de dólares. Porém Moody recusou-se a tocar naquele dinheiro, embora por direito fôsse seu... Numa certa cidade visitada por Moody nos últimos anos de sua vida, estando eu em sua companhia, foi pùblicamente anunciado que êle não aceitaria qualquer recompensa por seus serviços. O fato era que êle quase não tinha outros meios de sustento senão aquilo que recebia nas suas conferências, todavia êle não comentou o anúncio feito, mas saiu daquela cidade sem receber um centavo sequer pelo seu árduo trabalho; e, parece-me, que foi êle mesmo quem pagou sua conta no hotel onde se hospedara."

A parte da biografia de D. L. Moody que trata dos primeiros anos do seu ministério está repleta de proesas feitas na carne. Mencionamos aqui apenas uma, isto é, o fato de Moody fazer 200 visitas em um só dia. Êle mesmo mais tarde se referia àqueles anos como uma manifestação do "zêlo de Deus, mas sem entendimento", acrescentando: "Há, contudo, muito mais esperança para o homem com zêlo e sem entendimento do que para o homem de entendimento sem zêlo."

Rompeu a tremenda Guerra Civil e Moody chegou com os primeiros soldados ao acampamento militar onde armou uma grande tenda para os cultos. Depois ajuntou dinheiro e levantou um templo onde dirigiu 1.500 cultos durante a guerra. Uma pessoa que o conhecia assim comentou sua ação: "Moody parecia estar constantemente em todos os lugares, dia e noite, nos domingos e todos os dias da semana; orando, exortando, tratando com os soldados acêrca das suas almas, regozijando-se nas oportunidades abundantes de trabalhar e no grande fruto ao seu alcance por causa da guerra."

Depois de findar a guerra, dirigiu uma campanha para levantar em Chicago um prédio para os cultos, com capacidade para três mil pessoas. Quando mais tarde êsse edifício foi destruído por um incêndio, êle e dois outros iniciaram outra campanha, antes dos escombros haverem esfriado, para levantar novo edifício. Trata-se do Farwell Hall II, que se tornou um grande centro religioso de Chicago. O segrêdo dêsse êxito foram os cultos de oração que se realizavam diàriamente, ao meio dia, precedidos por uma hora de oração de Moody, escondido no vão debaixo da escada.

No meio dêsses grandes esforços, Moody resolveu, inesperadamente fazer uma visita à Inglaterra.

Em Londres, antes de tudo, foi ouvir Spurgeon pregar no Metropolitan Tabernacle. Já tinha lido muito do que "o príncipe dos pregadores" escrevera, mas ali pôde verificar que a grande obra não era de Spurgeon, mas de Deus, e saiu de lá com uma outra visão.

Visitou Jorge Muler e o orfanato em Bristol. Desde aquêle tempo a Autobiografia de Muler exerceu tanta influência sôbre êle como o tinha feito "O Peregrino" de Bunyan.

Entretanto, nessa viagem, o que levou Moody a buscar definitivamente uma experiência mais profunda com Cristo, foram estas palavras proferidas por um grande ganhador de almas de Dublim, Henrique Varley: "O MUNDO AINDA NÃO VIU O QUE DEUS FARÁ COM, PARA, e PELO HOMEM INTEIRAMENTE A ÊLE ENTREGUE." Moody disse consigo mesmo: "Êle não disse por um grande homem, nem por um sábio, nem um rico, nem por um eloqüente, nem por um inteligente, mas simplesmente por um homem. Eu sou um homem e cabe ao homem mesmo resolver se deseja ou não consagrar-se assim. Estou resolvido a fazer todo o possível para ser aquêle homem." Apesar de tudo isso,

Moody, depois de voltar à América, continuava a se esforçar e a empregar métodos da carne. Foi nessa época que a cidade de Chicago foi reduzida a cinzas no pavoroso incêndio de 1871.

Na noite do início do pavoroso incêndio, Moody pregou sôbre êste tema: "Que farei então de Jesus, chamado Cristo?" Ao concluir seu sermão, êle disse ao auditório, o maior ao qual pregara em Chicago: "Quero que leveis êsse texto para casa e o mediteis bem durante a semana e no domingo vindouro iremos ao Calvário e à cruz e resolveremos o que faremos de Jesus de Nazaré."

"Como errei!" disse Moody depois. "Não me atrevo mais a conceder uma semana de prazo ao perdido para decidir sôbre a salvação. Se se perderem serão capazes de se levantar contra mim no dia de juízo. Lembro-me bem de como Sankey cantou e como sua voz soou quando chegou ao estrofe de apêlo: "O Salvador chama para o refúgio; Rompe a tempestade e breve vem a morte."

"Nunca mais vi aquêle auditório. Ainda hoje desejo chorar... Prefiro ter a mão direita decepada, a conceder ao auditório uma semana para decidir o que fará de Jesus. Muitos me censuraram dizendo: "Moody, o senhor quer que o povo se decida imediatamente. Por que não lhe dá tempo para considerar?"

"Tenho pedido a Deus muitas vêzes que me perdoe por ter dito naquela noite que podiam passar oito dias para considerar, e se Êle poupar minha vida não o farei de novo."

O grande incêndio rugiu e ameaçou durante quatro dias; consumindo Farwell Hall, o templo de Moody e a sua própria residência. Os membros da igreja foram todos dispersos. Moody reconheceu que a mão de Deus

o castigara para o ensinar e isso tornou-se para êle motivo de grande regosijo.

Foi a Nova York a fim de grangear dinheiro para os flagelados do grande sinistro. Acêrca do que se passou, êle mesmo escreveu: "Não sentia desejo no coração para solicitar dinheiro. Todo o tempo eu clamava a Deus pedindo que me enchesse do Seu Espírito. Então, certo dia, na cidade de Nova York — ah, que dia! Não posso descrevê-lo, nem quero falar no assunto; é experiência quasi sagrada demais para ser mencionada. O apóstolo Paulo teve uma experiência acêrca da qual não falou por catorze anos. Posso apenas dizer que Deus se revelou a mim e tive uma experiência tão grande do Seu amor que tive de rogar-Lhe que retirasse de mim Sua mão. Voltei a pregar. Os sermões não eram diferentes; não apresentei outras verdades; contudo centenas se converteram. Não quero voltar para viver de novo como vivi outrora nem que eu pudesse possuir o mundo inteiro."

Acêrca dessa experiência, um de seus biógrafos acrescentou: "O Moody que andava na rua parecia outro. Nunca jamais bebera mosto, mas então conhecia a diferença entre o júbilo que Deus dá e o falso júbilo de Satanás. Enquanto andava parecia-lhe que um pé dizia a cada passo, "Glória" e o outro respondia, "Aleluia". O pregador rompeu em soluços, balbuciando: "O' Deus, constrange-me a andar perto de Ti para todo o sempre."

Sôbre o mesmo acontecimento ainda outro escreveu o seguinte: "O fruto da sua pregação tinha sido pequeno. Angustiado em espírito êle andava pelas ruas da grande cidade de noite orando: "O' Deus unge-me com Teu Espírito!" — Deus ouviu e concedeu-lhe lá mesmo na rua, aquilo pelo qual rogava. Não se pode explicar com palavras o resultado. Sua vida anterior

era como se experimentasse puxar água dum poço que parecia sêco. Fazia funcionar a bomba com tôda a fôrça, mas tirava muito pouca água... Agora Deus fêz sua alma como um poço artesiano onde nunca falta água. Assim chegou a compreender o que significam as palavras: "A água que eu lhe der, virá a ser nêle uma fonte de água que mana para a vida eterna."

O Senhor supriu o dinheiro para Moody construir um edifício provisório, para realizar os cultos em Chicago. Era de madeira rústica, forrado de papel grosso para evitar o frio; o teto era sustentado por fileiras de estacas colocadas no centro. Nesse templo provisório realizaram-se os cultos, durante três anos, no meio dum deserto de cinzas. A maior parte do trabalho de construção fôra feita pelos membros que moravam em ranchos ou mesmo em lugares escavados por debaixo das calçadas das ruas. No primeiro culto assistiram mais de mil crianças com seus respectivos pais!

Êsse templo provisório serviu de morada para Moody e Sankey, seu evangelista-cantor; eram tão pobres como os outros em redor, mas tão cheios de esperança e gôzo que conseguiram levar muitos a se tornarem ricos, apesar de nada possuírem. Onda após onda de avivamento passou sôbre o povo. Os cultos continuavam dia e noite, quase sem cessar, durante alguns meses. Multidões choravam seus pecados, às vêzes, dias inteiros e no dia seguinte, perdoados, clamavam e louvavam em gratidão a Deus. Homens e mulheres até então desanimados participavam do gôzo transbordante de Moody, transformado pelo batismo do Espírito Santo.

Não muito depois de haver construído o templo permanente (com assentos para 2.000 pessoas — e sem endividar-se!), Moody fêz a sua segunda viagem à Inglaterra. Nos seus primeiros cultos nesse país, encontrou as igrejas frias, com pouca assistência e o povo sem

interêsse nas suas mensagens. Mas a unção do Espírito, que Moody recebera nas ruas de Nova York, ainda permanecia na sua alma e Deus o usou como Seu instrumento para um avivamento mundial.

Não desejava métodos sensacionais, mas usou os mesmos métodos humildes até o fim da vida: o sermão era dirigido direto aos ouvintes; a aplicação prática da mensagem do Evangelho à necessidade individual; solos cantados sob a unção do Espírito; o apêlo para que o perdido se entregasse imediatamente; uma sala ao lado aonde levava os que se achavam em "dificuldades" em aceitar a Cristo; a obra depois, que os salvos faziam entre os "interessados" e recém-convertidos; diàriamente uma hora de oração ao meio dia e cultos que duravam dias inteiros.

O próprio Moody disse estas palavras: "Se estamos cheios do Espírito, e de poder, um dia de serviço vale mais do que um ano de serviço sem êsse poder." Outra vez acrescentou: "Se estamos cheios do Espírito, ungidos, nossas palavras alcançarão os corações do povo."

Na Inglaterra, as cidades de York, Sunderland, Bishop, Auckland, Carlisle e Newcastle foram vivificadas como nos dias de Whitefield e Wesley. Na Escócia, em Edinburgh os cultos se realizaram no maior edifício e "a cidade inteira foi comovida." Em Glasgow a obra começou com uma reunião de professores da Escola Dominical, a qual assistiram mais de 3.000. O culto de noite foi anunciado para às 6,30 mas muito antes da hora marcada, o grande edifício ficou repleto e a multidão que não pôde entrar foi levada para as quatro igrejas mais próximas. Essa série de cultos transformou radicalmente a vida diária do povo. Na última noite Sankey cantou para 7.000 pessoas que estavam dentro do edifício e Moody estando do lado de fora, sem poder entrar, subiu numa carruagem e pregou a 20 mil pes-

soas que se achavam congregadas do lado de fora. O côro dirigiu os hinos de cima dum galpão. Em um só culto mais de 2.000 pessoas responderam ao apêlo para se entregarem definitivamente a Cristo.

Durante o verão, pregou em Aberdeen, Montrose, Brechin, Forfar, Huntley, Inverness, Arbroath, Fairn, Nairn, Elgin, Ferres, Grantown, Keith, Rothesay e Campbeltown; muitos milhares assistiam todos os cultos.

Na Irlanda, Moody pregou nos maiores centros com os mesmos resultados, como na Inglaterra e Escócia. Os cultos em Belfast continuaram durante quarenta dias. O último culto foi reservado para os recém-convertidos, os quais só podiam ter ingresso por meio de bilhetes, concedidos gratuitamente. Assistiram 2.300. Belfast fôra o centro de vários avivamentos, mas todos concordam em que nunca houvera um avivamento antes dêsse de resultados tão permanentes.

Depois da campanha na Irlanda, Moody e Sankey voltaram à Inglaterra e dirigiram cultos inesquecíveis em Shefield, Manchester, Birmingham e Liverpool. Durante muitos meses os maiores edifícios dessas cidades eram superlotados de multidões desejosas de ouvirem a apresentação clara e ousada do Evangelho por um homem livre de todo o interêsse e ostentação. O poder do Espírito se manifestou em todos os cultos produzindo resultados que permanecem até hoje.

O itinerário de Moody e Sankey na Europa, findou-se após quatro meses de cultos em Londres. Moody pregava alternadamente em quatro centros. Os seguintes algarismos nos servem para compreender algo da grandeza dessa obra durante os quatro meses: Realizaram-se 60 cultos em Agricultural Hall, nos quais um total de 720.000 pessoas assistiram; em Bow Road Hall, 60 cultos, nos quais 600.000 assistiram; em Camberwell

Hall, 60 cultos, assistência, 480.000; Haymarket Opera House, 60 cultos, 330.000; Vitoria Hall, 45 cultos, 400.000 assistentes.

Como é glorioso acrescentar aqui o seguinte: "As diferenças entre as denominações quasi desapareceram. Pregadores de tôdas as igrejas cooperavam numa plataforma comum — a salvação dos perdidos. Abriram-se de novo as Bíblias e houve um grande interêsse pelo estudo da palavra de Deus."

Quando Moody saiu dos Estados Unidos em 1873, era conhecido apenas em alguns Estados e tinha fama, apenas como obreiro da Escola Dominical e da Associação Cristã de Moços. Mas quando voltou da campanha na Inglaterra em 1875, era conhecido como o mais famoso pregador do mundo. Contudo continuou o mesmo humilde servo de Deus. Foi assim que uma pessoa que o conhecia ìntimamente descreveu sua personalidade: "Creio que era a pessoa mais humilde que jamais conheci... Êle não fingia humildade. No íntimo do seu coração rebaixava-se a si mesmo e super-estimava os outros. Êle salientava outros homens, e se era possível, arranjava para que êles pregassem... Fazia tudo para não aparecer."

Ao chegar novamente aos Estados Unidos, Moody recebeu convites, para pregar, de tôdas as partes da nação. Sua primeira campanha (em Brooklyn) foi um modêlo para tôdas as outras. As denominações cooperavam; alugaram um prédio que se comportava 3.000 pessoas. O resultado foi uma grande e permanente obra.

Durante um período de vinte anos êle dirigiu campanhas com grande resultados nas maiores cidades dos Estados Unidos, Canadá e México. Em diversos lugares as campanhas duraram seis meses. Em todos os lugares Moody proclamava clara e pràticamente a mensagem do Evangelho.

Nas suas campanhas havia ocasiões que eram realmente dramáticas. Em Chicago, o Circo Forepaugh, com uma tenda de lona que tinha assentos para 10.000 pessoas e lugares para outras 10.000 em pé, anunciou representações para dois Domingos. Moody alugou a tenda para os cultos de manhã, os donos achando muita graça em tal tentativa. Mas no primeiro culto a tenda ficou repleta. Foram tão poucos os que assistiram as representações do circo à tarde que os donos resolveram não fazer as representações no segundo domingo. Entretanto o culto realizou-se sob a lona no segundo domingo, o calor era tanto que dava a impressão de matar a todos os assistentes, porém, 18.000 ficaram em pé, banhados em suor e esquecidos do calor. No silêncio que reinava enquanto Moody pregava, o poder desceu e centenas foram salvos. Acêrca de um dêsses cultos certo assistente deu estas impressões:

"Nunca jamais me esquecerei de certo sermão que Moody pregou. Foi no Circo de Forepaugh durante a Exposição Mundial. Estavam presentes 17.000 pessoas, de tôdas as classes e de tôdas as qualificações. O texto do sermão foi: "Pois o Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido." Grandiosa era a unção do pregador; parecia que estava em íntimo contacto com todos os corações daquela massa de gente. Moody disse repetidamente: "Pois o Filho do Homem veio — veio hoje ao Circo de Forepaugh — para procurar e salvar o que se perdera." Escrito e impresso, isso parece um sermão comum, mas as suas palavras, pela santa unção que lhe sobreveio, tornaram-se palavras de espírito e de vida."

Durante a Exposição Mundial, no dia designado em honra da cidade de Chicago, todos os teatros da cidade fecharam, porque se esperava que todo o mundo fôsse a Exposição a seis quilômetros de distância. Porém

Moody alugou o Central Music Hall e R. A. Torrey testificou de que a assistência era tão grande que êle só conseguiu entrar por uma janela do fundo do prédio. Os cultos de Moody continuaram tão concorridos que a Exposição Mundial teve de descontinuar nos domingos por falta de assistência.

Henrique Moorehouse, pregador escocês dá a seguinte opinião acêrca dos discursos de Moody:

"(1) Crê firmemente que o Evangelho salva os pecadores, quando êles crerem, e confia na história simples do Salvador crucificado e ressuscitado.

(2) Espera a salvação de almas, quando prega, e o resultado é que Deus honra a sua fé.

(3) Prega como se nunca jamais se realizasse outro culto e como se os pecadores nunca mais tivessem oportunidade de ouvir o som do Evangelho. Seus apêlos a decisão *agora mesmo* são comoventes.

(4) Consegue levar os crentes a trabalhar com os interessados depois do sermão. Insiste que perguntem aos que estão assentados ao lado se são salvos ou não. Tudo na sua obra é muito simples e aconselha os obreiros da seara do Senhor a aprenderem de nosso amado irmão algumas lições preciosas sôbre a obra de ganhar almas."

Dr. Dale disse: "Acêrca do poder de Moody, acho difícil falar. É tão real e ao mesmo tempo tão diferente do poder dos demais pregadores, que não sei descrevê-lo. Sua realidade é inegável. Um homem que pode cativar o interêsse de um auditório de três a seis mil pessoas, meia hora de manhã, durante quarenta minutos, de novo, ao meio dia e que pode ganhar o interêsse de um terceiro auditório de 13 a 15 mil durante quarenta minutos à noite, deve ter um poder extraordinário."

Acêrca dêsse poder maravilhoso, Torrey testificou: "Várias vêzes tenho ouvido diversas pessoas dizerem: Viajamos grandes distâncias para ver e ouvir D. L. Moody, e êle era de fato um maravilhoso pregador. Sim, êle era em verdade um maravilhoso pregador; considerando tudo, o mais maravilhoso que eu jamais ouvi; era grande o privilégio de ouvi-lo pregar, como só êle sabia pregar. Contudo, conhecendo-o ìntimamente, quero testificar que Moody era maior como *intercessor* do que como pregador. Enfrentando obstáculos aparentemente invencíveis êle sabia vencer tôdas as dificuldades. Sabia, e cria no mais profundo de sua alma, que não havia nada demasiadamente difícil para Deus fazer, e que a oração podia conseguir tudo que Deus pudesse realizar."

Certo dia, na sua grande campanha em Londres, Moody estava pregando num teatro repleto de pessoas da alta sociedade, e entre elas havia um membro da família real. Moody levantou-se e leu Lucas 4:27: "E havia muitos leprosos em Israel no tempo do profeta Eliseu..." Ao encontrar a palavra "Eliseu", êle não a podia pronunciar e começou a gaguejar e balbuciar. Começou a ler o versículo de novo mas ao chegar a palavra "Eliseu" não podia passar adiante. Experimentou a terceira vez e falhou pela terceira vez. Então fechou o livro e muito comovido olhou para cima, dizendo: "O' Deus! Usa esta língua de gago para proclamar Cristo crucificado a êste povo." Desceu sôbre êle o poder de Deus e derramou sua alma em tal torrente de palavras que o auditório inteiro ficou como que derretido pelo fogo divino.

Foi durante essa segunda visita às Ilhas Britânicas que fêz a sua obra entre os homens das duas célebres universidades, Oxford e Cambridge. É uma história muitas vêzes repetida de como êle, sem instrução, mas com diplomacia e bom senso, venceu a censura e fêz,

entre os intelectuais o que alguns consideram a maior obra da vida.

Apesar de Moody não ter instrução acadêmica, reconhecia o grande valor da educação e sempre aconselhava a mocidde a se preparar para manejar bem a Palavra de Deus. Reconhecia a grande vantagem de instrução também para os que pregam no poder do Espírito Santo. Ainda existem três grandes monumentos às suas convicções nesse ponto — as três escolas que êle fundou: (1) O Instituto Bíblico em Chicago, com 38 prédios e 16.000 alunos matriculados nas aulas diurnas, noturnas e Cursos por Correspondência. (2) O Northfield Seminário, com 490 alunos. (3) A escola de Monte Hermom, com 500 alunos.

Entretanto ninguém se engane como alguns dêsses alunos e como diversos crentes entre nós, pensando que o grande poder de Moody era mais intelectual do que espiritual. Nesse ponto êle mesmo falava com ênfase; para maior clareza citamos o seguinte de seu "Short Talks": "Não conheço coisa mais importante que a América precise do que de homens e mulheres inflamados com o fogo do céu; nunca encontrei um homem ou uma mulher inflamado com o Espírito de Deus que fracassasse. Creio que isso seja mesmo impossível; tais pessoas nunca se sentem desanimadas. Avançam mais e mais e se animam mais e mais. Amados se não tendes essa iluminação, resolvei adquiri-la, e orai: "O' Deus ilumina-me com Teu Espírito Santo!"

No que R. A. Torrey, escreveu aparece o espírito dessas escolas que fundou: "Moody costumava escrever-me antes de iniciar uma nova campanha, dizendo: Pretendo dar início ao trabalho no lugar tal e em tal dia; peço-lhe que convoque os estudantes para um dia de jejum e oração. Eu lia essas cartas aos estudantes e lhes dizia: Moody deseja que tenhamos um dia de

jejum e oração para pedir, primeiramente, as bênçãos divinas sôbre nossas próprias almas e nosso trabalho, e, depois, sôbre êle e seu trabalho. Muitas vêzes ficávamos ali na sala das aulas até alta noite — ou mesmo até à madrugada — clamando a Deus, porque Moody nos exortava a esperar até que recebessemos a bênção. Quantos homens e mulheres não tenho eu conhecido, cujas vidas e cujos caractéres foram transformados por aquelas noites de oração, e quantos têm conseguido grandes coisas, em muitas terras, como resultado daquelas horas gastas em súplicas a Deus!"

"Até ao dia da minha morte não poderei me esquecer de 8 de Julho de 1894. Era o último dia da Assembléia dos Estudantes de Northfield... Às 15 horas reunimo-nos em frente à casa da progenitora de Moody... Havia 456 pessoas em nossa companhia... Depois de andarmos alguns minutos Moody opinou que podíamos parar. Nós nos sentamos nos troncos de árvores caídas, nos rochedos, ou no chão. Moody então franqueou a palavra, dando licença para qualquer estudante expressar-se. Uns 75 dêles, um após outro, se levantaram, dizendo: "Eu não pude esperar até às 15 horas, mas tenho estado sòzinho com Deus desde o culto de manhã e creio que posso dizer que recebi o batismo do Espírito Santo." Ouvindo o testemunho dêsses jovens, Moody sugeriu o seguinte: "Moços, por que não podemos ajoenhar-nos aqui, agora, e pedir que Deus manifeste em nós o poder do Seu Espírito de um modo especial, como fêz com os apóstolos no dia de Pentecostes? E ali na montanha oramos."

"Na subida tínhamos notado como se iam acumulando nuvens pesadas; no momento em que começamos a orar principiou a chuva a cair sôbre os grandes pinheiros e sôbre nós. Porém houve uma outra qualidade de nuvem que há dez dias estava se acumulando sôbre

a cidade de Northfield — uma nuvem cheia da misericórdia, da graça e do poder divinos, de sorte que naquela hora parecia que nossas orações furaram essas nuvens e que desceu sôbre nós em grande poder a virtude do Espírito Santo. Homens e mulheres, eis o de que todos nós carecemos — *o Batismo com o Espírito Santo.*"

Que Moody mesmo era um estudante incansável, vê-se no seguinte: "Todos os dias da sua vida, até ao fim, segundo creio, êle se levantava muito cedo de manhã para meditar na Palavra de Deus. Costumava deixar sua cama às quatro horas da madrugada, mais ou menos, para estudar a Bíblia. Um dia êle me disse: "Para estudar, preciso me levantar antes que as outras pessoas acordem. Êle se fechava num quarto afastado do resto da família, sòzinho com sua Bíblia e com seu Deus."

"Pode-se *falar* em poder, porém, ai do homem que negligenciar o único Livro dado por Deus, que serve de instrumento, por meio do qual Êle dá e exerce Seu poder. Um homem pode ler inúmeros livros e assistir a grandes convenções; pode promover reuniões de oração que durem noites inteiras, suplicando o poder do Espírito Santo, mas se tal homem não permanecer em contacto íntimo e constante com o único Livro, a Bíblia, não lhe será concedido o poder. Se já tem alguma fôrça não conseguirá mantê-la, senão pelo estudo diário, sério e intenso daquêle Livro."

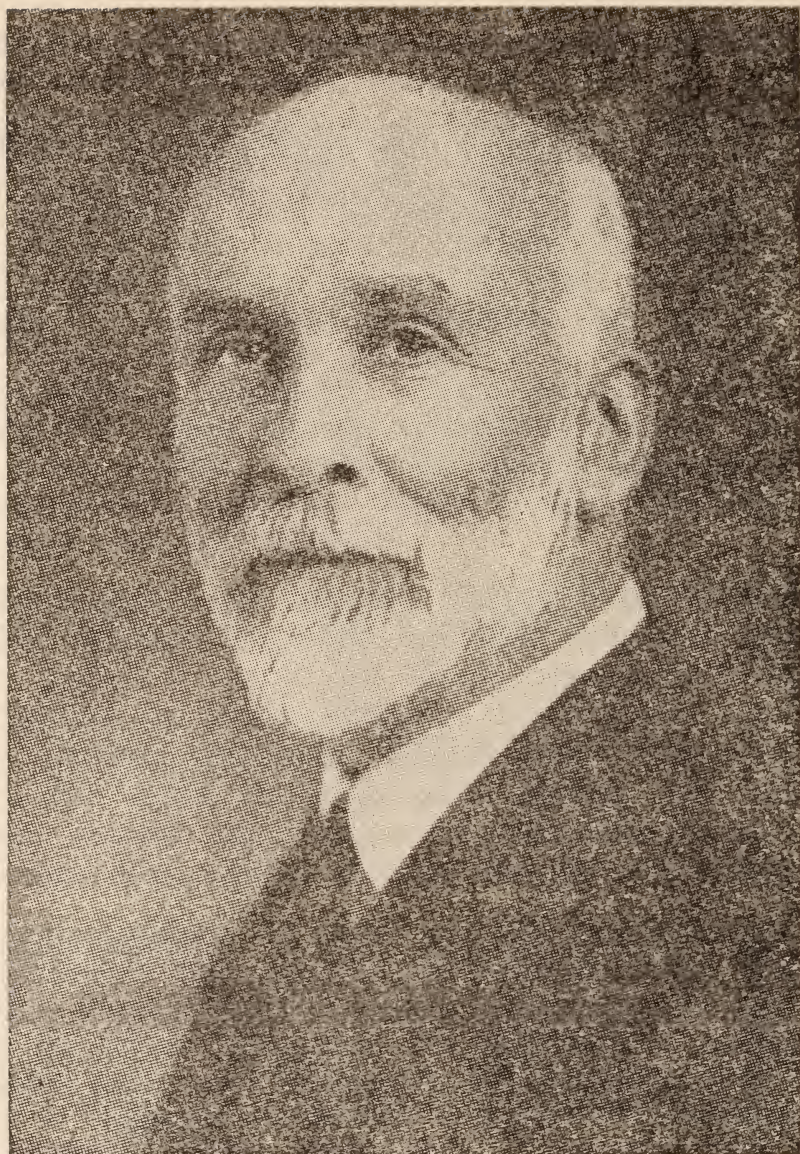
Tudo no mundo tem que findar; chegou o tempo também para o ministério de D. L. Moody findar aqui na terra. Em 16 de Novembro de 1899, no meio de sua campanha em Kansas City, com auditórios de 15.000 pessoas, pregou seu último sermão. É provável que soubesse que seria seu último: certo é, que seu apêlo era

ungido com poder do alto e centenas de almas foram ganhas para Cristo.

Para a nação, a sexta-feira, 22 de Dezembro de 1899, foi o dia mais curto do ano, mas para D. L. Moody o dia que clariou, foi o comêço do dia que nunca findará. Às seis horas da manhã dormiu um ligeiro sono. Então os seus queridos ouviram-no dizer em voz clara: "Se isto é a morte, não há nenhum vale. Isto é glorioso. Entrei dentro das portas e vi as crianças! (Dois de seus netos já falecidos). A terra recua; o céu se abre perante mim. Deus está me chamando!" Então virou-se para a sua espôsa, a quem êle queria mais de que a tôdas as pessoas a não ser Cristo, e disse: "Tu tens sido para mim uma *boa* espôsa."

No singelo culto fúnebre, Torrey, Scofield, Sankey e outros falaram à grande multidão comovida que assistiu. Depois o ataúde foi levado pelos alunos da Escola Bíblica de Monte Hermon a um lugar alto que ficava próximo, chamado "Round Top". Três anos depois a fiel serva de Deus, Ema Moody, sua espôsa, também dormiu em Cristo e foi enterrada ao seu lado no mesmo alto, até ao glorioso dia da ressurreição.

Contemplemos de novo, por um momento, a vida extraordinária dêsse grande ganhador de almas. Quando o jovem Moody chorava sob o poder do alto na pregação do jovem Spurgeon, foi inspirado a exclamar: "Se Deus pode usar Spurgeon, Êle me pode usar também!" A biografia de Moody é a história de como êle vivia completamente submisso a Deus, para êsse fim. R. A. Torrey disse: "O primeiro fator por cujo motivo Moody foi instrumento tão útil nas mãos de Deus é que era homem inteiramente submisso à vontade divina. Cada grama daquêle corpo de 127 quilos pertencia ao Senhor; tudo que êle era e tudo que tinha

pertenciam inteiramente a Deus... Se nós, tu e eu, queremos ser usados por Deus, temos que nos submeter absolutamente e sem reserva." Leitor, resolve agora, com a mesma determinação e pelo auxílio divino: "Se Deus podia usar Dwight Lyman Moody, Êle me pode usar também." Que assim seja!

Jônatas Goforth

Por gentileza da Zonervan Publishing House

JÔNATAS GOFORTH

"POR MEU ESPÍRITO"

1859-1936

Certo dia, no ano de 1900, em Changte, no interior da China, passou um correio galopando à doida. Levava um despacho da imperatriz para o governador ordenando que tomasse medidas para exterminar imediatamente todos os estrangeiros. Na horrenda carnificina que se seguiu, Jônatas Goforth, com sua espôsa e filhinhos, foram cercados por milhares de boxers, determinados a tirar-lhes a vida.

O pai da família, ao cair no chão com uma tremenda pancada que quase lhe partiu o crâneo, ouviu uma voz dizer-lhe: "Não temas! Teus irmãos estão orando por ti." Antes de ficar inconsciente, viu chegar a galope um cavalo que ameaçava atropelá-lo. Ao voltar a si, viu que o cavalo caíra ao seu lado, esperneando de tal maneira que os seus atacantes foram obrigados a desistirem do propósito de o matar.

Assim o missionário reconheceu que a mão de Deus o guardou maravilhosa e constantemente durante todo o tempo do morticínio dos boxers, no qual centenas de crentes foram mortos. Jônatas Goforth e sua família, foram salvos das inúmeras situações angustiosas

entre o povo amotinado até que, por fim, vinte dias depois, chegaram ao litoral do país.

Rosalind e Jônatas Goforth viviam as suas vidas escondidos com Cristo em Deus. Eis como viviam, nas suas próprias palavras: "Não é sòmente tolice aceitar para nós mesmos a glória que pertence a Deus, mas é grave pecado, porque o Senhor diz: "A minha glória a outrem não darei."

Quando ainda jovem, Jônatas Goforth adotou as palavras de Zacarias 4:6 como lema da sua vida: "Não por fôrça nem por violência, mas por meu espírito, diz o Senhor dos Exércitos."

Alguém que o conhecia ìntimamente escreveu: "Antes de tudo, Jônatas Goforth era um ganhador de almas. Foi por essa razão que se tornou missionário ao estrangeiro; não havia outro interêsse, outra atividade, outro ministério que lho atraísse... Com o fogo do amor de Deus no coração, êle manifestava um entusiasmo irresistível e uma energia incansável. Nada podia impedir os esforços dinâmicos na obra, para a qual Deus o chamara. Era assim tanto aos setenta e sete anos como quando tinha cinqüenta e sete. Com a perda da vista durante os últimos três anos da sua vida, não diminuíram seus esforços — parece que aumentaram."

Revela-se, nas suas próprias palavras, como foram lançados os alicerces da sua vida constantemente esforçada no serviço do Senhor: "Minha mãe, quando eu e meus irmãos eramos ainda crianças, com desvêlo incessante, nos ensinava as Escrituras e orava conosco. Uma coisa, que tinha grande influência sôbre a minha vida, era o fato de minha mãe me pedir que lesse os Salmos para ela em voz alta. Tinha apenas cinco anos, quando comecei a fazer êsse exercício e achei a leitura

fácil. Com a continuação adquiri o costume de decorar as Escrituras, coisa que continuei a fazer com grande proveito."

Todos podemos testificar que é fácil fazer com que a leitura das Escrituras e a oração degenerem em monótona formalidade. Mas, ao contrário, o semblante de Jônatas Goforth se iluminava com o reflexo da glória das Escrituras que recebia na alma. Depois da sua morte uma criada católica romana declarou o seguinte: "Quando o sr. Goforth se hospedava na casa onde trabalho, eu mirava seu rosto e perguntava a mim mesma: O rosto de Deus pode ser assim?"

Acêrca da conversão de seu pai, Jônatas escreveu: "No tempo da minha conversão, morava com meu irmão Guilherme. Certa vez, nossos pais nos visitaram, passando conosco mais ou menos um mês. Fazia tempo que o Senhor me dirigira a fazer culto doméstico. Assim, certo dia, anunciei: "Faremos culto doméstico hoje e peço que todos se reunam depois do jantar". Esperava que meu pai se manifestasse contrário, porque em casa não costumavamos dar graças antes das refeições, quanto mais fazer culto doméstico! Li um capítulo de Isaías e depois de falar algumas palavras, oramos juntos, de joelhos. Continuamos a realizar os cultos domésticos durante o tempo que eu estava em casa. Depois de alguns meses meu pai foi salvo."

O jovem Goforth, no tempo de estudante no ginásio, visava ser advogado, até que, certo dia, leu a inspiradora biografia do pregador, Roberto McCheyne. Não sòmente se desvaneceram, para sempre, tôdas as suas visões de ambição, mas êle dedicou, também, a vida a levar almas ao Salvador. Nesse tempo "devorou" os seguintes livros: "Os Discursos de Spurgeon"; "Os Melhores Sermões de Spurgeon", "Graça Abundante" (Bunyan) e "O Descanço dos Santos" (Baxter). A Bí-

blia, contudo, era o seu livro predileto, e costumava levantar-se duas horas mais cedo para estudar as Escrituras, antes de se ocupar em qualquer outro serviço do dia.

Acêrca da sua chamada, nesse tempo, êle escreveu: "Apesar de sentir-me dirigido ao ministério da Palavra, recusava terminantemente a ser missionário no estrangeiro. Mas um colega me convidou a assistir uma reunião de um missionário, o qual fêz o seguinte apêlo: "Faz dois anos que passo de cidade em cidade contando a situação de Formosa e rogando que algum jovem se ofereça para me auxiliar. Mas parece que não consegui transmitir a visão a nenhum. Volto, então, sòzinho. Dentro de pouco tempo meus ossos estarão embranquecendo na encosta dum morro em Formosa. Quebranta-me o coração saber que nenhum moço se sente dirigido a continuar o trabalho que iniciei."

"Ao ouvir essas palavras, senti-me vencido pela vergonha. Se o chão tivesse me engulido, teria sido um alívio. Eu, comprado com o precioso sangue de Cristo, ousava planejar a minha vida como eu mesmo queria. Ouvia a voz do Senhor dizer: "A quem enviarei, e que há de ir por nós?" E respondi: "Eis-me aqui, envia-me a mim". Desde então sou missionário. Lia àvidamente tudo que podia achar acêrca das missões no estrangeiro e me esforçava por transmitir aos outros a visão que eu alcançara — a visão dos milhões da terra sem oportunidade de ouvirem um pregador."

Por fim chegou o tempo de iniciar seus estudos em Toronto. O primeiro domingo êle o passou trabalhando entre os prisioneiros na prisão "Don", um costume que continuou durante todos os anos dos estudos nessa cidade. Durante a semana, êle dedicava muito tempo a andar de casa em casa ganhando almas para Cristo.

Quando o diretor do colégio, onde estudava, lhe perguntou quantas casas visitara durante os meses de Junho a Agôsto, êle respondeu: "Novecentas e sessenta."

Foi nesse tempo dos estudos que Jônatas Goforth se casou com Rosalind Bell-Smith. Acêrca dêsse ato, ela escreveu: "Comecei, aos vinte anos de idade, a orar pedindo que, se o Senhor desejasse que eu me casasse, Êle me dirigisse a um moço inteiramente dedicado a Êle e a Seu serviço... Certo domingo achei-me em uma reunião de obreiros da Toronto Mission Union. Um pouco antes de começar a reunião, alguém à porta chamou Jônatas Goforth. Êle, ao levantar-se para ir lá fora, deixou a Bíblia na cadeira. Então eu fiz uma coisa que nunca pude explicar, nem para a mesma achei desculpas; senti-me impelida a ir à cadeira dêle, apanhei a Bíblia e voltei à minha cadeira. Ao folhear ràpidamente o livro, achei-o quase gasto pelo uso, e marcado de capa a capa. Fechei-o e, sem demora, coloquei-o de novo na cadeira de seu dono. Tudo isso aconteceu em um intervalo de poucos segundos. Ali mesmo sentada no culto eu disse a mim mesma: "Êsse é o moço com quem seria bom que eu me casasse."

A moça continuou: "No mesmo dia fui apontada, juntamente com outras para abrir um ponto de pregação em outra parte de Toronto: Jônatas Goforth estava também entre o grupo. Durante as semanas que se seguiram, eu tive muitas oportunidades de ver a verdadeira grandeza dêsse homem, a qual nem seu exterior desprezível podia esconder. Assim quando êle me perguntou: "Queres unir a tua vida à minha para irmos à China?". Sem vacilar um só momento, respondi: "Quero". Mas alguns dias depois, foi grande a minha surprêsa quando êle me perguntou: "Prometes-me nunca me impedir de colocar o Senhor e a Sua

obra em primeiro lugar, mesmo antes de ti?" Era essa mesma a qualidade de moço que eu pedira, em oração, para que Deus mo desse como marido, e firmemente respondi: "Prometo fazê-lo sempre." (Oh, como era benigno o Mestre, ao esconder-me o que essa promessa significava!)"

"Poucos dias depois de eu haver prometido o que me pediu, veio a primeira prova. Eu sonhava (como vaso mulheril) com o bonito anel de casamento que ia receber. Foi então que Jônatas me disse: "Não te importas se eu te não comprar uma aliança?" A seguir explicou com grande entusiasmo, como se esforçava na distribuição de livros e folhetos sôbre o trabalho na China. Queria economizar o mais possível para essa importante obra. Ao ouvi-lo e depois de contemplar a luz no seu rosto, as visões de uma aliança bonita desvaneceram. Era a minha primeira lição sôbre os verdadeiros valores."

Em 19 de Janeiro de 1888, centenas de crentes se reuniram na estação em Toronto para se despedirem do casal Goforth que ia trabalhar na obra de Deus na China. Antes de sair o trem, todos baixaram a cabeça em oração e, ao partir o trem, a grande multidão cantava: "Avante Soldados de Cristo". E, uma vez fora da estação, os dois no trem rogaram a Deus que os guardassem para viverem eternamente dignos da grande confiança que êsses irmãos depositaram nêles.

Não muito depois de chegarem à China, Hudson Taylor lhes escreveu: "Faz dez anos que a nossa missão se esforça para entrar no sul da província de Honã e sòmente agora é que o conseguimos... Irmão, se quer entrar nessa província, deve *avançar de joelhos.*" Se a China Inland Mission, com missionários e auxiliares experientes na língua e nos costumes do povo sofreu fracasso durante dez anos nessa província, como podia

entrar êle, jovem, inexperiente e sem conhecer a língua?! As palavras de Hudson Taylor, *"avançar de joelhos"*, tornaram-se o lema da missão de Goforth para entrar no norte de Honã.

Jônatas Goforth levou mais tempo a aprender a língua, do que seu companheiro que chegara um ano depois dêle. Certo dia, ao sair para pregar, êle, em grande desespêro, disse à sua espôsa: "Se o Senhor não operar um milagre para eu aprender essa língua, serei um grande fracasso como missionário!" Duas horas depois voltou, dizendo: "Oh, Rosa! Que maravilha! Ao começar a pregar, as palavras e as frases tornaram-se tão fáceis que o povo me compreendeu bem." Dois meses depois receberam uma carta dos estudantes no colégio Knox, em Toronto, contando como em certo dia e certa hora êles se reuniram para orar por êles — "Sòmente pelos Goforth" — e como ficaram convencidos de que êles foram abençoados por Deus, porque sentiram tanto a presença e o poder de Deus na oração. Goforth, ao abrir seu diário, descobriu que foi no mesmo dia e hora que Deus lhe deu a habilidade de falar fluentemente. Alguns anos depois certo patrício seu, que falava bem o chinês, disse-lhe acêrca do seu estilo de falar: "Compreende-se a fala do senhor sôbre uma área maior do que de qualquer outra pessoa que conheço."

Um missionário veterano assim aconselhou a Goforth: "Os chineses têm tantos preconceitos do nome de Jesus que deve esforçar-se para demolir os deuses falsos e só depois mencionar o nome de Jesus, se houver oportunidade." Ao contar isso à sua espôsa, Goforth exclamou indignado: "Nunca! *Nunca!* NUNCA!" E em nenhum tempo êle se levantou para pregar sem a Bíblia aberta na mão.

Quando, alguns anos depois, os missionários novatos lhe perguntaram o segrêdo do fruto extraordinário

do seu ministério, êle respondeu: "Deixo Deus falar às almas dos ouvintes por intermédio da Sua própria Palavra. Meu único segrêdo para tocar no coração dos mais vis pecadores é mostrar-lhes a sua necessidade e pregar-lhes o Salvador poderoso para os salvar... Êsse era o segrêdo de Lutero,, era o segrêdo de João Wesley e ninguém se aproveitou mais dêsse segrêdo do que D. L. Moody." Para manejar a "Espada do Espírito" com grande execução, Goforth a "afiava", estudando-a diàriamente, sem falhar. Em vez de falar contra os ídolos, êle exaltava a Cristo crucificado, o Qual atraía os pecadores para deixarem as suas vaidades.

Em 1896, êle escreveu: "Depois de chegar a Changte, há cinco meses, o poder do Espírito Santo se manifesta quase diàriamente para nos alegrar. Durante êsses meses um total de mais de 25.000 homens e mulheres nos visitaram em casa, e todos ouviram a pregação do Evangelho. Pregamos na média de oito horas por dia. Há, às vêzes, mais de cinqüenta mulheres de uma vez no terraço (Êle pregava aos homens, enquanto a sua espôsa pregava às mulheres)... Quase tôdas as vêzes que levantamos Cristo como Redentor e Salvador, o Espírito Santo salva alguém e, às vêzes, dez a vinte."

Contudo, não se deve pensar que êsses missionários escaparam de grandes tribulações. Não muito depois de chegarem à China um incêndio destruiu tôdas as suas possessões terrestres. O calor do verão era tão intenso que sua primogênita, Gertrude, faleceu e foi necessário levar o cadáver a uma distância de 75 quilômetros a um lugar onde se permitia enterrar os estrangeiros. Quando faleceu outro filhinho, Donald, foi necessário fazer de novo a mesma longa viagem de 75 quilômetros com os restos mortais. Depois de passarem doze anos na China, novamente perderam tudo quanto

tinham em casa, quando as águas de uma enchente subiram à altura de dois metros dentro da casa.

No ano 1900, logo após de outra filha, Florença, morrer de meningite, veio a insurreição dos Boxers — acêrca da qual nos referimos no início da presente biografia. No levantamento dos Boxers, muitas centenas de missionários e crentes foram brutalmente mortos. Só a mão de Deus os guiou e os sustentou na fuga de Changté — uma viagem de 1.500 quilômetros, em tempo de intenso calor e de doença em um dos quatro filhos. Inúmeras vêzes foram cercados pelas multidões que clamavam: "Matai-os! Matai-os!" Uma vez a multidão enfurecida arremessou pedras tão grandes que quebraram as espinhas dos cavalos que puxavam a carroça, mas tôdas as pessoas do grupo escaparam! Goforth levou vários golpes de espada, um dos quais atingiu o osso do braço esquerdo, quando o ergueu para defender a cabeça. Apesar do grosso capacete, que tinha na cabeça, ficar quase inteiramente cortado em pedaços, êle conseguiu manter-se em pé até que recebeu um golpe que por pouco não lhe partiu o crâneo. Mas Deus não permitiu que a mão dos homens os destruíssem, porque ainda tinha uma grande obra para fazer na China por intermédio dêsses servos. Assim, sem poderem cuidar das feridas e com as roupas ensanguentadas, o grupo enfrentava as multidões furiosas, dia após dia, até alcançar Shanghai. De lá a família embarcou em um navio para o Canadá.

Logo que diminuiu o perigo na China, os nossos incansáveis heróis estavam novamente ocupados no trabalho em Changté. A região foi dividida em três: a parte que caiu em sorte a Goforth era o vasto território ao norte da cidade com inúmeras vilas e povoados.

O plano de Goforth era alugar uma casa em um centro importante, passar um mês evangelizando e, de-

pois, mudar-se para outro centro. Queria que a sua espôsa pregasse no pátio da casa de dia enquanto êle e seus auxiliares pregavam nas ruas e nos povoados em redor. À noite faziam os cultos juntos, ela tocando o harmonium. No fim do mês podiam deixar um dos auxiliares para ensinar os novos convertos enquanto o grupo passava para outro centro. Acêrca dêsse plano a espôsa de Goforth escreveu:

"De fato o plano foi bem concebido, a não ser uma coisa: *não se lembrou das crianças*... Lembrei-me de como os meninos com varíola, em Hopei, me cercaram quando segurava a criança no colo — lembrei-me das quatro covas de nossos pequeninos e endureci o coração como a pederneira contra o plano. Como meu marido suplicava dia após dia! "Rosa, por certo o plano é de Deus e receio o que possa acontecer aos filhos se desobedecermos. *O lugar mais seguro para ti e os filhos é no caminho da obediência*. Pensas em guardar os filhos seguros em casa, mas Deus pode mostrar-te que não podes. Contudo Êle guardará os filhos se obedeceres confiando nÊle." Não muito depois, Wallace caiu doente de disenteria asiática e por quinze dias lutamos para salvar a criança; meu marido me disse: "O' Rosa, cede a Deus, antes de perder tudo." Mas parecia-me que Jônatas era duro e cruel. Então nossa filha Constância caiu enfêrma da mesma doença. Deus revelou-se a mim como um Pai em quem eu podia confiar para conservar os meus filhos. Baixei a cabeça e disse: "O' Deus, é tarde demais para a Constância, mas confio em Ti, guarda os meus filhos. Irei aonde quer que me mandes." Na tarde do dia em que a criança faleceu, mandei chamar a sra. Wang, uma crente fervorosa e amada e lhe disse: Não posso contar-lhe tudo agora, mas estou resolvida a acompanhar meu marido nas viagens de evangelização. Quer ir comigo? Com lágrimas nos

olhos, ela respondeu: "Não posso, pois a menina pode adoecer sob tais condições." Não querendo insistir, pedi que ela orasse e me respondesse depois. No dia seguinte ela voltou com os olhos cheios de lágrimas e, com um sorriso, disse: "Irei consigo."

É coisa notável que não faleceu mais nenhum filho dos Goforth, na China, apesar dos muitos anos que passaram na vida nomada de evangelização. Goforth observou tão fielmente seu costume de levantar-se às 5 horas para oração e estudo das Escrituras, como quando estava em casa, em Changté. Geralmente, para o estudo tinha de ficar em pé diante da janela, com as costas viradas para com a família.

Acêrca da obra em Changté, são de Goforth estas palavras: "Nos primeiros anos de meu trabalho na China, contentava-me com a lembrança de que sempre há sementeira antes da colheita. Mas já passaram mais que treze anos e a colheita parecia ainda mais distante. Tinha a certeza que haveria uma coisa melhor para mim se eu tivesse a visão e a fé para adquiri-la. Estavam constantemente perante mim as palavras do Mestre em João 14:12: "Na verdade, na verdade vos digo que aquêle que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas; porque eu vou para meu Pai." E sentia profundamente como no meu ministério faltavam as "maiores obras".

No ano de 1905, Jônatas Goforth leu na Autobiografia de Carlos Finney que um lavrador podia, com muita razão, orar pedindo uma colheita material independente de se cumprirem as leis da natureza, assim como os crentes podem esperar uma grande colheita de almas sem se cumprirem as leis que governam a colheita espiritual. Resolveu então saber quais eram essas leis e decidiu-se a cumpri-las, a qualquer preço.

Fêz um estudo a fundo e de joelhos, sôbre o Espírito Santo e escreveu as notas nas margens da sua Bíblia chinesa. Quando começou a ensinar essas lições aos crentes, houve grande quebrantamento, com confissão de pecados. Foi na grande exposição idolatra de Hsun Hsien que Deus primeiramente mostrou Seu grande poder no ministério de Goforth. Durante o sermão, um obreiro exclamou em voz baixa: "Êsse povo está tão comovido, pela pregação, como a multidão no dia de Pentecostes, pelo sermão de Pedro." Na noite do mesmo dia, num salão alugado e que não comportava tôda a grande multidão pagã que queria assistir, Goforth pregou sôbre o texto: "Levando Êle em Seu corpo os nossos pecados sôbre o madeiro." Quase todos mostraram-se convictos do pecado e quando o pregador fêz o apêlo, levantaram-se clamando: "Queremos seguir a êsse Jesus que morreu por nós!" Um dos obreiros presentes assim expressou o que viu: "Irmão, Aquêle a quem oramos durante tanto tempo para que viesse, veio de fato esta noite." Nos dias que se seguiram, pecadores foram salvos em todos os pontos de pregação e em todos os cultos.

Acêrca do avivamento, que nesse tempo visitou a Coréia (país de dez milhões de habitantes), um dos missionários escreveu acêrca do que presenciou: "Os missionários eram como os demais crentes; não havia alguém entre êles de talento extraordinário. Viviam e trabalhavam como quaisquer outros, a não ser nas orações... Nunca senti a presença divina como a senti nos seus rogos a Deus. Parecia que êsses missionários nos levavam ao próprio trono no céu... Fui muito impressionado, também, ao ver como o avivamento era prático... Havia dezenas de milhares de homens e mulheres completamente transformados pelo fogo divino. Grandes templos, com assentos para 1.500 pessoas, ficavam superlotados; era necessário realizar um culto

para os homens e, em seguida, outro para as mulheres, a fim de que todos pudessem assistir. Em todos ardia o desejo de espalhar as "boas novas". Crianças se aproximavam das pessoas que passavam pelas ruas, rogando-lhes que aceitassem a Cristo por seu Salvador... A pobreza do povo da Coréia é conhecida em todo o mundo. Contudo, havia tanta liberalidade nas ofertas, que os missionários não queriam ensinar mais sôbre o dever de contribuir. Havia grande devoção à Bíblia, quase todos levando um exemplar no bolso. E o maravilhoso espírito de oração permeava tudo."

Ao voltar da Coréia, Goforth foi chamado à Manchuria (país de seis milhões de almas). Mais tarde êle escreveu: "Quando iniciei a longa viagem, estava convicto de que eu tinha uma mensagem de Deus para entregar ao povo. Mas não tinha idéia de como presidir um avivamento. Sabia pronunciar um discurso e sabia levar o povo a orar, porém nada mais sabia do que isso..."

Goforth teve um grande desapontamento, ao chegar à Manchuria; os crentes não oravam como lhe prometeram fazer e a igreja estava dividida! Depois do primeiro culto êle, sòzinho no seu quarto, caiu de joelhos em desespêro. E Deus respondeu a sua insistência, enviando tão grande desejo de oração nas igrejas e tão profunda contrição pelo pecado, que elas não sòmente foram purificadas de tôda a classe de pecado, inclusive os mais horrendos crimes, mas os perdidos, em grande número, vinham e eram salvos.

A senha do avivamento do ano de 1859 foi: "Necessário vos é nascer de novo"; a de 1870: "Crê no Senhor Jesus". Mas o moto de Goforth foi: "Não por fôrça, nem por violência, mas por meu Espírito" (Zac. 4:6). Que o Espírito Santo operava em vários lugares na Manchuria, em resposta às orações insistentes e em

face de embaraços de tôda a sorte, vê-se claramente no que êle escreveu acêrca da obra na cidade de Newchang:

"Ao subir para o púlpito, ajoelhei-me um momento, como de costume, para orar. Quando olhei para o auditório, parecia que todos os homens, mulheres e crianças na igreja estivessem com dôres de julgamento. As lágrimas corriam copiosamente e houve confissão de tôda a espécie de pecado. Como se explica isso? A igreja era conhecida como igreja morta e sem mais esperança, contudo, antes de enunciar siquer uma palavra, sem mesmo cantar um hino e antes de orar, começou essa obra maravilhosa. Não há outra explicação: foi o Espírito de Deus, que operou em resposta às orações das igrejas de Mukden, Liaoyang e outros lugares na Manchuria, as quais haviam experimentado a mesma qualidade de avivamento e foram induzidas a interceder por sua pobre e necessitada igreja irmã."

Jônatas Goforth, quando foi para a Manchuria, era quasi desconhecido fora do pequeno círculo da sua denominação. Depois de algumas semanas, quando voltou, os olhos dos crentes de todo o mundo estavam fitos nêle. Contudo, permaneceu o mesmo humilde servo de Deus, reconhecendo que a obra não era dêle mas do Espírito de Deus.

Chansi é conhecida como "a província dos mártires". Certo chinês douto contou a Goforth como presenciara nessa província, durante a Insurreição dos Boxers em 1900, de uma só vez a morte de 59 missionários. Todos êles encararam o carrasco com a maior calma. Uma mocinha, de cabelos louros, perguntou ao governador: "Por que devemos morrer? Os nossos médicos não vieram de países remotos para dar suas vidas para servir ao seu povo? Muitos doentes sem esperança não foram curados? Diversos cegos não receberam a vista? É por causa do bem que fizemos que devemos

morrer?" O governador baixou a cabeça, e não respondeu. Mas um soldado, pegou a mocinha pelos cabelos, e com um só golpe, decepou-lhe a cabeça. Um após o outro foram mortos; todos morreram com um sorriso de paz. Êsse mesmo doutor contou como viu, entre êles, uma senhora falando alegremente ao filhinho. Com um só golpe ela foi prostrada, mas a criança continuou a segurar-lhe a mão; logo a seguir com outro golpe, um pequeno cadaver jazia ao lado do cadaver da mãe.

Foi a essa mesma "província dos mártires" que Deus enviou seus servos, os Goforth, oito anos depois, e aconteceu o que vamos ler: "Em Chuwahsien, não muito depois de começar a falar, vi muitos dos ouvintes baixarem a cabeça, convictos, enquanto as lágrimas corriam-lhe pelas faces. Depois do discurso, todos que experimentaram orar, estavam quebrantados. O avivamento, que começou assim, continuou durante quatro dias. Houve confissão de tôda a qualidade de pecados. O delegado regional se admirou grandemente ao ouvir confissões de homicídio, de roubos e de crimes de tôda a sorte — confissões que êle só conseguiria arrancar dêles açoitando-os até quasi os deixar mortos. Às vêzes, depois de um culto de três horas, ou mais, o povo voltava à casa para continuar a orar. Mesmo em horas tardias da noite havia pequenos grupos reunidos em vários lugares para orarem até quase clariar o dia".

No colégio de moças em Chuwu, na mesma "província dos mártires", "as alunas insistiram para que lhes concedessem tempo para jejuar e orar... No dia seguinte quando as moças se reuniram de manhã, para oração, o Espírito caiu sôbre elas e ficaram de joelhos até à tarde dêsse dia."

Das centenas de exemplos evidentes da operação poderosa do Espírito Santo nos corações, em muitos outros lugares, citaremos aqui apenas os seguintes:

Changté: "Quase setecentas pessoas assistiram pela manhã. Havia um ferver de homens se esforçando para ir à frente, de modo que Goforth só conseguiu pregar à tarde. O culto era contínuo, prolongava-se o dia inteiro, com intervalos para as refeições."

Kwangchow: "A igreja, com assentos para 1.400, não comportava as multidões. O Espírito Santo veio com poder extraordinário. Havia, às vêzes, centenas de pecadores contritos chorando..." Dois endemoninhados foram libertos e se tornaram crentes fervorosos na obra de Deus. Em quatro anos o número dos salvos aumentou de 2.000 para 8.000.

Shuntehfu: "Inesperadamente uma dúzia de homens começaram a orar e a chorar... sem poderem resistir ao poder do Espírito Santo... Velhos discípulos de Confúcio, vinham à frente, quebrantados e humilhados, para confessarem a Cristo como seu Senhor. Um total de quinhentos homens e mulheres foram salvos. Foi, talvez, a maior obra do Espírito Santo que eu tinha visto."

Nanquim: "Assistiram mais de 1.500 pessoas. Centenas que também queriam assistir, não poderam entrar e voltaram à casa. O culto da manhã durou quatro horas. O resto do tempo foi dedicado à oração e confissão de pecados. A massa de pessoas que desejava chegar ao estrado para confessar seus pecados foi tão grande que se tornou necessário construir outra escada... Subi de novo ao estrado, às 3 horas da tarde, para iniciar o segundo culto. Centenas de pessoas, nesse momento, começaram a vir à frente e por isso eu não podia pregar... Às nove horas da noite, seis horas depois de iniciar o culto, fui obrigado a me retirar e embarcar para Pequim onde os crentes me esperavam para outra série de cultos."

Shantung: O avivamento foi tão grande que cêrca de 3.000 membros foram acrescentados à igreja em três anos.

Acêrca dos cultos entre os soldados do general Feng, a espôsa de Goforth escreveu: "Desde o início, sentimos a presença de Deus. Duas vêzes, todos os dias, Goforth tinha auditórios de 2.000 pessoas, principalmente oficiais, os quais se mostravam grandemente interessados... Em três cultos às espôsas foi permitido assistirem e Deus me deu poder para falar-lhes. Quasi tôdas declararam-se prontas a seguir a Cristo. O general Feng, ao experimentar orar, ficou quebrantado... A seguir outros oficiais, um após outro, começaram a clamar a Deus entre soluços e lágrimas."

Assim continuou a obra, ano após ano, geralmente com três cultos por dia e apesar dos grandes obstáculos. No período da sêca de 1920, 30 a 40 milhões dos habitantes em redor encararam a morte pela fome. Em 1924, Goforth assim escreveu à sua espôsa, forçada por doença a voltar ao Canadá: "Completo hoje 65 anos... O', como cobiço, mais que qualquer avarento cobiça o ouro, vinte anos ainda para ganhar almas!"

Depois de completar 68 anos de idade e sua espôsa 62, idades em que a maioria dos homens se afastam de serviço ativo, os dois foram enviados para um campo inteiramente novo, na Manchuria — campo distante, vasto e frio, que se extende até às fronteiras da Rússia e da Mongólia. Acêrca da sua partida, Goforth escreveu:

"Certo dia, em Fevereiro de 1926, a minha espôsa estava deitada esperando a chegada da assistência para levá-la ao Hospital Geral de Toronto. De repente a campainha da porta e a do telefone tocaram simultâneamente. Pelo telefone fomos avisados de que não haveria lugar no hospital antes de três dias. Na porta recebe-

mos um cabograma de general Feng, da China, rogando que eu fôsse sem demora. Nesse momento eu disse-lhe: "Que farei? Não posso deixar-te," pois todos pensavamos que ela não viveria muitos meses mais. Minha espôsa, depois de orar, disse: "Vou contigo." Os membros da junta estavam reunidos na ocasião; apresentei-lhes o cabograma de general Feng e concordaram que eu fôsse. Mas quando os informaram de que a minha espôsa queria acompanhar-me, mostraram-se horrorizados, respondendo que ela morreria no caminho. Respondi-lhes então: "Os irmãos não conhecem essa mulher como eu. Quando ela diz que vai, ela vai! Assim concordaram em que ela fôsse."

Durante muito tempo, avisados pelo cônsul no novo campo na Manchuria, viviam com as malas arrumadas a fim de partirem imediatamente, no caso de haver uma segunda insurreição dos Boxers, como todos esperavam. Contudo, desde o início, Deus honrou o serviço dêsses servos, conforme se lê no que êle escreveu na avançada idade de 70 anos: "Realizam-se três horas de pregação de manhã pelo grupo de missionários e quatro horas à tarde... Desde o primeiro dia houve conversões; às vêzes doze em um só dia. Grande foi o nosso gôzo ao vermos cêrca de duzentas pessoas aceitarem a Cristo durante o mês de Maio."

Havia muito tempo que diversos amigos insistiam que êle escrevesse a história de como o Espírito Santo operava no seu ministério. Em tempo de intenso frio viu-se obrigado a extrair os dentes; durante quatro longos meses sofreu dôres cruciantes nos maxilares, a ponto de não poder pregar. Foi nessa época que seu filho menor chegou do Canadá. Goforth então conseguiu ditar a matéria para o filho datilografar. Dessa forma foi impresso o livro "Por Meu Espírito," obra de grande circulação e influência.

Após quatro anos de serviço, foi-lhe necessário voltar ao Canadá, por causa da vista de sua espôsa. Foi durante êsse tempo que Goforth, também, começou a perder a vista. Enquanto convalescia das operações mal sucedidas, para restaurar-lhe a vista de um ôlho, êle relatou, uma por uma, as histórias da obra na China, histórias que a sua enfermeira estenografou e as quais completam agora o famoso livro intitulado: "Vidas Milagrosas da China."

Em 1931, Goforth e sua espôsa, ela com 67 anos e êle com 72, com os corações ardendo pelo desejo de ganhar almas, voltaram mais uma vez à obra na Manchuria. Quatrocentos, setenta e dois convertidos foram batizados em 1932. Aconteceu, um dia que Goforth voltou de uma viagem evangelística para entrar em casa às apalpadelas. Depois de ficar um momento ao lado da sua espôsa, êle lhe disse em voz baixa: "Receio que a retina do ôlho esquerdo tenha saído do lugar." E assim tinha acontecido. A perda completa de vista era para êle uma tristeza, uma tragédia, sentida por todos. Ao mesmo tempo chegou-lhes uma carta informando-os de uma redução tão grande no que recebiam para o sustento dos misionários e as despesas das viagens evangelísticas que parecia impossível continuar a obra. Foi a maior crise de tôda a vida de Jônatas Goforth. Contudo, sem vacilar, olhou para Deus. A própria cegueira parecia mais uma bênção do que uma aflição; os crentes mostravam-se mais ligados a êle do que antes. Vencendo o desânimo inevitável dos que perdem, a vista, não cessou de pregar, com a Bíblia, que amava, aberta nas mãos. No ano de 1933, setecentos, setenta e oito convertidos foram batizados.

Por fim, os Goforth cederam ao apêlo dos crentes do Canadá a que voltassem para animar as igrejas a enviarem mais missionários. Durante os preparativos

para a viagem souberam que novecentos e sessenta e seis convertidos foram batizados naquele ano, 1934. O culto de despedida foi um dos mais comoventes em tôda a história da obra missionária. O missionário, tão amado pelos crentes, não podia ver, por causa da cegueira, como tinham enfeitado o templo, mas êles bondosamente e com prazer lhe descreveram tudo acêrca das muitas e lindas bandeiras de sêda e veludo que cobriam inteiramente as quatro paredes do templo. Os pregadores que falaram, o fizeram chorando. Um dêles disse: "Agora Elias está para sair de nosso meio e cada um de nós deve tornar-se um Eliseu."

Na hora da despedida, na plataforma da estação estava uma multidão de crentes chorando. Goforth, sentado diante da janela no trem, com o rosto virado para os crentes que tanto amava, mas não podia ver, continuava a fazer-lhes sinais com a cabeça, de vez em quando, levantando os olhos para os céus, indicando assim a bendita esperança de uma reunião no céu. Quando o trem partiu, os crentes com os olhos cheios de lágrimas, tentaram acompanhá-lo, correndo paralelamente a fim de conseguirem olhar mais uma vez para o rosto dos queridos missionários.

Durante dezoito meses, Goforth pregou a grandes auditórios no Canadá e nos Estados Unidos. Dia após dia êsse veterano estava em pé diante dêsses auditórios, com a sua amada Bíblia aberta nas mãos. Abria o livro, aproximadamente nas páginas, das quais citava as passagens de cór, durante o sermão. Isso êle fazia, tendo os olhos abertos e com tanta prática, que era difícil crer que as não lia como outrora.

O ponto principal de suas mensagens descobre-se nestas palavras que êle disse certo dia à sua espôsa: "Querida, acabo de fazer um cálculo mental que prova com certeza qual *o resultado de dar ao Evangelho a*

oportunidade de operar. Se cada um dos missionários enviados à China tivessem levado tantas almas a Jesus como os seis missionários de nosso campo, durante o ano de 1934, o último ano que passamos na Manchuria, isto é, 166 por cada missionário, o número de conversões na China teria alcançado a cifra de quasi um milhão de almas, em vez de apenas 38.724." Isto é, teria sido vinte e cinco vêzes maior!

Certo dia, quando tinha de pregar sòmente à noite, êle disse à sua espôsa: "Em vez de sairmos de casa hoje acho melhor participarmos de um banquete da Palavra. Lê para mim o precioso Evangelho de João." Ela leu dezesseis capítulos dêsse livro. "Percebia-se, que era um verdadeiro banquete para êle, pela atenção que prestava à leitura e no brilho do seu rosto, repetidamente, ao ouvir a leitura de certas passagens." Antes de falecer, tinha lido a Bíblia, de capa a capa, mais de setenta e três vêzes.

Na noite do dia 7 de Outubro de 1936, Jônatas Goforth, depois de um discurso fervoroso e longo, sôbre o tema: "Como o Fogo do Espírito Varreu a Coréia", deitou-se tarde para dormir. Às sete horas da manhã seguinte a sua espôsa levantou-se e vestiu-se. Logo a seguir verificou que foi mais ou menos no momento em que ela se levantou que êle "dormindo aqui na terra, num instante se acordou, *vendo de novo,* na glória." Poucos dias antes êle tinha dito que se regozijava em saber que o primeiro rosto que ia ver, seria o de seu Salvador".

Cinco anos e meio depois de Jônatas Goforth haver dormido no Senhor, Rosalind Goforth reuniu-se ao seu amado marido e companheiro de lutas. As últimas palavras que pronunciou, foram estas: "O Rei me chama. Estou pronta.

Dos dois pode-se dizer, como foi dito a respeito dêle: "Entregava-se a oração e ao estudo da Palavra

para saber a vontade de Deus. Foi êsse amor pela leitura da Bíblia e a comunhão com Deus que lhe deu o poder de comover auditórios e convencê-los do pecado e da necessidade do arrependimento. Em tôdas as ocasiões dominava a sua própria pessoa e confiava inteiramente no poder do Espírito Santo para descobrir as coisas de Jesus aos ouvintes."

Que o mesmo brado de guerra seja sempre nosso: *"Não por fôrça, nem por violência, mas por meu Espírito"* — *"Mas recebereis poder ao descer sôbre vós o Espírito Santo."*